



A PRINCESA
E O
GOBLIN

George MacDonald

GEORGE MACDONALD

A Princesa
e o
Goblin

Tradução Keila Litvak



Título original:
The Princess and the Goblin

© desta edição:
Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução:
Keila Litvak

Copidesque e Revisão:
Vilma Maria da Silva
Ilustrações:
Jessie Willcox Smith
Editor:
Antônio Daniel Abreu
Produção:
Kleber Kohn
Editoração:
ETCetera Editora de Livros e Revistas Ltda.
Fones: (011) 3825-3504 / 3826-4945
Fax: (011) 3826-7770
etceteraeditora@aol.com

Direitos reservados para a língua portuguesa

LANDY

Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda.
Alameda Jaú, 1.791 tel. e fax: (11) 3081-4169 (tronco-chave)
CEP 01420-002 - São Paulo, SP, Brasil
landy @landy . com.br
www.landy.com.br
2003

CAPÍTULO 1

POR QUE HÁ UMA HISTÓRIA SOBRE A PRINCESA



Era uma vez uma princesinha, cujo pai era o rei de um grande país, cheio de montanhas e vales. Seu palácio fora construído sobre uma das montanhas, e era muito majestoso e bonito. A princesa, cujo nome era Irene, nascera lá, mas logo após seu nascimento, pois sua mãe era uma mulher frágil, foi levada para ser criada por camponeses, numa casa grande, meio castelo, meio casa de fazenda, na encosta de uma outra montanha, cerca de metade do caminho entre a base e o pico.

A princesa era uma criaturinha doce, e no tempo em que minha história começa ela estava com cerca de oito anos, acho, mas ela cresceu bem depressa. Seu rosto era muito bonito, os olhos como dois pedacinhos do céu noturno, cada

qual com uma estrela dissolvida no azul. Aqueles olhos, poderia se pensar, tinham vindo de lá, de tantas vezes que se voltavam para aquela direção. O teto do seu quarto era azul, salpicado de estrelas, tão parecido com o céu quanto era possível. Mas duvido que ela jamais tenha visto o verdadeiro céu estrelado, por uma razão que será melhor contar logo.

Aquelas montanhas estavam cheias de lugares ocultos lá embaixo; cavernas enormes e caminhos tortuosos, alguns com água correndo por eles e alguns brilhando com todas as cores do arco-íris quando a claridade penetrava. Não se teria sabido muito sobre eles se não tivesse havido minas ali, fossos grandes e profundos com longas galerias e passagens saindo deles, cavados para se chegar ao minério, abundante naquelas montanhas. No decorrer da escavação, os mineiros chegaram a muitas dessas cavernas naturais. Algumas delas tinham aberturas distantes na encosta de uma montanha, ou em uma ravina.

Ora, nessas cavernas subterrâneas vivia uma estranha raça de seres, chamados por alguns de gnomos, por outros de duendes, e por outros de goblins. Uma lenda corrente no país dizia que houve um tempo em que eles viveram na superfície e eram muito parecidos com os humanos. Mas, por alguma razão ou outra, a respeito da qual existiam diversas lendas, o rei lhes impusera obrigações que eles consideraram demasiadamente pesadas, ou tinha requerido deles o cumprimento de observâncias das quais não gostaram, ou tinha começado a tratá-los com maior severidade, de alguma forma ou outra, e imposto leis mais severas; em consequência, tinham todos desaparecido do país. Contudo, conforme a lenda, em vez de ir para algum outro país, todos se haviam refugiado em cavernas subterrâneas, de onde nunca saíam, exceto a noite, raramente apareciam em grande número e nunca a muitas pessoas de uma vez. Dizia-se que era somente nas partes menos frequentadas e de difícil acesso das montanhas que eles se reuniam, mesmo à noite, ao ar livre. As pessoas que tinham visto alguns deles diziam que tinham mudado muito no transcurso das gerações; o que não era para admirar, pois viviam longe do sol, em lugares frios, úmidos e escuros. Estavam agora não simplesmente feios, mas absolutamente horrendos, ou ridiculamente grotescos, tanto no rosto como na forma. Não havia capacidade inventiva, diziam, da mais incomum imaginação traçada por caneta ou lápis, que pudesse ultrapassar a extravagância da aparência deles. Mas eu suponho que aqueles que o disseram tinham confundido os goblins com alguns dos animais que os acompanhavam. Sobre isso falaremos mais depois.

Os goblins, eles mesmos, não estavam tão longe dos humanos como uma descrição dessas poderia fazer acreditar. E ao mesmo tempo em que se tornaram fisicamente disformes, adquiriram maior conhecimento e inteligência, e agora eram capazes de fazer coisas que a nenhum mortal seria possível. Porém, quanto mais astutos, mais desenvoltos em brincadeiras de mau gosto ficaram, e seu grande prazer era, de todos os modos que pudessem imaginar, atormentar as pessoas que viviam lá em cima ao ar livre. Tinham bastante afeto um pelo outro para impedi-los de ser absolutamente cruéis, por mera crueldade, com aqueles que aparecessem em seu caminho; mas, ainda assim, eles nutriam com tanta garra o rancor ancestral contra aqueles que ocuparam suas possessões

antigas, especialmente contra os descendentes do rei que tinha causado sua expulsão, que procuravam cada oportunidade de atormentá-los por meios que eram tão estranhos como eles próprios, e, apesar de sua aparência de anões e de sua deformidade, tinham uma força igual à sua astúcia. Com o passar do tempo, tiveram um rei e governo próprios, cuja preocupação principal, além de suas próprias e costumeiras ocupações, era inventar transtornos para seus vizinhos. Está agora bem evidente porque a princesinha nunca vira o céu à noite. Tinham demasiado receio dos goblins para deixá-la sair, mesmo na companhia de tantos atendentes, e com boas razões, como veremos logo mais.

CAPÍTULO 2

A PRINCESA SE PERDE



Eu disse que a princesa Irene tinha cerca de oito anos quando minha história começa. E eis aqui como ela começa.

Num dia muito chuvoso, a neblina cobria a montanha e continuamente se juntava, transformava-se em gotas de chuva e desabava em cântaros sobre os telhados da velha casa, de onde caía como uma franja de água dos beirais ao seu redor. A princesa certamente não podia sair. Ela ficou muito cansada, tão cansada que até seus brinquedos não a divertiam mais. Você ficaria admirado se eu tivesse tempo de descrever-lhe a metade dos brinquedos que ela tinha. Mas então, você não teria aqueles brinquedos, e isto faz toda a diferença: você não pode ficar cansado de algo que ainda não tem. Todavia, era um quadro digno de

ser visto — a princesa em seu quarto, onde o teto parecia um céu sobre sua cabeça, sentada a uma mesa coberta com seus brinquedos. Se um artista quisesse desenhar esse quadro, eu o aconselharia a não se intrometer com os brinquedos. Receio tentar descrevê-los, e penso que seria melhor para o artista não tentar desenhá-los. Seria melhor que não o fizesse. Ele pode fazer mil coisas que eu não posso, mas não creio que pudesse desenhar aqueles brinquedos. Nenhum homem, todavia, poderia pintar melhor a princesa do que ele — as costas curvadas no encosto da cadeira, a cabeça pendendo e as mãos no regaço, muito infeliz, como ela própria diria, nem mesmo sabendo o que queria, exceto sair, ficar inteiramente molhada, apanhar um belo resfriado e ter de ir para a cama e tomar mingau. No momento seguinte, após você ver a princesinha sentada ali, sua aia sai do quarto.

Até isso já é uma mudança, e a princesa desperta um pouco e olha ao seu redor. Então ela pula da cadeira e corre para a porta, não a mesma porta pela qual a aia saiu, mas outra que se abria ao pé de uma curiosa escada velha de carvalho carcomido, que parecia que nunca alguém tivesse posto lá o pé. Numa ocasião anterior, ela tinha subido seis degraus, e essa foi razão suficiente, num dia como aquele, para tentar descobrir o que estava no topo dessa escada.

Ela subiu cada vez mais para o alto — pareceu-lhe um caminho tão longo! - até chegar ao topo do terceiro lance. Ali ela encontrou o patamar, que dava para uma longa passagem. Correu para a passagem. Estava cheia de portas de cada lado. Havia tantas que ela não se preocupou em abrir nenhuma, mas continuou correndo até o fim, onde ela virou para outra passagem, também cheia de portas. Depois de ter virado para mais duas e ainda ver portas e somente portas ao seu redor, começou a sentir-se assustada. Estava tão silencioso! E todas aquelas portas deviam esconder quartos sem ninguém lá dentro! Isso era horrível. Também a chuva fazia um grande barulho no telhado. Ela voltou-se e rompeu a toda velocidade, seus pequenos passos ecoando através dos sons da chuva, de volta para as escadas e seu quarto seguro. Assim ela pensava, mas tinha-se perdido há muito. Não quer dizer que ela estava perdida, porque ela se tinha perdido mesmo.

Correu alguma distância, deu várias voltas e começou a sentir medo. Logo, ela estava certa de que tinha perdido o caminho de volta. Quartos por toda parte, e nenhuma escada! Seu coração batia tão rápido quanto seus pés corriam, e uma massa de lágrimas estava crescendo em sua garganta. Porém ela estava demasiado ansiosa e talvez assustada demais para chorar por algum tempo. Finalmente, não teve mais esperança. Nada, a não ser passagens e portas em toda parte! Ela se atirou ao chão e debulhou-se num grito lamentoso, cortado por soluços.

Todavia, não chorou por muito tempo, pois era corajosa como se podia esperar de uma princesa de sua idade. Depois de um bom choro, levantou-se e limpou a poeira do vestido. Oh, que poeira velha era! Em seguida enxugou os olhos com as mãos, pois as princesas nem sempre carregam lenços em seus bolsos, não mais do que algumas outras meninhas que conheço. Em seguida,

como uma verdadeira princesa, ela resolveu sabiamente trabalhar para encontrar seu caminho de volta: andaria através das passagens e procuraria a escada em todas as direções. Foi o que fez, mas sem êxito. Percorreu o mesmo terreno muitas vezes sem sabê-lo, pois as passagens e portas eram todas iguais. Finalmente, num canto, por uma porta entreaberta, ela viu uma escada. Mas, meu Deus! dava para um caminho errado; em vez de descer, ia para cima. Apesar de assustada como estava, não pôde porém evitar o desejo de ver aonde a escada conduzia. Era muito estreita, e tão íngreme que ela subiu por ela como uma criatura de quatro pernas, sobre suas mãos e pés.

CAPÍTULO 3

A PRINCESA E... VEREMOS QUEM



Ao chegar ao topo, ela se viu em uma pequena área retangular com três portas, duas opostas entre si, e uma oposta ao topo da escada. Parou por um momento, sem idéia na sua cabeça do que fazer em seguida. Mas, enquanto estava ali, começou a ouvir um zumbido curioso. Seria a chuva? Não. Era muito mais suave e até mais monótono do que o som da chuva, que agora ela mal ouvia. O som doce e baixo prosseguiu, às vezes parava por algum tempo e depois começava novamente. Era mais parecido com o zumbido de uma abelha muito feliz que tivesse encontrado uma rica fonte de mel em alguma flor globular do que qualquer outra coisa que me ocorra neste momento. De onde poderia vir? Encostou o ouvido primeiro em uma das portas para ver se vinha dali - depois em

uma outra. Quando experimentou uma terceira porta, não teve mais dúvida de onde vinha o som: devia ser de alguma coisa naquele quarto. O que poderia ser? Estava um pouco receosa, mas sua curiosidade foi mais forte do que seu medo, e ela abriu a porta muito suavemente e espiou lá dentro. O que você acha que ela viu? Uma senhora muito velha sentada fiando.

Talvez você queira saber como a princesa podia dizer que a senhora velha era uma senhora velha, quando eu lhe disser que ela era não somente muito bonita, mas tinha a pele macia e branca. Direi mais. Seu cabelo estava penteado para trás, era longo e caía solto espalhado sobre as costas. Isso não parece bem com uma velha senhora, não é? Ah! mas era branco quase como a neve. E apesar do rosto tão macio, seus olhos pareciam tão sábios que você não poderia ter evitado pensar que ela devia ser velha. A princesa, embora não pudesse dizer-lhe por que, pensou que ela era verdadeiramente muito velha - bem nos cinquenta, disse para si mesma. Porém, ela era um tanto mais velha, como você verá.

Enquanto a princesa olhava espantada, apenas com a cabeça para dentro, a velha senhora levantou a sua e falou com uma voz doce, mas um tanto trêmula de pessoa idosa, que se misturava muito agradavelmente com o girar contínuo da sua roda:

“Entre, minha querida; entre. Estou contente em vê-la.”

Podia-se ver agora bem claramente que a menina era uma verdadeira princesa, pois ela não ficou pendurada na maçaneta da porta olhando sem se mover, como sei de algumas que deveriam ter sido princesas, mas não passavam de meninhas um tanto vulgares. A princesa fez como lhe foi dito e imediatamente entrou pela porta e a fechou delicadamente atrás de si.

“Venha até mim, meu bem”, disse a velha senhora.

E novamente a princesa fez como lhe foi dito. Ela se aproximou da velha senhora - um tanto lentamente, confesso, mas não parou até chegar ao seu lado, e olhou-a no rosto com seus olhos azuis e as duas estrelas dissolvidas neles.

“Ora, o que você esteve fazendo com seus olhos, filha?” perguntou a senhora.

“Chorando”, respondeu a princesa.

“Por que, meu bem?”

“Porque não podia encontrar meu caminho para baixo.”

“Mas você conseguiu encontrar seu caminho para cima”.

“Não no começo, demorou muito.”

“Mas seu rosto está listado como o dorso de uma zebra. Você não tinha um lenço para enxugar seus olhos?”

“Não.”

“Então por que você não me procurou para enxugá-los?”

“Por favor, eu não sabia que a senhora estava aqui. Virei procurá-la na próxima vez.”

“Você é uma boa menina!”, disse a senhora.

Aí ela parou sua roda, levantou-se, saiu do quarto e retornou com uma pequena bacia de prata e uma toalha branca e macia; lavou e enxugou então o rostinho radiante. E a princesa achou que as mãos dela eram tão macias e agradáveis!

Quando ela saiu levando a bacia e a toalha, a princesinha admirou-se ao ver como a senhora era ereta e alta, pois, apesar de tão velha, não era nem um pouquinho curvada. Estava vestida de veludo preto enfeitado com renda de aspecto pesado, branca e espessa, e sobre o veludo preto seu cabelo brilhava como prata. Não havia mais peças de mobília no quarto, além daquelas que podia haver no quarto da mais pobre velha que ganhasse o pão com sua fiação. Nenhum tapete no assoalho - nenhuma mesa ali - nada, a não ser a roca e a cadeira ao lado. Ao voltar, a senhora sentou-se novamente, e, sem dizer uma palavra, recomeçou mais uma vez a fiar, enquanto Irene, que nunca vira uma roca, permanecia ao seu lado e olhava. Depois de ver que o fio estava prosseguindo bem, ela disse para a princesa, mas sem olhá-la:

“Você sabe meu nome, filha?”

“Não, não sei”, respondeu a princesa.

“Meu nome é Irene.”

“Esse é o meu nome!”, exclamou a princesa.

“Sei disso. Eu permiti que você tivesse o meu. Não sou eu que tenho seu nome. É você que tem o meu”.

“Como pode ser isso?”, perguntou a princesa espantada. “Eu sempre tive meu nome.”

“Seu papai, o rei, perguntou-me se eu tinha alguma objeção que você o tivesse; e, naturalmente, eu não tive. Deixei você ficar com meu nome, com prazer”.

“Foi muita bondade sua dar-me seu nome - e um nome tão bonito”, disse a princesa.

“Oh, não tanta bondade!”, disse a senhora. “Um nome é uma daquelas coisas que podemos dar e ao mesmo tempo ficar com ele. Eu tenho uma boa quantidade dessas coisas. Você gostaria de saber quem eu sou, meu bem?”

“Sim, isso eu gostaria — muito.”

“Eu sou sua tetravó”, disse a senhora.

“O que é isso?”, perguntou a princesa.

“Eu sou a mãe do pai da mãe de seu pai.”

“Oh, meu Deus! Eu não consigo entender isso”, disse a princesa.

“Eu suponho que não. Eu não esperava que você entendesse. Mas isso não

era motivo para que eu não o dissesse a você.”

“Oh, não!”, respondeu a princesa.

“Vou lhe explicar tudo isso quando você for mais velha”, a senhora continuou. “Mas você será capaz de entender pelo menos isto agora: eu vim para cá a fim de cuidar de você.”

“Faz tempo que a senhora veio? Foi ontem? Ou foi hoje, pois estava chovendo tanto, que não podia sair?”

“Estou aqui desde que você veio para cá.”

“Que tempão!”, disse a princesa. “Não me lembro de nada disso.”

“Não. Imagino que não.”

“Mas nunca vi a senhora antes.”

“Não. Mas você me verá novamente.”

“A senhora vive sempre neste quarto?”

“Não durmo aqui. Durmo no quarto oposto ao patamar. Fico sentada aqui a maior parte do dia.”

“Não me agradaria isso. Meu quarto é muito mais bonito. A senhora deve ser uma rainha também, se é minha grande avó.”

“Sim, sou uma rainha.”

“Então, onde está sua coroa?”

“No meu quarto de dormir.”

“Eu gostaria de vê-la.”

“Algum dia você a verá, não hoje.”

“Gostaria de saber por que a aiazinha nunca me contou.”

“A aiazinha não sabe. Ela nunca me viu.”

“Mas alguém sabe que a senhora está na casa?”

“Não, ninguém.”

“Então, quem lhe prepara o almoço?”

“Eu mantenho aves domésticas — de certo tipo.”

“Onde a senhora as mantém?”

“Vou mostrar-lhe.”

“E quem prepara a canja de galinha para a senhora?”

“Nunca mato nenhuma de minhas galinhas.”

“Então, não entendo.”

“O que você tomou hoje no café da manhã?”, indagou a senhora.

“Oh! Tomei leite com pão e comi um ovo -imagino que a senhora coma os ovos das galinhas.”

“Sim, é isso mesmo. Eu como os ovos.”

“É isso que deixa seu cabelo tão branco?”

“Não, minha querida. E a velhice. Sou muito idosa.”

“Foi o que eu pensei. A senhora tem cinquenta anos?”

“Sim, mais do que isso.”

“A senhora tem cem anos?”

“Sim, mais do que isso. Estou velha demais para você poder adivinhar. Venha ver minhas aves.”

Novamente, ela parou de fiar. Levantou-se, pegou a princesa pela mão, conduziu-a para fora do quarto e abriu a porta oposta à escada. A princesa esperava ver uma porção de galinhas e franguinhos, mas, em vez disso, viu primeiro o céu azul, e depois os telhados da casa, com uma multidão dos mais lindos pombos, a maioria brancos, mas de todas as cores; andavam por ali fazendo mesuras uns aos outros e falando uma língua que ela não pôde entender. Bateu palmas deliciada, e aí subiu uma revoada de asas que a deixou espantada.

“Você assustou minhas aves”, disse sorrindo a senhora.

“E elas me assustaram”, disse a princesa, sorrindo também. “Mas que aves bonitas! Os ovos também são bonitos?”

“Sim, muito bonitos.”

“Que colherinha pequena para ovos a senhora deve ter! Não seria melhor ter galinhas e ovos maiores?”

“De que modo então eu as alimentaria?”

“Entendo”, disse a princesa. “Os pombos se alimentam por si. Eles têm asas.”

“E isso mesmo. Se eles não pudessem voar, eu não poderia comer seus ovos.”

“Mas como a senhora consegue os ovos? Onde estão seus ninhos?”

A senhora apanhou um pequeno laço de barbante na parede, ao lado da porta e, levantando uma veneziana, mostrou uma grande quantidade de casinhas de pombos com ninhos dentro, alguns com filhotes e alguns com ovos. Os pássaros entravam por um lado e ela retirava os ovos por outro. Novamente, ela fechou depressa a veneziana para não assustar os filhotes.

“Oh, que maneira interessante!”, exclamou a princesa. A senhora me dará um ovo para eu comer? Estou sentindo fome.”

“Darei algum dia, mas agora você deve voltar, ou a aiazinha ficará muito preocupada por sua causa. Imagino que ela esteja procurando você em toda parte.”

“Exceto aqui”, respondeu a princesa. “Oh, como ela ficará surpresa quando eu lhe contar sobre minha grande avó!”

“Sim, ela ficará”, disse a senhora com um sorriso estranho. “Lembre-se de lhe contar tudo exatamente.”

“Assim farei. Por favor, a senhora pode me levar de volta a ela?”

“Não posso ir o caminho todo, mas vou levar você ao topo da escada, e então você deve descer bem depressa e entrar em seu quarto.”

A princesinha deu a mão para a senhora que, olhando para um lado e para o outro, levou-a ao topo da primeira escada, e dali até o fundo da segunda, e não a deixou até vê-la descer até a metade da terceira. Ao ouvir o grito de prazer da aia quando encontrou a princesa, a senhora voltou e subiu as escadas novamente, na verdade muito depressa para uma tão grande avó, e sentou-se junto à sua roca com outro sorriso estranho no seu velho e doce rosto.

A respeito desse seu trabalho de fiar, contar-lhe-ei mais em outra ocasião.
Adivinhe o que ela está fiando.

CAPÍTULO 4

O QUE A AIA ACHOU DISSO

“Ora, onde você esteve, princesa?”, perguntou a aia, tomando-a nos braços. “Foi muito indelicado de sua parte estar escondida tanto tempo. Comecei a ficar aflita...”

Nesta altura, ela se conteve.

“Por que você ficou aflita, aiazinha?”, perguntou a princesa.

“Não importa”, ela respondeu. “Talvez eu lhe conte um outro dia. Agora, diga-me onde você esteve.”

“Eu estive lá em cima, lá longe, para visitar minha grande, velha avó”, disse a princesa.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou a aia, pensando que a menina estivesse caçoando.

“Quero dizer que eu estive longe, bem lá em cima para visitar minha grande avó. Ah, aiazinha, você não imagina que linda mãe de avós eu tenho lá em cima. Ela é uma senhora tão velha! Com um cabelo branco tão bonito - tão branco como meu copo de prata. Agora, pensando nisso, acho que o cabelo dela deve ser de prata.”

“Que bobagem você está dizendo, princesa!”, disse a aia.

“Não estou falando bobagem”, respondeu Irene um pouco ofendida. “Vou contar-lhe tudo sobre ela. Ela é muito mais alta do que você, e muito mais bonita.”

“Oh, imagino que sim!”, retrucou a aia.

“E ela vive de ovos de pombos.”

“É bem provável”, disse a aia.

“E ela fica sentada num quarto vazio fiando o dia inteiro.”

“Não tenho a menor dúvida”, disse a aia.

“E ela guarda a coroa em seu quarto de dormir.”

“Naturalmente, é bem o lugar apropriado para guardar a coroa dela. Ela a usa na cama, com certeza.”

“Ela não disse isso. E não acho que use. Isso não seria confortável, não é? Acho que meu papai não usa a coroa dele como gorro de dormir, não é, aiazinha?”

“Nunca perguntei a ele. Imagino que não.”

“E a minha grande avó está lá desde que vim para cá, tantos anos.”

“Qualquer um pode ter-lhe contado isso”, disse a aia, que não estava acreditando numa única palavra de Irene.

“Por que então você não me contou?”

“Não houve necessidade. Você poderia ter inventado tudo isso.”

“Então você não acredita em mim!”, exclamou a princesa, espantada e zangada, como bem poderia estar.

“Você esperava que eu acreditasse em você, princesa?”, perguntou a aia indiferentemente. “Sei que princesas costumam contar casos de faz-de-conta, mas você é a primeira de quem jamais esperei que acreditasse em histórias de faz-de-conta”, ela acrescentou, vendo que a menina estranhamente falava sério.

A princesa debulhou-se em lágrimas.

“Bem, devo dizer”, observou a aia, agora muito aborrecida com o choro da menina, “não fica bem, de modo algum, a uma princesa contar histórias e esperar que os outros acreditem, só porque é uma princesa.”

“Mas é a pura verdade, eu lhe digo.”

“Então você sonhou tudo isso, filha.”

“Não, não sonhei. Estive lá em cima, me perdi, e se eu não tivesse encontrado a linda senhora, nunca acharia por mim mesma o caminho de volta.”

“Oh, imagino!”

“Bem, venha comigo e veja se não estou falando a verdade.”

“Eu tenho outro serviço para fazer. E sua hora de almoço, e não quero mais saber dessa bobagem.”

A princesa limpou os olhos, e seu rosto ficou tão abrasado que os olhos logo secaram. Ela sentou para almoçar, mas quase nada comeu. Não merecer confiança não combina de modo algum com princesas: pois uma verdadeira princesa não pode contar uma mentira. Por isso, durante a tarde inteira ela não pronunciou uma palavra. Somente quando a aia lhe falava, ela respondia, pois uma verdadeira princesa nunca é mal-educada, mesmo quando tem razão para sentir-se ofendida.

Naturalmente, a aia não estava cora a consciência tranquila, não que ela imaginasse a mínima verdade na história de Irene, mas ela amava a princesinha afetuosamente, e estava aborrecida consigo própria por ter ficado zangada cora ela. Pensava que sua rabugice fosse a causa da tristeza da princesa, e não tinha idéia de que o que deixara realmente a menina muito magoada foi o fato de não terem acreditado nela. O mal-estar da aia ia aumentando à medida que ela percebia em seus movimentos e olhar que a princesa estava muito contrariada; que, embora tentasse se distrair com seus brinquedos, ficou evidente que seu coração estava muito perturbado para se divertir com eles. Na hora de dormir, ela despiu a princesa e deitou-a, mas a menina, em vez de oferecer-se para ser beijada, virou-se do outro lado e permaneceu quieta. O coração da aia cedeu completamente, e ela começou a chorar. Ao ouvir o primeiro soluço, a princesa

voltou-se novamente e apresentou seu rosto para ser beijada como de costume. Mas a aia tinha o lenço junto dos olhos e não viu o movimento.

“Aiazinha”, disse a princesa, “por que você não quer acreditar em mim?”

“Porque não posso acreditar em você”, disse a aia ficando zangada outra vez.

“Ah! Então você não tem culpa”, disse Irene, “e não vou mais ficar aborrecida com você. Vou dar-lhe um beijo e dormir.”

“Você é um anjinho!”, exclamou a aia, e tirou-a da cama e andou com ela em seus braços pelo quarto beijando-a e abraçando-a.

“Você vai me deixar levá-la para ver minha querida, grande avó, não vai?”, disse a princesa quando a aia tornou a deitá-la novamente.

“E você não vai mais dizer que sou feia, não é, princesa?”

“Aiazinha, eu nunca falei que você é feia. O que você quer dizer com isso?”

“Bem, se você não falou, foi o que quis dizer.”

“Não, nunca mesmo.”

“Você falou que eu não era tão bonita como aquela...”

“Como minha linda avó... sim, eu disse isso, e direi novamente, pois é a pura verdade.”

“Então eu acho que você não é bondosa!”, disse a aia, e de novo levou o lenço aos olhos.

“Aiazinha, querida, não podem todos ser bonitos igual a outra pessoa, você sabe. Você é muito bonita, mas se você fosse tão linda quanto minha avó...”

“Dane-se sua avó!”, exclamou a aia.

“Aia, o que você disse é muito grosseiro. Você não é digna de que eu lhe dirija a palavra até você se comportar melhor.”

De novo a princesa virou-se para o outro lado, e de novo a aia sentiu-se envergonhada.

“Por favor, peço-lhe que me perdoe”, ela disse, embora ainda com um tom ofendido. Mas a princesa não fez conta do tom e se importou somente com as palavras.

“Você não vai dizer uma coisa dessas novamente, tenho certeza”, ela respondeu voltando-se novamente para a aia. “Eu ia dizer somente que se você fosse duas vezes mais bonita do que você é, algum rei ou outro teria se casado com você, e então o que seria de mim?”

“Você é um anjo!”, repetiu a aia abraçando-a novamente.

“Agora”, insistiu Irene, “você vira comigo visitar minha avó, não é?”

“Irei com você para onde você quiser, meu querubim”, ela respondeu, e em dois minutos a princesinha dormia profundamente.

CAPÍTULO 5

A PRINCESA DESISTE



Ao despertar na manhã seguinte, a primeira coisa que ouviu foi a chuva ainda caindo. Realmente, este dia era tão parecido com o anterior que era difícil dizer o que fazer. O que primeiro lhe veio à mente, porém, não foi a chuva, mas a senhora na torre; e a pergunta imediata a ocupar seus pensamentos foi se ela não deveria pedir à aia que cumprisse sua promessa nesta mesma manhã, e ir com ela procurar sua avó logo após o café da manhã. Contudo, chegou à conclusão de que talvez a senhora não ficaria satisfeita se ela levasse alguém para vê-la sem primeiro pedir-lhe permissão; principalmente porque era bem evidente, uma vez que vivia de ovos de pomba e ela própria os cozinhava, que não desejava que a descobrissem ali. Por isso, a princesa resolveu aproveitar a primeira oportunidade de sozinha ir lá e perguntar se podia trazer sua aia. Ela

acreditava que exerceria grande peso em sua avó o fato de não haver outro modo de convencer a aia de que ela falava a verdade.

A princesa e sua aia eram as melhores amigas enquanto a aia a vestia, e, por isso, a menina tomou um farto café da manhã.

“Eu gostaria de saber, Lootie” — esse era o apelido carinhoso da aia — “que gosto tem ovo de pomba”, disse enquanto comia seu ovo, não um ovo comum, pois sempre escolhiam os rosados para ela.

“Nós vamos conseguir-lhe um ovo de pomba, e você julgará por si mesma”, disse a aia.

“Oh, não, não!”, respondeu Irene, refletindo repentinamente que poderiam perturbar a velha senhora para conseguir o ovo e, mesmo que não a perturbassem, ela teria um a menos em consequência.

“Que criatura estranha você é”, disse a ama, “primeiro quer uma coisa e depois a recusa!”

Mas ela não o disse zangada, e a princesa nunca se importava com observações ditas de modo não hostil.

“Bem, você vê, Lootie, que há motivos”, ela respondeu, e nada mais disse, pois a princesa não queria levantar o assunto de sua discussão anterior, com receio de que sua ama se oferecesse para ir antes da permissão de sua avó. Naturalmente, ela poderia recusar-se a levá-la, mas então a ama acreditaria nela ainda menos.

Ora, a aia, como ela mesma disse mais tarde, não podia permanecer o tempo todo no quarto, e como antes, a não ser no dia anterior, a princesa jamais lhe dera a mínima razão de se afligir, ainda não tinha entrado na sua cabeça tomar conta da menina mais rigorosamente. Por isso, ela logo lhe deu uma chance, e, na primeira que surgiu, Irene saiu e subiu as escadas outra vez.

A aventura desse dia, porém, não resultou como a do dia anterior, embora tenha começado da mesma maneira; e, na verdade, hoje é muito raramente igual a ontem, se as pessoas notassem a diferença, mesmo quando chove. A princesa correu passagem após passagem, e não pôde encontrar a escada para a torre. Minha suposição é que ela não subira alto o bastante, e estava procurando no segundo andar em vez do terceiro. Ao virar-se para retornar, ela falhou igualmente na sua procura pela escada. Estava perdida, mais uma vez.

Alguma coisa tornou isso até pior de suportar desta vez, e não admira que novamente começasse a chorar. De repente, se lembrou de que foi depois de ter chorado que ela encontrou a escada de sua avó. Imediatamente, ela se levantou, enxugou os olhos e iniciou nova busca. Desta vez, embora não tivesse encontrado o que esperava, achou a segunda melhor coisa; ela não tinha encontrado uma escada que subia, mas chegara a uma que descia. Evidentemente, não era a escada pela qual subira, contudo era bem melhor do que nada; desceu e estava cantando alegremente antes de ter chegado ao fundo. Lá, para surpresa sua, encontrou-se na cozinha. Ela não tinha permissão para ir ali sozinha, mas sua

ama a levava com frequência, e era a predileta entre os criados. Portanto, todos correram ao seu encontro no momento em que ela apareceu, pois cada um desejava recebê-la; e a notícia de que ela estava na cozinha logo chegou aos ouvidos da ama. Ela veio imediatamente buscá-la; mas não entendia como ela chegara até lá, e a princesa ficou quieta.

Seu fracasso em encontrar a senhora não somente a desapontou, mas deixou-a muito pensativa. Algumas vezes, ela quase chegou a ter a mesma opinião da aia, de ter sonhado tudo isso; mas essa fantasia não durou muito tempo. Ela gostaria muito de saber se a veria novamente, e pensou que era muito triste não ter podido encontrá-la. Resolveu nada mais dizer à sua aia sobre o assunto, uma vez que não podia comprovar suas palavras.

CAPÍTULO 6

O PEQUENO MINEIRO



No dia seguinte, a grande nuvem continuava suspensa sobre a montanha e a chuva caía como água de uma esponja cheia. A princesa gostava muito de ficar ao ar livre, e quase chorou quando viu que o tempo não estava melhor. Mas a neblina não era daquele cinza escuro e sombrio; havia luz nela: e à medida que as horas passavam, tornou-se mais e mais brilhante, até ficar brilhante demais para os olhos; e à tarde, o sol apareceu tão glorioso, que Irene bateu palmas gritando:

“Veja, veja, Lootie! O sol lavou o rosto. Olhe como está brilhante! Por favor, apanhe meu chapéu e vamos sair para um passeio. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Como estou feliz!”

Lootie ficou muito contente de agradar a princesa. Ela apanhou seu chapéu e capa, e ambas saíram juntas para um passeio montanha acima; pois a estrada era tão firme e íngreme que a água não ficava retida nela, e sempre estava suficientemente seca para uma caminhada logo depois que a chuva passava. As nuvens se dissipavam, rompendo-se em pedaços, como grandes ovelhas lanosas, cuja lã o sol tinha alvejado até ficarem brancas demais para os olhos suportarem. Devido à chuva, o céu brilhava entre elas num tom de azul mais puro e profundo. Das árvores ao lado da estrada pendiam gotas que brilhavam ao sol como pedras preciosas. As únicas coisas que a chuva não fizera mais brilhantes eram os riachos que corriam montanha abaixo; as águas cristalinas tinham mudado para um marrom lamacento, mas o que perderam em cor, ganharam em som, ou pelo menos em barulho, pois um regato quando aumenta de volume não é tão musical como antes. Irene, porém, estava enlevada com os grandes regatos marrons rolando para baixo, em toda parte; e Lootie compartilhava do prazer da menina, pois ela própria esteve confinada durante três dias na casa. Finalmente, ela reparou que o sol estava baixando, e disse que era hora de voltar. Ela insistiu várias vezes, mas cada vez a princesa pedia-lhe que prosseguissem só um pouquinho mais, e mais um pouquinho, lembrando-lhe que era bem mais fácil ir montanha abaixo e dizendo que quando voltassem estariam em casa num momento. Assim, prosseguiram, ora para olhar um tufo de samambaias, no topo das quais uma corrente se despejava num arco de água, ora para apanhar uma pedra brilhante de um rochedo ao lado, ora para ver o vôo de algum pássaro. De repente, a sombra de uma grande montanha surgiu de trás e projetou-se na frente delas. Quando a aia viu isso, sobressaltou-se e começou a tremer; agarrou a mão da princesa e correu montanha abaixo.

“Para que toda essa pressa, aiazinha?”, perguntou Irene, correndo ao lado dela.

“Não devemos ficar aqui nem mais um momento.”

“Mas não podemos evitar ficar aqui muitos momentos mais.”

Era bem verdade. A aia quase chorou. Elas estavam longe demais de casa. Isso contrariava as ordens de que a princesa não devia ficar fora de casa nem um minuto depois do pôr-do-sol, e elas estavam quase uma milha montanha acima! Se Sua Majestade, o papai de Irene, soubesse disso, Lootie certamente seria dispensada, e ter de deixar a princesa partiria seu coração. Não é de admirar que corresse. Mas Irene não estava nem um pouquinho assustada. Continuava a tagarelar sem parar.

“Lootie! Lootie! por que você corre tão depressa? Meus dentes batem quando falo.”

“Então não fale”, disse Lootie.

A princesa, porém, continuou falando. Estava sempre dizendo: “Olhe, olhe, Lootie!” mas Lootie não prestava mais atenção ao que ela dizia, somente corria.

“Olhe, olhe, Lootie! Você não está vendo aquele homem engraçado

espiando sobre o rochedo?”

Lootie apenas corria mais depressa. Elas tinham de passar pelo rochedo, e, quando chegaram mais perto, a princesa viu que o que ela tinha tomado por um homem era apenas uma protuberância do próprio rochedo.

“Olhe, olhe, Lootie! Há uma criatura tão estranha ao pé daquela árvore. Olhe lá, Lootie! Está fazendo caretas para nós, eu acho.”

Lootie deu um grito abafado, e correu ainda mais depressa, tão depressa que as pequenas pernas de Irene não podiam acompanhá-la, e ela caiu com um baque. Era difícil o caminho de descida, e ela estava correndo depressa demais, de modo que não era de admirar que começasse a chorar. Isto deixou a aia quase fora de si, mas tudo o que tinha a fazer era levantar a menina e continuar correndo.

“O que é aquilo rindo de mim?”, perguntou a princesa, tentando controlar seus soluços e correndo depressa demais para seus joelhos esfolados.

“Ninguém, menina”, disse a aia, quase zangada.

Mas naquele instante houve um estouro de risada grosseira em algum lugar próximo, e uma voz rouca, indistinta, parecia dizer: “Mentiras! mentiras! mentiras!”

“Oh!”, exclamou a aia com um suspiro que era quase um grito, e continuou a correr mais depressa que nunca.

“Aiazinha! Lootie! não aguento correr mais. Por favor, vamos andar um pouco.”

“O que faço?”, disse a aia. “Venha cá, vou carregar você.”

Ela apanhou-a, mas viu que a menina era pesada demais para conseguir correr com ela nos braços, e foi obrigada a pô-la novamente no chão. Então, ela olhou desorientada ao redor, deu um grande grito e disse:

“Pegamos o caminho errado em algum lugar, e eu não sei onde estamos. Estamos perdidas, perdidas!”

O seu terror deixou-a completamente desorientada. Era bem verdade que tinham perdido o caminho. Estavam descendo para um pequeno vale onde não se avistava casa alguma.

Ora, Irene não sabia que boa razão havia para o terror de sua aia, pois os criados tinham todos ordens estritas de nunca mencionar os goblins a ela, mas ficou muito desorientada vendo sua ama tão apavorada. Mas antes que tivesse tempo de ficar completamente alarmada como a aia, ouviu um assobio, e isso a reanimou. Logo ela viu um menino vindo do vale e subindo a estrada para encontrá-las. Era ele o assobiador; mas antes de se encontrarem, seu assobio mudou para um cantar. O que ele cantava era parecido com algo assim:

Bate, soa, ecoa!

Vai martelo, ressoa!

Bate, vira e fura!

Zumbe e bufa e ruga!
Rasgamos a rocha assim,
Abrimos as trancas do goblin.
Vê o minério luzente
Um, dois, três...
Tal como o ouro alumiação
Quatro, cinco, seis...
Pás, enxadões, alvião!
Sete, oito, nove
Acende no meu o teu facho.
Dez, onze, doze...
segura o cabo bem fraco.
Somos os mineiros ditosos,
Paramos os goblins ruidosos.

“Eu gostaria que você parasse com seu barulho”, disse a aia rudemente, pois a palavra goblin, nesse momento e lugar, fê-la tremer. Desafiá-los dessa maneira certamente atrairia os goblins, ela pensou. Mas se o rapazinho a ouviu ou não, continuou cantando.

Treze, quatorze, quinze...
Vale a pena fazer a peneiração;
Dezesseis, dezessete, dezoito...
Eis um par, já lhes dou retaliação
Dezenove, vinte...
Goblins em multidão.

“Por favor, fique quieto”, pediu a aia num grito cochichado. O rapazinho, porém, que estava agora bem perto, ainda prosseguiu.

Corre, vai, apressa!
Lá vais com pressa!
Engole! engole! goblin!
Lá vais bandolim;
Bamba, bamba, bambolim
Cola, cola, coladim!
Dob-gob-goblin!
Huuuuuh!

Está vendo?”, disse o menino, em pé diante delas. “Está vendo! Isto servirá para eles. Não suportam essa canção. Eles mesmos não podem cantar, porque não têm mais voz do que um corvo; e eles não gostam que outras pessoas cantem.”

O rapazinho estava vestido como mineiro e trazia um gorro esquisito na cabeça. Tinha muito boa aparência, os olhos escuros como as minas onde trabalhava. E tão brilhantes como os cristais em seus rochedos. Tinha cerca de doze anos. Seu rosto era muito pálido para ser bonito. Isso devia-se ao fato de permanecer tão pouco ao sol e ao ar livre - pois até os vegetais que crescem no escuro são brancos; mas ele parecia feliz, alegre mesmo — talvez porque

pensasse que expulsara os goblins; e seu porte, ereto diante delas, nada tinha de desajeitado ou grosseiro.

“Eu os vi”, ele prosseguiu, “quando eu subia, e estou muito contente por tê-los mandado embora. Sei que estavam atrás de alguém, mas não podia ver quem era. Eles não vão tocá-las enquanto eu estiver com vocês.”

“Ora, quem é você?”, perguntou a aia, ofendida com a liberdade com que o menino lhes falava.

“Sou filho de Peter.”

“Quem é Peter?”

“Peter, o mineiro.”

“Não o conheço.”

“Mas sou filho dele.”

“E por que os goblins deveriam dar importância a você, me diga por favor?”

“Porque eu não dou importância a eles. Estou acostumado com eles.”

“Que diferença isso faz?”

“Se você não tem medo deles, eles têm medo de você. Eu não tenho medo deles. Isso é tudo. E tudo que se precisa — aqui em cima, bem entendido. É diferente lá em baixo. Nem sempre eles se incomodarão com essa canção lá em baixo. Se alguém cantá-la, eles fazem uma careta horrível para a pessoa; e se a pessoa se assustar e esquecer uma palavra, ou dizer uma errada, eles - oh! o que eles fazem!”

“O que eles fazem a essa pessoa?”, perguntou Irene com voz trêmula.

“Não comece a assustar a princesa”, disse a aia.

“A princesa!”, repetiu o pequeno mineiro tirando seu gorro esquisito. “Por favor, me desculpe; mas você não deveria estar fora de casa tão tarde. Todo mundo sabe que isso é contra a lei.”

“Sim, de fato é!”, disse a aia começando a chorar novamente. “E eu terei de pagar por isso.”

“Que importância tem?”, disse o menino. “Será sua culpa. É a princesa que pagará por isso. Espero que não tenham ouvido você chamá-la de princesa. Se ouvirem, com certeza vão reconhecê-la; eles são terrivelmente traiçoeiros.”

“Lootie! Lootie!”, gritou a princesa. “Leve-me para casa.”

“Não continue com isso”, disse a aia quase furiosa. “Como eu poderia ter evitado? Perdi o caminho.”

“Você não deveria estar fora tão tarde. Você não se teria perdido se não tivesse ficado assustada”, disse o rapazinho. “Venham comigo. Logo deixarei vocês no rumo certo novamente. Posso carregá-la Alteza?”

“Atrevimento!”, murmurou a aia, mas ela falou baixo, pois pensou que se

o deixasse zangado ele poderia vingar-se contando a alguém da casa, e então com certeza isso chegaria aos ouvidos do rei.

“Não, agradecida, disse Irene. Posso andar muito bem, embora não consiga correr tão depressa como a aiazinha. Se você me der sua mão, Lootie me dará a outra, e então poderei prosseguir muito bem.”

Logo ela estava entre os dois segurando a mão de cada um.

“Agora vamos correr”, disse a aia.

“Não, não”, respondeu o pequeno mineiro. “Essa é a pior coisa que você pode fazer. Se não tivesse corrido antes, não se teria perdido. E se você correr agora, eles irão atrás de você imediatamente.”

“Eu não quero correr”, disse Irene.

“Você não pensa em mim”, disse a aia.

“Eu penso sim, Lootie. O menino diz que eles não tocarão em nós se não correremos.”

“Sim, mas se souberem em casa que estive fora com você tão tarde, me mandarão embora, e isso me partiria o coração.”

“Embora, Lootie! Quem mandaria você embora?”

“Seu papai, filha.”

“Mas eu direi a ele que foi tudo por minha culpa. E você sabe que foi, Lootie.”

“Ele não levará isso em conta. Estou certa disso.”

“Então vou chorar e pedir a ele, de joelhos, que não mande embora a minha querida Lootie.”

A aia sentiu-se confortada ao ouvir isso, e nada mais disse. Eles prosseguiram andando bem depressa, mas tiveram o cuidado de não correr.

“Quero falar com você”, disse Irene ao pequeno mineiro; “mas é tão embaraçoso! Não sei seu nome.”

“Meu nome é Curdie, princesinha.”

“Que nome engraçado! Curdie! E o que mais?”

“Curdie Peterson. Como é seu nome, por favor?”

“Irene.”

“O que mais?”

“Não sei o que mais. Que mais é meu nome, Lootie?”

“Princesas não têm mais do que um nome. Elas não precisam.”

“Oh, então, Curdie, você só deve me chamar de Irene e nada mais.”

“Certamente que não”, disse a aia indignada. “Ele não fará isso.”

“Então, como ele deverá me chamar, Lootie?”

“Sua Alteza Real.”

“Minha Alteza Real! O que é isso? Não, não, Lootie. Não quero que me xingue. Não gosto disso. Você mesma me disse uma vez que era grosseria xingar, e tenho certeza de que Curdie não seria grosseiro. Curdie, meu nome é Irene.”

“Bem, Irene”, disse Curdie com um olhar para a aia que mostrava que ele se divertia em provocá-la, “é muita bondade sua permitir-me chamá-la assim. Gosto muito de seu nome.”

Ele esperava que a aia interferisse de novo, mas logo viu que ela estava assustada demais para falar. Ela estava olhando para alguma coisa a alguns metros no meio do caminho, onde a passagem se estreitava entre rochedos, de modo que só um podia passar de cada vez.

“Seria muita bondade sua se se desviasse do seu rumo e nos levasse para casa”, disse Irene.

“Não estou saindo do meu rumo ainda”, disse Curdie. “É do outro lado desses rochedos que o caminho faz uma volta em direção à casa de meu pai.”

“Você não pensaria em nos deixar até estarmos sãs e salvas em casa, estou certa”, disse a aia ofegante.

“Não, claro”, disse Curdie.

“Curdie, querido, bondoso, gentil! Eu lhe darei um beijo ao chegarmos em casa”, disse a princesa.

A aia deu-lhe um forte puxão pela mão. Mas nesse instante algo no meio do caminho, o que parecia uma grande massa informe de terra levada pela chuva, começou a mover-se. Uma após outra, projetou quatro coisas compridas, como dois braços e duas pernas, mas agora estava muito escuro para ver o que eram. A aia começou a tremer da cabeça aos pés. Irene agarrou a mão de Curdie com mais força, e Curdie começou a cantar novamente:

Um, dois...

Ataca e soca!

Três, quatro...

Soca e fura!

Cinco, seis...

Que agrura! Sete, oito...

Pega direito

Nove, dez...

Esmaga o peito!

Vai anda, joga!

Que diabo! afoga!

Isso é um nojo

Que antojo!

Pisa o bicho!

Esmaga o bicho!

Espreme o bicho!
Tritura o bicho!
Queima o bicho!
És um outro!
Levanta e dá o fora!
Chega! Vai embora!
Huuuuuh!

Ao pronunciar as últimas palavras, Curdie largou a mão de sua companheira e correu para a coisa na estrada como se fosse esmagá-la sob os pés. A coisa deu um grande salto e correu diretamente para cima dos rochedos como uma enorme aranha. Curdie voltou-se rindo e segurou Irene novamente pela mão. Ela agarrou a dele, bem apertada, mas nada disse, até terem passado os rochedos. Mais alguns metros e ela se viu na parte do caminho que conhecia, e então pôde falar novamente.

“Você sabe, Curdie, não gosto de sua canção; soa para mim um tanto rude”, ela disse.

“Bem, talvez seja, respondeu Curdie. Nunca pensei nisso; é um jeito que temos. Fazemos isso porque eles não gostam.”

“Quem não gosta?”

“Os sabugos, como nós os chamamos.”

“Não diga nada!”, disse a aia.

“Por que não?”, respondeu Curdie.

“Peço-lhe que não. Por favor, não.”

“Oh! se você me pede desse jeito, naturalmente nada direi, embora não saiba nem um pouquinho por que. Olhe! Ali embaixo estão as luzes de seu casarão. Agora, vocês estarão em casa em cinco minutos.”

Nada mais aconteceu. Chegaram em casa sãs e salvas. Ninguém tinha dado pela ausência delas, ou nem mesmo sabiam que tinham saído; e elas chegaram à porta que dava para seus aposentos sem que ninguém as visse. A ama correu para dentro com um boa noite apressado e não muito cortês para Curdie; mas a princesa puxou sua mão da mão dela, e acabava de abraçar Curdie quando a aia apanhou-a outra vez e puxou-a com força.

“Lootie! Lootie!, eu prometi um beijo”, gritou Irene.

“Uma princesa não deve dar beijos. Não é de modo algum apropriado”, disse Lootie.

“Mas eu prometi”, respondeu a princesa.

“Não há motivo; ele é somente um mineiro.”

“Ele é um bom menino, e corajoso, e ele foi muito gentil conosco. Lootie! Lootie! Eu prometi.”

“Então, não deveria ter prometido.”

“Lootie, prometi-lhe um beijo.”

“Sua Alteza Real”, disse Lootie, ficando de repente muito respeitosa, “deve entrar imediatamente.”

“Aia, uma princesa jamais pode faltar com sua palavra”, disse Irene, empertigando-se e permanecendo quieta.

Lootie não sabia o que o rei poderia achar pior -deixar a princesa fora de casa depois do sol se pôr, ou permitir que ela beijasse o pequeno mineiro. Ela não sabia que, sendo um cavalheiro, como muitos reis têm sido, ele não consideraria pior nem uma coisa nem outra. Embora muito lhe desagradasse que sua filha beijasse o rapazinho, ele não teria aceito que a princesa tivesse faltado à sua palavra. Mas, como digo, a aia não era dama bastante para compreendê-lo, e por isso ela estava numa grande dificuldade, pois, se ela insistisse, alguém poderia ouvir a princesa chorar e correr para ver, e então tudo seria descoberto. Mas aqui Curdie veio novamente em salvação.

“Não tem importância, princesa Irene”, ele disse.

“Você não precisa beijar-me esta noite. Mas você não faltará à sua palavra. Virei uma outra vez. Pode ter certeza.”

“Oh, muito obrigada, Curdie!”, disse a princesa, e parou de chorar.

“Boa noite, Irene, boa noite, Lootie”, disse Curdie, e, dando meia volta, sumiu de vista num instante.

“Eu gostaria de vê-lo!”, murmurou a aia quando carregava a princesa para o quarto.

“Você o verá, sim”, disse Irene. “Pode ter certeza que Curdie cumprirá sua promessa. Com certeza, ele virá novamente.”

“Eu gostaria de vê-lo!”, repetiu a aia, e nada mais disse. Ela não queria dar motivo para uma nova discussão com a princesa e por isso não disse claramente o que pensava. Bastante satisfeita de ter conseguido chegar em casa sem ser vista, e em impedir que a princesa beijasse o pequeno mineiro, resolveu vigiá-la bem melhor no futuro. Sua falta de cuidado já tinha duplicado o perigo em que estava a menina. Anteriormente, os goblins eram seu único receio; agora ela precisava proteger a menina também de Curdie.

CAPÍTULO 7

AS MINAS



Curdie foi para casa assobiando. Ele decidiu nada dizer sobre a princesa. Receava prejudicar a aia, pois, embora se divertisse em arreliá-la por causa do seu disparate, cuidava de não lhe causar dano algum. Não viu mais os goblins, e estava logo dormindo profundamente em sua cama.

Acordou no meio da noite, e pensou ter ouvido ruídos estranhos lá fora. Sentou e prestou atenção. Depois levantou, abriu a porta bem silenciosamente e saiu. Espiou ao redor e viu sob sua janela um grupo de criaturas baixas, que ele imediatamente reconheceu pela forma. Entretanto, mal começara seu “Um, dois, três!”, correram e desapareceram. Ele voltou rindo, foi novamente para a cama e logo dormiu profundamente.

De manhã, refletindo um pouco sobre o assunto, chegou à conclusão de que, como nada disso acontecera antes, os goblins deviam estar aborrecidos com ele por interferir protegendo a princesa. Todavia, quando já estava vestido, pensou em algo bem diferente, pois ele, de modo algum, menosprezava a inimidade dos goblins.

Logo após o café, ele e seu pai partiram para a mina.

Entraram no morro por uma abertura natural sob um enorme rochedo, onde um pequeno regato corria. Seguiram seu curso por alguns metros onde a passagem fazia uma curva e descia em ladeira íngreme para o coração do morro. Tinha muitos ângulos, curvas e ramificações, e algumas vezes degraus por onde se chegava a um golfo natural. A passagem os levou bem para o fundo do morro antes de chegarem ao local onde extraíam o precioso minério. Eram de vários tipos, pois a montanha era muito rica em metais das melhores espécies. Acenderam as lanternas com pedra e isqueiro prenderam-nas na cabeça e logo estavam absorvidos no trabalho com suas picaretas, enxadas e martelos. Pai e filho trabalhavam perto um do outro, mas não no mesmo gang- nome que eles davam às passagens onde cavavam o minério - pois quando o filão ou veio do minério era pequeno, o espaço era suficiente para um homem apenas e o mineiro tinha de escavar ali sozinho — muitas vezes em posições apertadas e desconfortáveis. Se parassem por um momento, podiam ouvir em toda parte ao redor, algumas mais próximas, outras um pouco mais distantes, os sons de seus companheiros cavando em todas as direções no interior da grande montanha, alguns furando a rocha para explodi-la com pólvora, outros jogando com pás o minério quebrado em cestos que eram carregados para a boca da mina, outros golpeando com suas picaretas. Algumas vezes, se o mineiro estava numa parte muito solitária, ele ouvia batidas, não mais altas do que aquelas de um pica-pau, pois o som vinha de muito longe através da rocha sólida.

Um trabalho duro, pois era muito quente naquela profundidade, mas não era especialmente desagradável, e alguns dos mineiros, quando desejavam ganhar um pouco mais de dinheiro para alguma finalidade especial, permaneciam ali para trabalhar a noite toda. Mas não se podia diferenciar a noite do dia lá em baixo, exceto quando se sentia cansado e sonolento; pois a luz do sol jamais entrava naquelas regiões sombrias. Alguns que permaneciam durante a noite, embora certos de não estar nenhum de seus companheiros trabalhando, declaravam na manhã seguinte que tinham ouvido, a cada vez que paravam para respirar, umas batidinhas ao redor, como se a montanha estivesse mais cheia de mineiros do que jamais esteve durante o dia; e, por isso, alguns nunca permaneciam durante a noite, pois todos sabiam que aqueles sons eram dos goblins. Eles trabalhavam somente à noite, que era para esses goblins como o dia dos mineiros. Na verdade, a maior parte dos mineiros tinha receio dos goblins, pois existiam histórias estranhas bem conhecidas entre eles sobre o tratamento que alguns tinham recebido quando os goblins os surpreenderam no seu trabalho durante a noite. Os mais corajosos deles, porém, entre os quais Peter Peterson e Curdie, que tinha puxado ao pai, permaneciam várias vezes na mina durante a noite, e embora tivessem algumas vezes encontrado uns poucos goblins

vagueando, nunca, contudo, deixaram de afugentá-los. Como já demonstrei, a principal defesa contra eles era o verso, pois detestavam verso de qualquer tipo, e alguns eles não suportavam de modo algum. Suponho que eles próprios não podiam fazer sequer um verso, e por isso o detestavam tanto.

De qualquer forma, aqueles que mais temiam os goblins eram os que não sabiam fazer versos, nem lembrar-se dos versos feitos por outros, ao passo que aqueles que nunca tinham medo eram os que sabiam fazer versos, pois, embora houvesse velhas rimas que eram bem eficazes, sabia-se que uma nova rima, do tipo certo, era ainda mais desagradável para os goblins, e portanto mais eficaz para afugentá-los.

Talvez meus leitores gostassem de saber o que poderiam querer os goblins trabalhando durante a noite toda, visto que nunca levavam o minério para cima nem o vendiam; mas quando eu os informar a respeito do que Curdie aprendeu na noite seguinte, poderão entender.

Pois Curdie tinha resolvido permanecer lá naquela noite se seu pai lhe permitisse ficar lá sozinho - e isso por duas razões: primeiro, ele queria ganhar um dinheiro extra para comprar uma saia vermelha, de tecido bem quente, para sua mãe, que nesse outono começara a se queixar do ar frio da montanha mais cedo do que costumava e, segundo, ele tinha apenas uma leve esperança de descobrir o que os goblins estavam fazendo sob sua janela na noite anterior.

Quando falou ao pai, este não fez objeção, pois tinha grande confiança na coragem e recursos do filho.

“Lamento não poder ficar com você”, disse Peter, “mas desejo fazer uma visita ao vigário esta noite, e além disso tive um pouco de dor de cabeça o dia todo.”

“Sinto muito por isso, pai”, disse Curdie.

“Oh! não é grande coisa. Mas você vai tomar todo o cuidado, não é?”

“Sim, pai, vou. Prometo-lhe que ficarei bem alerta.”

Curdie foi o único que permaneceu na mina. O resto do pessoal tinha ido embora perto das seis horas, cada um desejando-lhe boa noite e dizendo-lhe que se cuidasse, pois todos gostavam muito dele.

“Não vá esquecer suas rimas”, disse-lhe um.

“Não, não”, respondeu Curdie.

“Não tem importância se ele esquecer”, disse um outro, “pois ele só precisará fazer uma nova.”

“Sim, mas talvez ele não possa fazê-la tão depressa”, disse outro; “e enquanto a estiver inventando em sua cabeça, eles ganharão a dianteira e cairão em cima dele.”

“Farei o possível”, disse Curdie. “Não estou com medo.”

“Nós todos sabemos disso”, eles responderam, e o deixaram.

CAPÍTULO 8

OS GOBLINS



Curdie trabalhou diligentemente por algum tempo jogando para um lado, atrás de si, todo o minério que tinha desembaraçado para que estivesse pronto e pudesse ser levado para fora de manhã. Ele ouvia constantemente as pancadinhas dos goblins, mas soavam bem distantes no morro, e ele lhes deu pouca atenção. Perto da meia noite, começou a sentir fome; largou sua picareta, tirou um pedaço de pão que deixara de manhã num buraco úmido do rochedo, sentou-se sobre um monte de minério e comeu seu jantar.

Encostou-se para um descanso de cinco minutos antes de reiniciar seu trabalho, e recostou a cabeça no rochedo. Não ficou nessa posição nem um minuto, e ouviu algo que fê-lo apurar os ouvidos. Soava como uma voz dentro do rochedo. Mais um pouco, ele a ouviu novamente. Era uma voz de goblin - não

poderia haver dúvida - e desta vez ele conseguiu distinguir as palavras.

“Não seria melhor movê-lo?”, disse a voz.

Uma voz mais áspera e profunda respondeu:

“Não há pressa. Não terminaremos esta noite aquele desprezível montículo, mesmo se trabalharmos duro. Ele não está, de modo algum, no lugar mais estreito.”

“Mas você continua pensando que o filão atravessa para dentro de nossa casa?”, disse a primeira voz.

“Sim, mas um bom trecho mais longe do que ele já alcançou até agora. Se ele tivesse golpeado mais para o lado, bem aqui”, disse o goblin batendo na pedra, como pareceu a Curdie, sobre a qual sua cabeça repousava, “ele teria atravessado, mas está a alguns metros adiante agora, e se ele seguir o filão, este não o levará até lá em menos de uma semana. Você o vê lá atrás, bem longe. Mesmo assim, talvez, no caso de acidente, seria melhor sair daqui. Helfer, apanhe a caixa grande. Isso lhe compete, você sabe.”

“Sim, pai”, respondeu uma terceira voz. “Mas você precisa me ajudar a colocá-la nas minhas costas. E terrivelmente pesada, você sabe.”

“Bem, reconheço que não é apenas um saco de fumaça. Porém você é forte como uma montanha, Helfer.”

“É você que diz isso, pai. Eu mesmo acho que estou bem. Mas eu poderia carregar dez vezes mais se não fossem meus pés.”

“Confesso, meu rapaz, que esse é seu ponto fraco.”

“Não é o seu também, pai?”

“Bem, para ser sincero, é uma fraqueza de goblin. Por que eles são tão moles, realmente não tenho idéia.”

“Especialmente quando sua cabeça é tão dura, você sabe, pai.”

“Sim, meu filho. A glória dos goblins é nossa cabeça. Pensar que os camaradas lá em cima têm de usar capacetes e outras coisas quando vão lutar! Há! há!”

“Mas porque não usamos sapatos como eles, pai? Eu gostaria, especialmente quando tenho uma caixa destas na minha cabeça.”

“Bem, você vê, não é moda. O rei nunca usa sapatos.”

“A rainha usa.”

“Sim, mas isto é por distinção. A primeira rainha, veja, quero dizer, a primeira esposa do rei, usava sapatos naturalmente porque ela tinha vindo lá de cima, e então quando ela morreu, a rainha que veio depois não queria ser inferior à primeira, como ela dizia, e quis usar sapatos também. Era tudo uma questão de orgulho. Ela é a mais severa em proibi-los para o resto das mulheres.”

“Tenho certeza de que eu não os usaria - não, não, por isso não”, disse a primeira voz, que era evidentemente a da mãe da família. “Não consigo pensar

por que alguém deles deveria.”

“Eu não lhe disse que a primeira rainha era lá de cima?”, disse a outra. “Essa foi a única coisa tola de que se pode culpar Sua Majestade. Por que ele tinha de se casar com uma mulher estranha como aquela e, por cima, uma de nossas inimigas naturais?”

“Suponho que ele se apaixonou por ela.”

“Bobagem! Ele está muito feliz agora com uma de seu próprio povo.”

“A primeira rainha morreu muito cedo? Eles não a importunaram até morrer, não é?”

“Oh, não! O rei venerava-lhe os próprios passos.”

“Então o que causou sua morte? O ar não lhe fazia bem?”

“Ela morreu quando o jovem príncipe nasceu.”

“Que tolice a dela! Nós nunca fazemos tal coisa. Deve ser porque ela usava sapatos.”

“Não sei disso.”

“Por que o povo lá de cima usa sapatos?”

“Ah, agora essa é uma pergunta sensata e vou respondê-la. Mas, para isso, devo primeiro contar-lhes um segredo. Eu vi uma vez os pés da rainha.”

“Sem os sapatos?”

“Sim, sem os sapatos.”

“Não! É mesmo? Como foi isso?”

“Não importa como foi. Ela não sabia que eu vi. E o que você acha! Tinham dedos!”

“Dedos! O que é isso?”

“Você tem razão de perguntar! Eu nunca saberia se eu não tivesse visto os pés da rainha. Imagine! As extremidades dos pés estavam divididas em cinco ou seis pedaços finos!”

“Que horror! Como pôde o rei ter se apaixonado por ela?”

“Você esquece que ela usava sapatos. É justamente por isso que ela os usava. É por isso que lá em cima todos os homens, e mulheres também, usam sapatos. Eles não suportam ver seus próprios pés sem sapatos.”

“Ah! Agora eu entendo. Se você alguma vez quiser sapatos novamente, Helfer, vou bater em seus pés, vou mesmo.”

“Não, não, mãe, por favor, não.”

“Então, não fale mais nisso.”

“Mas com uma caixa tão grande na minha cabeça...”

Um grito horrível fez-se ouvir, que Curdie interpretou como resposta a um soco da mãe nos pés do seu goblin mais velho.

“Bem, eu nunca soube disso até agora!”, observou uma quarta voz.

“Seu conhecimento ainda não é bem universal”, disse o pai. “No mês passado você só completou cinquenta anos. Tome cuidado com a cama e a roupa de cama. Logo que tivermos terminado nosso jantar, iremos embora. Há! há! há!”

“Do que é que você está rindo, marido?”

“Estou rindo só de pensar em que confusão os mineiros vão estar - e algo em torno de dez anos esperamos esse dia.”

“Ora, o que você quer dizer?”

“Oh, nada.”

“Oh, sim, você quer dizer alguma coisa. Você sempre quer dizer alguma coisa.”

“Nesse caso, está além de você, mulher.”

“Isso pode ser, mas não está além do que eu descobro, você sabe.”

“Há! Há! Você é esperta. Que mãe você tem, Helfer!”

“Sim, pai.”

“Bem, suponho que lhe devo contar. Estão todos no palácio discutindo sobre isso esta noite; e logo que tivermos saído deste lugar apertado, irei para lá saber qual a noite que escolherão. Gostaria de ver aquele jovem valentão lá do outro lado debatendo-se nas angônias da...”

A voz dele baixou tanto que Curdie só conseguiu ouvir um resmungo. O resmungo continuou por um bom tempo, tão mal articulado como se a língua do goblin fosse uma salsicha; e somente depois que sua esposa falou, novamente a voz dele se elevou ao tom anterior.

“Mas o que faremos quando você estiver no palácio?”, ela perguntou.

“Quero ver vocês bem instalados na nova casa que venho escavando nos últimos dois meses. Podge, você cuida da mesa e cadeiras. Confio essas coisas ao seu cuidado. A mesa tem sete pernas, cada cadeira três. Vou exigir tudo isso de suas mãos.”

Depois disso, seguiu-se uma conversa confusa sobre os vários utensílios domésticos e o transporte deles; e Curdie nada mais ouviu que tivesse alguma importância.

Pelo menos agora ele sabia uma das razões do constante som de martelos e picaretas à noite. Os goblins estavam fazendo casas novas para que pudessem se refugiar caso os mineiros ameaçassem invadir suas moradias. Mas ele tinha ouvido duas coisas de maior importância. A primeira era que estavam preparando alguma calamidade horrível, prestes a cair sobre a cabeça dos mineiros; a segunda era sobre o único ponto fraco do corpo de um goblin; ele nunca soubera que os pés deles eram tão fracos, como agora ele tinha razão de supor. Já ouvira falar que não tinham dedos nos pés; No anoitecer, que é quando

sempre apareciam, nunca tivera oportunidade de inspecioná-los bem de perto para confirmar essa informação. Na verdade, ele nem tinha podido certificar-se de que não tinham dedos nas mãos, embora isto também fosse comumente falado. Realmente, um dos mineiros, que tivera mais escolaridade do que os demais, costumava dizer que essa devia ter sido a condição primitiva da humanidade e que a instrução e a habilidade manual tinham desenvolvido os dedos dos pés e das mãos. Curdie tinha ouvido uma vez seu pai concordar ironicamente com essa suposição: dizia que era provável que as luvas dos bebês fossem um indício do velho estado de coisas, e as meias para qualquer idade, uma vez que ignoravam os dedos, apontavam na mesma direção. Porém, o fato importante era a fraqueza dos pés dos goblins, que, como ele previa, podia ser útil a todos os mineiros. Contudo, o que ele tinha a fazer nesse meio tempo era descobrir, se possível, a intenção maligna que os goblins tinham em mente.

Embora ele conhecesse todas as gangs e galerias naturais que levavam à parte escavada da montanha, não tinha a menor idéia onde ficava o palácio do rei dos gnomos. Se soubesse, teria empreendido imediatamente a aventura de descobrir qual era essa intenção. Curdie imaginou, e corretamente, que deveria situar-se na parte mais longínqua da montanha, e entre ela e a mina ainda não havia comunicação. Mas devia haver alguma quase terminada; podia ser apenas uma divisão estreita que agora as separava. Se ele pudesse atravessá-la a tempo de seguir os goblins enquanto se retiravam! Sem dúvida, alguns golpes seriam suficientes, justamente onde seu ouvido estava; mas se tentasse golpear ali com a picareta, somente apressaria a partida da família, eles armariam a guarda e talvez ele perdesse seus guias involuntários. Curdie então começou a tatear a parede com as mãos, e logo descobriu que algumas das pedras estavam soltas o suficiente e podiam ser retiradas com pouco ruído.

Apanhou uma pedra grande com ambas as mãos, retirou-a devagar e a colocou no chão cuidadosamente.

“O que foi aquele barulho?”, disse o goblin pai.

Curdie apagou sua lanterna para que não vissem a luz.

“Deve ser algum mineiro que ficou para trás”, disse a mãe.

“Não, ele já saiu faz um bom tempo. Há uma hora que não ouço um golpe.”

“Além disso, não parecia com o ruído que fazem.”

“Então imagino que deve ter sido uma pedra que deslizou para dentro do regato.”

“Talvez. Terá mais espaço logo.”

Curdie permaneceu bem quieto. Após alguns momentos, ouviu que se preparavam para partir e alguma palavra ocasional de direção. Ansioso para saber se a remoção da pedra tinha feito uma abertura na casa dos goblins, introduziu sua mão. Ela entrou bastante, e então apalpou algo macio. Teve apenas um momento para sentir a coisa, pois ela se afastou instantaneamente: era um

dos pés sem dedos de um goblin, que deu um grito de susto.

“O que aconteceu, Helfer?”, perguntou sua mãe.

“Um bicho deve ter saído da parede e lambeu meu pé.”

“Bobagem! Não há animais selvagens em nosso país”, disse seu pai.

“Mas era, pai. Eu senti.”

“Bobagem, digo. Você quer difamar seu reino natal e reduzi-lo ao mesmo nível do país lá de cima? Aquele está infestado de animais ferozes de todos os tipos.”

“Mas eu senti, pai.”

“Digo-lhe para ficar quieto. Você não é patriota.”

Curdie conteve o riso e permaneceu quieto, porém não mais que um camundongo, pois escavava continuamente com os dedos as extremidades do buraco. Lentamente, ele o fazia maior, pois o rochedo nesse ponto tinha ficado muito quebradiço com a explosão.

Parecia que a família tinha muitos membros, a julgar pelo burburinho confuso da conversa que, de vez em quando, chegava pelo buraco; se falavam todos ao mesmo tempo e como se tivessem escovas de lavar garrafa na garganta, não era fácil distinguir o que diziam. Finalmente, ele ouviu mais uma vez o que o goblin pai estava dizendo.

“Agora, então, coloquem suas trouxas nas costas. Aqui, Helfer, vou ajudá-lo com sua caixa.”

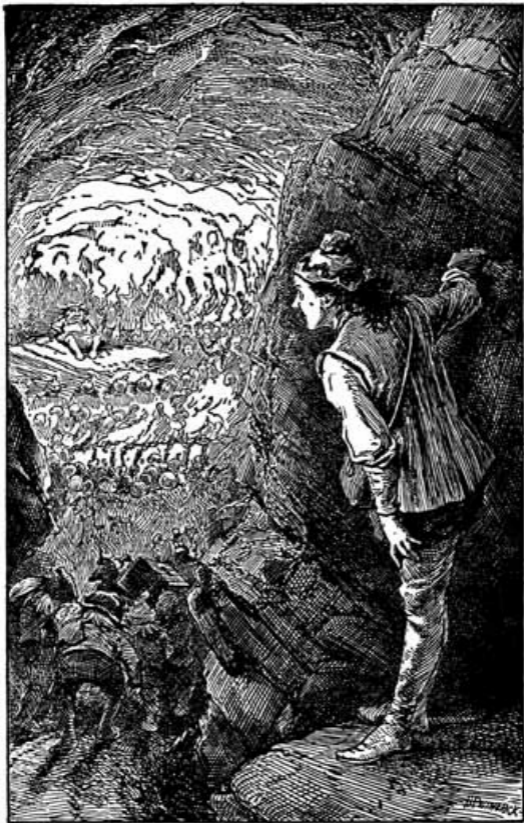
“Eu gostaria que fosse minha caixa, pai.”

“Sua vez chegará bem depressa! Ande logo. Devo ir à reunião no palácio esta noite. Quando terminar, podemos voltar e levar o restante das coisas antes de nossos inimigos voltarem amanhã. Agora acendam suas tochas e venham. Que coisa boa providenciarmos nossa própria iluminação, em vez de depender de uma coisa pendurada no ar, um instrumento muito desagradável, com a intenção sem dúvida de nos cegar quando nos aventuramos ir lá fora sob sua influência maligna! Ofuscante e vulgar, eu diria, mas sem dúvida útil às pobres criaturas que não têm inteligência para fazer luz para elas.”

Curdie quase não se conteve em perguntar se eles faziam fogo para acender suas tochas. Mas um momento de reflexão mostrou-lhe que eles teriam dito que faziam, pois batiam duas pedras uma na outra e o fogo aparecia.

CAPÍTULO 9

O SALÃO DO PALÁCIO DOS GOBLINS



Seguiu-se o som de muitos pés macios, mas logo cessou. Curdie então avançou como um tigre, e rasgou e puxou. Os lados cederam, e logo estava suficientemente grande para ele se arrastar pela abertura. Ele não ia tirar-se reacendendo sua lanterna, mas as tochas do grupo que se retirava subindo em linha reta por um longo caminho fornecia-lhe claridade suficiente para lhe permitir ver o lar deserto dos goblins. Para sua surpresa, ele pôde descobrir que não era em nada diferente de uma caverna natural, comum, no rochedo, muitas das quais ele havia encontrado com o demais mineiros no decorrer de suas escavações. Os goblins tinham falado em retornar para apanhar o resto de seus utensílios domésticos; ele nada viu que o fizesse supor que uma família tivesse se abrigado ali uma única noite. O chão era áspero e pedregoso; as paredes cheias de cantos salientes; o teto com seis metros de altura num lugar, e em outro pondo em perigo sua testa; além disso, num lado, um fio de água não mais espesso do que uma agulha, é verdade, mas ainda assim suficiente para espalhar uma extensa umidade sobre a parede, corria pela face do rochedo. Porém, a tropa na sua frente estava pelejando sob fardos pesados. De vez em quando, Curdie podia distinguir Helfer na sombra e na luz bruxuleante com sua pesada caixa sobre os ombros encurvados; e o segundo irmão quase enterrado sob o que parecia uma enorme cama de penas. “Onde eles conseguem penas?”, pensou Curdie. Porém, num instante a tropa desapareceu numa volta do caminho, e agora era prudente e necessário que Curdie os seguisse para que não completassem a próxima volta antes que ele os visse novamente, pois poderia perdê-los completamente de vista. Curdie disparou atrás deles como um galgo. Ao alcançar a curva, olhou cautelosamente ao redor e os viu novamente a alguma distância descendo uma outra passagem comprida. Nenhuma das galerias que ele viu naquela noite trazia sinais de trabalho de homem ou goblin. Estalactites, muito mais antigas do que as minas, pendiam dos tetos das cavernas: e o chão era irregular, cheio de blocos e grandes pedras redondas, indicando que ali havia corrido água antigamente. Esperou nessa curva até os goblins desaparecerem na próxima, e desse modo os seguiu por um longo caminho de uma passagem a outra. As passagens iam-se tornando cada vez mais altas, e cada vez mais cobertas de estalactites brilhantes.

Ele seguia uma procissão bastante estranha. Mas o mais estranho eram os animais domésticos que se amontoavam entre os pés dos goblins. É verdade que eles não tinham animais selvagens lá, pelo menos não sabiam de nenhum; mas tinham uma quantidade maravilhosa de animais mansos. Contudo, devo reservar qualquer contribuição para a história natural desses animais em um ponto posterior de minha história.

Finalmente, ao dobrar uma curva muito abruptamente, Curdie quase se lançou no meio da família de goblins; pois ali eles já tinham depositado todos os seus fardos no chão de uma caverna consideravelmente maior do que aquela que tinham deixado. Estavam excessivamente ofegantes para falar; do contrário, Curdie teria sido prevenido de que tinham parado. Mas ele retrocedeu antes que alguém o visse, e ficou vigiando-os de uma boa distância até o pai goblin sair para ir ao palácio. Pouco depois, o pai e o filho Helfer apareceram e foram na mesma direção anterior, e Curdie os seguiu novamente com precaução

redobrada. Por um longo tempo, não ouviu som algum, exceto algo parecido com a correnteza de um rio dentro do rochedo; mas, finalmente, ouviu o que parecia o barulho distante de uma grande gritaria, que contudo cessou logo. Após avançar um bom caminho, pensou ter escutado uma única voz. Soava cada vez mais clara à medida que Curdie prosseguia, até que, finalmente, ele quase pôde distinguir as palavras. Em um ou dois momentos, mantendo-se atrás dos goblins em outra curva, ele retrocedeu novamente, dessa vez com assombro.

Estava na entrada de uma caverna magnífica, de formato oval, provavelmente antes um enorme reservatório natural de água, agora o grande salão do palácio dos goblins. Elevava-se a uma altura considerável, o teto era formado de materiais reluzentes e a multidão de tochas que os goblins levavam iluminavam o local com tanto brilho, que Curdie podia enxergar muito bem até o topo. Mas ele não fazia idéia do tamanho do lugar, até seus olhos se acostumarem, o que levou alguns bons minutos. As saliências nas paredes e suas sombras projetadas para o alto pelas tochas faziam os lados do salão parecer apinhados de estátuas sobre consolos e pedestais. Em fileiras irregulares, iam do chão ao teto. As próprias paredes eram, em muitas partes, de substâncias maravilhosamente brilhantes; além disso, algumas delas eram esplendidamente coloridas, o que contrastava consideravelmente com as sombras. Curdie mal pôde conter sua curiosidade de querer saber se suas rimas iam adiantar contra uma tal multidão de goblins, e, de fato, sentiu-se bem tentado a começar seu grito de “Um, dois, três!” Como não havia razão para afugentá-los, mas sim muito a diligenciar para descobrir seus designios, ele se manteve perfeitamente quieto e, espiando pela beirada da porta, prestou atenção com os dois ouvidos aguçados.

Na outra extremidade do salão, acima da multidão de cabeças e a uma boa altura, o rochedo projetava uma plataforma semelhante a uma sacada, formada pelo recuo da parede superior da caverna. Nesse patamar sentava-se o rei e sua corte: o rei em um trono escavado em um bloco enorme de minério verde de cobre, e sua corte em assentos mais baixos ao seu redor. O rei tinha feito um discurso, e o aplauso que se seguiu foi o que Curdie escutara. Alguém da corte dirigia-se agora à multidão. O que ele ouviu foi o seguinte:

“Portanto, parece que a cabeça firme de Sua Majestade esteve arquitetando dois planos para a libertação de seu povo. Eles, desconsiderando o fato de que nós fomos os primeiros donos das regiões que eles agora habitam, desconsiderando igualmente o fato de que nós abandonamos aquela região por motivos superiores, não levando em conta também o fato por si só evidente de que nós os superamos de longe em habilidade mental, como eles nos superam em estatura, eles nos vêem como uma raça infame e caçom de todos os nossos sentimentos mais puros. Porém, já se aproxima a hora em que, graças ao talento astucioso de Sua Majestade, seremos capazes de nos vingar deles, de uma vez por todas, pelo seu procedimento hostil.”

“Se me permite, Majestade...”, gritou uma voz próxima à porta, que Curdie reconheceu como a do goblin que ele tinha seguido.

“Quem é esse que interrompe o chanceler?”, bradou uma outra voz perto

do trono.

“Glump”, responderam várias vozes.

“Ele é nosso súdito fiel”, disse o rei, numa voz baixa e imponente, “deixem que ele se aproxime e fale.”

Uma passagem se abriu na multidão, e Glump, subindo à plataforma e curvando-se perante o rei, falou:

“Majestade, eu teria ficado em silêncio se eu ignorasse o que somente eu sei: está muito próximo o momento do qual fala o chanceler. Com toda a probabilidade, antes que passe mais um dia, o inimigo terá rompido a parede divisória de minha casa, que já não tem mais do que trinta centímetros de espessura.”

“Nem isso”, pensou Curdie com seus botões.

“Esta mesma noite, tive de retirar todos os meus utensílios domésticos; portanto, quanto antes estivermos prontos para pôr em prática nosso plano, para cuja execução Sua Majestade fez preparativos tão magníficos, tanto melhor. Devo somente acrescentar que nos últimos dias percebi uma pequena ruptura em minha sala de jantar que, combinada com observações de que o leito do rio está diminuindo onde os homens maus entram, me convenceu de que perto daquele ponto deve haver um golfo profundo no canal. Acredito que essa descoberta aumentará consideravelmente as imensas forças já à disposição de Sua Majestade.”

Ele terminou, e o rei reconheceu gentilmente o que ele disse com uma inclinação de cabeça; em seguida, Glump inclinou-se para Sua Majestade, desceu e misturou-se à multidão. O chanceler prosseguiu:

“As informações que o digno Glump nos deu”, ele disse, “seriam de grande importância no atual momento se não fosse aquele outro plano ao qual já me referi, que naturalmente tem precedência. Sua Majestade, não desejando tomar medidas extremas, e bem ciente de que tais medidas, mais cedo ou mais tarde, resultarão em reações violentas, imaginou uma providência mais fundamental e ampla, sobre a qual não necessito me alongar. Se Sua Majestade for bem-sucedido - alguém poderia duvidar? - então uma paz totalmente vantajosa para o reino goblin será estabelecida por uma geração pelo menos, como resultado completamente certo pela garantia que Sua Alteza Real, o príncipe, terá da boa conduta dos parentes de sua esposa. Se Sua Majestade falhar - quem ousará imaginar tal coisa em seus mais secretos pensamentos? — então será o momento de realizar com rigor o plano a que Glump se referiu, e para o qual nossos preparativos estão mesmo agora praticamente prontos. O fracasso do primeiro tornará o outro imperativo.”

Curdie, percebendo que a assembléia estava chegando ao fim e que havia pouca chance de descobrir completamente um ou outro plano, achou que agora seria prudente bater em retirada, antes de os goblins se dispersarem, e silenciosamente escapou.

Não havia grande risco de encontrar algum goblin, pois os homens pelo menos tinham ficado no palácio; mas havia bastante perigo de ele tomar uma curva errada, pois agora não tinha luz, e portanto precisava depender de sua memória e suas mãos. Ficou completamente sem orientação depois de deixar para trás a claridade que saía da porta da nova moradia de Glump..

Estava por demais ansioso para retornar e atravessar o buraco antes de os goblins voltarem para levar o restante de seus móveis. Não era que Curdie tivesse o mínimo receio deles, porém, como era da maior importância descobrir inteiramente quais eram seus planos, ele não deveria dar razão para a menor suspeita de que estavam sendo vigiados por um mineiro.

Prossigui apressado, tateando pelas paredes do rochedo para achar o rumo. Estaria bem ansioso se não fosse muito corajoso, pois bem sabia que, se perdesse o caminho, seria a coisa mais difícil do mundo encontrá-lo de novo. A manhã não traria luz a essas regiões, e principalmente ele, conhecido como especialista em rimas e perseguidor excelente, jamais poderia esperar que os goblins lhe fizessem um favor. Bem que ele desejava ter trazido sua lanterna e isqueiro, mas nem tinha pensado nisso quando se arrastou impacientemente atrás dos goblins! Ele o desejou mais ainda quando, pouco depois, encontrou seu caminho bloqueado e não pôde prosseguir. De nada adiantava voltar, pois não tinha a mínima idéia onde tinha começado a se desviar. Todavia, continuou a apalpar maquinalmente as paredes que o cercavam. Sua mão alcançou um fio de água que escorria pelo rochedo. “Que idiota eu sou!”, disse para si mesmo. “Estou de fato no fim de minha jornada! E lá estão os goblins voltando para apanharem seus pertences!”, acrescentou, quando o reflexo vermelho de suas tochas apareceu no final da longa passagem que conduzia à caverna. Curdie imediatamente jogou-se no chão e arrastou-se de costas pelo buraco. O chão do outro lado era muito mais baixo, o que tornava mais fácil voltar. Tudo o que tinha a fazer era levantar a pedra maior que tinha retirado. Conseguiu empurrá-la novamente para dentro. Sentou-se sobre o monte de minério e pensou.

Curdie tinha plena certeza de que o segundo plano dos goblins era inundar a mina fazendo saídas para a água acumulada nos reservatórios naturais da montanha, como também para a que corria por trechos dela. Enquanto a parte escavada pelos mineiros permanecera fechada para aquela habitada pelos goblins, eles não tiveram oportunidade de prejudicá-los; mas agora que o rompimento da passagem mostrara que os domínios dos goblins ficava no ponto mais alto da montanha, ficou claro para Curdie que a mina poderia ser destruída em uma hora. A água sempre fora o principal perigo ao qual os mineiros estavam expostos. Algumas vezes, eles se deparavam com um pouco de gás carbônico, mas nunca com o grisú, gás inflamável, tão comum em minas de carvão. Por isso, sempre tinham cuidado logo que viam qualquer sinal de água.

Como resultado de suas reflexões, enquanto os goblins estavam ocupados em sua casa velha, pareceu a Curdie que seria preferível reconstruir inteiramente essa passagem com pedra e barro ou cal, de maneira que não houvesse a menor possibilidade de penetrar água. Não havia, porém, nenhum

perigo imediato, pois a execução do plano dos goblins dependia do fracasso do outro desconhecido; e ele estava demasiado ansioso em manter a porta de comunicação aberta para que lhe fosse possível descobrir qual era o plano principal. Ao mesmo tempo, os goblins não poderiam reiniciar seus trabalhos interrompidos para a inundação sem ele o descobrir; se colocassem mãos à obra, a única saída existente podia em apenas uma noite ficar impenetrável a qualquer quantidade de água; enchendo completamente a passagem, sua barragem seria sustentada pelos lados da própria montanha.

Logo após se certificar de que os goblins tinham-se retirado novamente, Curdie acendeu sua lanterna e começou a encher o buraco com essas pedras, que ele poderia retirar quando quisesse. Então, pensando melhor, pois teria oportunidade de ir para lá muitas noites depois disso, decidiu ir para casa e dormir um pouco.

Como era agradável o ar noturno do lado de fora da montanha depois do que ele tinha passado lá dentro! Subiu o morro depressa sem encontrar um único goblin no caminho, e chamou e bateu à janela até acordar seu pai, que logo se levantou e o fez entrar. Curdie contou-lhe tudo o que acontecera, e, exatamente como tinha esperado, seu pai achou melhor deixar de trabalhar naquele filão, mas, ao mesmo tempo, fingir estar trabalhando ali ocasionalmente a fim de não despertar suspeitas nos goblins. Ambos, pai e filho, voltaram então para a cama e dormiram profundamente até de manhã.

CAPÍTULO 10

O PAPAÍ-REI DA PRINCESA



Durante semanas, o tempo continuou bom, e a princesinha saía todos os dias. Na verdade, nunca se soube de um período tão longo de tempo tão agradável naquela montanha. A única coisa desagradável era que sua aia estava tão nervosa e severa na questão de seu retorno para casa antes do pôr-do-sol que, muitas vezes, bastava uma nuvem lanosa encobrir o sol e causar uma sombra na encosta da montanha para ela disparar; em muitas tardes elas já estavam em casa uma boa hora antes de a luz do sol ter deixado o cata-vento sobre os estábulos. Se não fosse esse comportamento tão estranho, Irene, nessa altura, já teria quase esquecido os goblins. Ela nunca se esquecia de Curdie, mas lembrava-se dele em favor dele próprio, e realmente se lembraria porque uma princesa nunca se esquece de suas dívidas até que sejam pagas.

Num esplêndido dia de sol, cerca de uma hora após o meio-dia, Irene, que estava brincando no gramado do jardim, ouviu o som de um clarim. Ela pulou com um grito de alegria, pois sabia por aquele som especial que seu pai estava a caminho para vê-la. Essa parte do jardim ficava na encosta da colina e dali se descortinava uma vista completa da região lá em baixo. Então, amparando os olhos com a mão, olhou para bem longe a fim de apanhar os primeiros relances da armadura brilhante. Logo apareceu uma pequena tropa reluzente na curva da saliência de um morro. Lanças e capacetes brilhavam, estandartes flutuavam, cavalos empinavam, e de novo ouviu-se o som do clarim, que era para a princesinha como a voz de seu pai chamando da distância: “Irene, estou chegando”. Eles vinham a passo regular, até que por fim ela pôde distinguir claramente o rei. Ele montava um cavalo branco e era mais alto do que seus homens. Usava um diadema de ouro cravejado de brilhantes ao redor do capacete, e à medida que se aproximava Irene pôde ver o brilho das pedras ao sol. Fazia muito tempo que o rei tinha vindo vê-la, e seu coração batia cada vez mais rapidamente, pois ela amava seu papai-rei muito afetuosamente, e em lugar algum ficava tão feliz como em seus braços. Correu para o portão, e ali esperou até eles chegarem ressoando e pisando com mais um toque animado de clarim, que dizia: “Irene, cheguei”.

Nessa altura, o pessoal da casa estava reunido no portão, mas Irene ficou na frente de todos. Quando os cavaleiros pararam, ela correu para o lado do cavalo branco e estendeu os braços. O rei abaixou-se e tomou-a pelas mãos. Num instante, ela estava sobre a sela e enlaçada por seus braços grandes e fortes. Desejaria poder descrever o rei, a fim de que você pudesse imaginá-lo. Ele tinha olhos azuis, bondosos, mas um nariz que o fazia parecer uma águia. Uma longa barba escura, entremeada de fios prateados, ia até quase a cintura, e quando Irene sentou na sela e escondeu seu rosto feliz sobre o peito do pai, a barba misturou-se aos seus cabelos louros, que eram uma dádiva de sua mãe, e os dois juntos pareciam uma nuvem estriada pelos raios do sol. Depois de abraçá-la, o rei falou um minuto ao seu cavalo branco, e esta grande e linda criatura, que estivera se empinando com tanto orgulho um instante antes, começou a caminhar tão suavemente como uma dama - pois sabia que tinha uma pequena dama sobre a sela, atravessou o portão e subiu até a porta da casa. O rei colocou a menina no chão e desmontou, tomou-a pela mão e seguiu com ela para dentro do grande salão, onde raramente alguém entrava, exceto quando ele vinha ver sua princesinha. Sentou, com dois de seus conselheiros que o tinham acompanhado, para tomarem um refresco. Irene sentou-se à sua direita e tomou o seu leite numa tigela de madeira artisticamente entalhada.

Depois de comer e beber, o rei acariciou a filha e disse:

“Agora, minha filhinha, o que faremos depois?” Essa era a pergunta que ele sempre lhe fazia depois da refeição juntos, e Irene estivera esperando por ela com certa impaciência, pois agora, ela pensou, poderia resolver uma questão que sempre a perturbava.

“Eu gostaria que você me levasse para visitar minha grande velha avó.”

O rei pareceu sério e respondeu: “O que minha filhinha quer dizer?”

“A Rainha Irene que vive lá em cima na torre -a senhora muito velha, você sabe, de longos cabelos de prata.”

O rei apenas encarou a sua princesinha de uma maneira que ela não pôde entender.

“Ela guarda sua coroa no seu quarto de dormir”, prosseguiu, “mas eu ainda não entrei nele. Você sabe que ela está lá, não sabe?”

“Não”, disse o rei, muito pacientemente.

“Então, tudo deve ter sido um sonho”, disse Irene. “Eu quase pensei que era; mas não podia ter certeza. Agora, estou certa. Além disso, não consegui encontrá-la na outra vez que subi.”

Nesse instante, uma pomba branca como a neve voou pela janela aberta e pousou sobre a cabeça de Irene. Ela caiu numa alegre gargalhada, abaixou-se um pouco e levou as mãos à cabeça dizendo:

“Querida pombinha, não me bique. Você arrancará meus cabelos com suas longas garras se você não tomar cuidado.”

O rei estendeu sua mão para apanhar a pomba, mas esta abriu as asas e voou novamente pela janela aberta, sua brancura reluziu ao sol e logo desapareceu. O rei pôs a mão na cabeça da princesa e inclinou-a um pouco para trás, olhou-a no rosto, esboçou um sorriso e deixou escapar um meio suspiro.

“Venha, meu bem, vamos dar juntos uma volta no jardim”, ele disse.

“Então, você não quer subir e ver minha grande linda avó, papai-rei?”, disse a princesa.

“Não desta vez”, disse o rei muito gentilmente. “Ela não me convidou, você sabe, e grandes senhoras velhas, como ela, não gostam de ser visitadas sem permissão.”

O jardim era um lindo lugar. Estando sobre a encosta de uma montanha, havia partes ali onde os rochedos surgiam em grandes massas e tudo imediatamente ao redor permanecia inteiramente selvagem. Tufos de urzes e outras plantas rudes e flores silvestres cresciam ali, ao mesmo tempo que perto delas havia lindas rosas, lírios e todas as plantas agradáveis de jardim. Essa mistura de montanha agreste e jardim civilizado era bem singular, e era impossível, por maior que fosse o número de jardineiros, fazer com que um jardim desses parecesse formal e cerimonioso.

Ao pé de um desses rochedos, havia um banco de jardim abrigado do sol da tarde pela projeção do próprio rochedo. Um pequeno caminho tortuoso ia até o seu topo, onde havia um outro banco; mas o rei e a princesa sentaram no banco sombreado, pois o sol estava quente; e ali conversaram sobre muitas coisas. Finalmente, o rei disse:

“Você ficou fora até tarde uma noite, Irene.”

“Sim, papai. Foi minha culpa; e Lootie ficou muito aborrecida.”

“Preciso falar com Lootie sobre isto”, disse o rei.

“Não fale severamente com ela, por favor, papai”, disse Irene. “Ela tem estado tão receosa desde então! Na verdade, ela não tem sido desobediente. Foi um erro, mas somente uma vez.”

“Uma vez poderia ser frequente demais”, murmurou o rei para si mesmo enquanto acariciava a cabeça da menina.

Não posso lhe dizer como o rei chegou a saber. Tenho certeza de que não foi Curdie que lhe contou. Alguém no palácio deve tê-las visto, apesar de tudo. O rei ficou um bom tempo pensando. Não se ouvia um som sequer, exceto o de um pequeno regato que corria alegremente de uma abertura no rochedo perto deles, e velozmente descia a colina através do jardim. O rei então levantou e, deixando Irene ali, entrou na casa e mandou chamar Lootie, com quem teve uma conversa que a fez chorar.

A noitinha, quando se foi montado no seu grande cavalo branco, o rei deixou seis de seus atendentes ali com ordens de que três deles vigiassem o exterior da casa todas as noites. Deveriam circular ao seu redor desde o crepúsculo até o amanhecer. Estava claro que ele não se sentia sossegado em relação à princesa.

CAPÍTULO 11

O QUARTO DE DORMIR DA VELHA SENHORA



Durante algum tempo nada mais aconteceu que valesse a pena contar. O outono chegou e se foi. Não havia mais flores no jardim. O vento soprava fortemente e uivava entre os rochedos. A chuva caía e ensopava as poucas folhas amarelas e vermelhas que não conseguiram cair dos galhos nus. Muitas vezes, surgia uma manhã maravilhosa, seguida por uma tarde de chuva forte, e algumas vezes, durante toda uma semana chovia o dia todo, e então aparecia a mais linda noite sem nuvens, com o céu totalmente estrelado - não faltava uma estrela. A princesa, porém, não podia ver muitas delas, pois ia cedo para a cama. O inverno chegou, e ela começou a achar que as coisas ficavam sombrias. Quando estava tempestuoso demais para sair e ela ficava cansada de seus brinquedos, Lootie a levava pela casa, algumas vezes para o quarto da

governanta, onde esta, que era uma mulher idosa e boa, lhe fazia muita festa, outras vezes para as dependências dos criados ou para a cozinha, onde ela não era meramente princesa, mas rainha absoluta, e corria o grande risco de ser estrangada pelos mimos. Algumas vezes, ela escapava sozinha para o aposento onde ficavam os soldados que o rei tinha deixado. Eles mostravam a ela suas armas e equipamentos e faziam todo o possível para diverti-la. Mesmo assim, algumas vezes, a princesa ficava muito entediada, e frequentemente desejava que sua grande avó não tivesse sido um sonho.

Certa manhã, a aia deixou-a algum tempo com a governanta. Para divertir a princesa, ela esvaziou sobre a mesa o conteúdo de uma gaveta velha. A princesa achou aqueles tesouros, enfeites antigos e esquisitos, e muitas coisas cujo uso ela não podia imaginar, muito mais interessantes do que seus próprios brinquedos, e ficou sentada brincando ali por duas horas ou mais. Porém, num momento em que segurava um broche esquisito, fora de moda, espetou seu polegar no alfinete, e deu um pequeno grito com a dor aguda que sentiu, mas não teria feito caso disso se a dor não tivesse aumentado e o polegar não começasse a inchar. Isso alarmou demais a governanta. Mandou buscar a aia, e o médico foi chamado; aplicou-se um cataplasma na mão, e ela foi para a cama muito antes da hora costumeira. A dor ainda continuou; apesar disso, adormeceu e sonhou muito; e sempre havia a dor em cada sonho. Por fim, ela despertou.

A luz da lua iluminava o quarto. O cataplasma tinha se soltado e sua mão queimava, de tão quente. Imaginou que se a deixasse ao luar, a mão refrescaria. Então desceu da cama, sem acordar a aia que dormia no outro lado do quarto, e foi até a janela. Ao olhar para fora, viu um dos soldados andando no jardim com o luar brilhando sobre a armadura. Ela estava preste a bater de leve na janela e chamá-lo para lhe contar o que tinha acontecido, mas considerou que poderia acordar Lootie, e ela a levaria de novo para a cama. Resolveu ir para a janela de um outro quarto e chamá-lo de lá. Seria muito mais agradável ter alguém para conversar do que ficar acordada na cama com a dor queimando sua mão. Abriu a porta com muito cuidado, atravessou o quarto que não dava para o jardim a fim de ir para a outra janela. Mas quando chegou ao pé da velha escada, ali estava a lua brilhando de alguma janela, lá no alto, e fazendo o carvalho carcomido parecer muito estranho, delicado e bonito. Num instante, os seus pés seguiram um após o outro o caminho prateado da escada; olhava para trás à medida que subia para ver a sombra que faziam no meio do caminho. Algumas meninas teriam ficado com medo de estarem sozinhas assim no meio da noite, mas Irene era uma princesa.

Enquanto subia vagarosamente a escada, sem muita certeza de que não estava sonhando, sentiu repentinamente despertar em seu coração um grande anseio de experimentar mais uma vez encontrar a velha senhora de cabelos prateados.

“Se ela é um sonho”, disse para si mesma, “então terei mais probabilidade de encontrá-la se estiver sonhando.”

Por essa razão, ela foi subindo, escada após escada, até chegar aos muitos

quartos, tudo exatamente como tinha visto antes. Ela ia ligeiramente apressada passagem após passagem, e se confortava com a idéia de que não teria muita importância se perdesse o caminho, pois estaria em sua própria cama quando acordasse com Lottie perto dela. E, como seja conhecesse cada passo do caminho, ela seguiu direto para a porta ao pé da escada estreita que conduzia à torre.

“Imagine se verdadeiramente, mas verdadeiramente eu encontrasse minha linda velha avó lá em cima!”, disse para si mesma enquanto subia os degraus.

Uma vez no topo, ficou no escuro, pois ali não havia luar. Parou e ficou escutando. Sim! era ali! Era o sussurro da roca! Que avó diligente, trabalhando dia e noite!

Bateu suavemente na porta.

“Entre, Irene”, disse uma voz doce.

A princesa abriu a porta e entrou. Lá estava o luar jorrando pela janela, e sob a luz do luar sentava-se a velha senhora, em seu vestido preto com renda branca e seu cabelo prateado misturando-se ao luar, de modo que não se sabia qual era qual.

“Entre, Irene”. Ela disse novamente. “Você sabe me dizer o que estou fiando?”

“Ela fala”, pensou Irene, “justamente como se ela tivesse me visto cinco minutos atrás, ou ontem no máximo”.

“Não”, ela respondeu. “Não sei o que a senhora está fiando. Por favor, eu pensava que a senhora era um sonho. Por que não consegui encontrá-la antes, tetravó?”

“Você não tem idade suficiente para entender. Mas você teria me encontrado antes se não tivesse pensado que eu era um sonho. Entretanto, vou dar-lhe uma razão por que você não pôde me encontrar. Eu não queria que você me achasse.”

“Por que, por favor?”

“Porque eu não queria que Lottie soubesse que estou aqui.”

“Mas foi a senhora que me disse para contar à Lottie.”

“Sim, mas eu sabia que Lottie não acreditaria em você. Se ela me visse aqui sentada fiando, não acreditaria do mesmo modo.”

“Porquê?”

“Porque não seria capaz. Ela esfregaria os olhos, sairia e diria que se sentia esquisita; esqueceria parte e mais ainda, depois diria que foi tudo um sonho.”

“Justamente como eu”, disse Irene sentindo-se muito envergonhada de si própria.

“Sim, bastante igual a você, mas não exatamente como você; pois você veio novamente; Lootie não teria vindo outra vez. Ela teria dito: Não, não, foi bobagem demais.”

“Então, foi malcriação de Lootie?”

“Teria sido malcriação de sua parte. Nunca fiz nada por Lootie.”

“A senhora lavou meu rosto e minhas mãos para mim!”, disse Irene começando a chorar.

A velha senhora sorriu docemente e falou:

“Não estou aborrecida com você, meu bem, nem com Lootie. Mas não quero que você diga nada mais sobre mim para Lootie. Se ela perguntar, você só precisa ficar quieta. Mas não penso que ela lhe fará perguntas.”

Durante todo o tempo em que conversaram, a velha senhora continuou fiando.

“Você ainda não me disse o que estou fiando”, ela falou.

“Porque não sei. É um tecido muito bonito.” Era de fato um tecido muito bonito. Havia um bom fardo dele na roca junto à roda de fiar, e ao luar brilhava como - o que posso dizer que parecia? Não era suficientemente branco para ser prateado - sim, parecia prata, mas o brilho estava mais para cinzento do que para branco, e brilhava só um pouquinho. E o fio que a velha senhora puxava dali era tão fino que Irene mal podia enxergá-lo. “Estou tecendo isto para você, meu bem.” “Para mim! Por favor, o que farei com isso?” “Eu lhe direi mais tarde. Mas primeiro vou contar-lhe o que é. São teias de aranha — de um tipo especial. Meus pombos as trazem para mim de além do grande mar. Existe somente uma floresta onde vivem as aranhas que fazem esse tipo especial — o mais fino e forte de todos. Já quase acabei minha tarefa. O que está na roca agora será bastante. Entretanto, ainda tenho uma semana de trabalho ali”, ela acrescentou olhando o fardo.

“A senhora trabalha o dia todo e a noite toda também, grande, grande tetravó?”, disse a princesa, pensando que estava sendo muito amável com tantos grandes.

“Não sou tão grande assim”, ela respondeu sorrindo bem alegremente. “Se você me chamar de avó, será suficiente. Não, eu não trabalho todas as noites - só nas noites de luar, e mesmo assim só enquanto a lua brilha sobre minha roda. Não trabalharei muito mais tempo esta noite.”

“E o que a senhora fará depois, vovó?”

“Vou para a cama. Você gostaria de ver meu quarto de dormir?”

“Sim, gostaria muito.”

“Então, creio que não trabalharei mais esta noite. Estarei em tempo.”

A velha senhora se levantou e deixou sua roca do jeito que estava. Veja você, não havia necessidade de guardá-la, pois não havia nenhum risco de desordem onde também não havia nenhuma peça de mobília.

Pegou a mão de Irene, mas era a mão que estava machucada, e Irene deu um gritinho de dor.

“Minha filha!”, disse sua avó, “o que aconteceu?”

Irene mostrou sua mão à luz do luar para que a velha senhora pudesse vê-la, e contou-lhe tudo, ao que a senhora ficou séria. Mas ela disse somente: “Dê-me sua outra mão”; e, tendo levado a menina para o pequeno patamar escuro, abriu a porta do lado oposto. Qual não foi a surpresa de Irene ao ver o quarto mais lindo que jamais encontrara em sua vida! Era grande e imponente, em forma de domo. Do centro, pendia uma lâmpada redonda como uma bola, brilhava como se fosse o luar mais luminoso, e isso permitia que ela visse tudo que havia no quarto, embora não tão claramente a ponto de poder distinguir os muitos objetos. Uma grande cama oval ficava no meio. Estava coberta com uma colcha cor de rosa e tinha ao redor cortinas de veludo de um lindo azul claro. As paredes também eram azuis, inteiramente enfeitadas com o que pareciam estrelas de prata.

A velha senhora afastou-se e, dirigindo-se a um gabinete de aspecto estranho, abriu-o e retirou um curioso cofrezinho de prata. Em seguida, sentou-se em uma cadeira baixa e, chamando Irene, fez com que ela se ajoelhasse diante dela enquanto lhe examinava a mão. Depois, ela abriu o cofrezinho e retirou dele um pouco de unguento. O mais doce perfume encheu o quarto - como o de rosas e lírios — e ela aplicou o unguento com a maior delicadeza em toda a mão febril e inchada. Seu contato era tão agradável e refrescante, que parecia expulsar a dor e o calor onde tocasse.

“Oh, vovó! É tão gostoso!”, exclamou Irene. “Muito, muito obrigada.”

A velha senhora dirigiu-se então a uma cômoda, e retirou um lenço grande de cambráia parecido a gaze e com ele enrolou a mão da menina.

“Não acho aconselhável deixar você ir embora esta noite”, ela disse. “Você gostaria de dormir comigo?”

“Oh, sim, sim, querida vovó!”, disse Irene, e teria batido palmas, esquecida de que não podia.

“Então você não terá receio de ir para a cama com uma mulher tão velha?”

“Não. A senhora é tão linda, vovó.”

“Mas sou muito velha.”

“E eu suponho que sou muito jovem. A senhora não se importará em dormir com uma mulher assim tão jovem, vovó?”

“Você é uma pequena e doce atrevida!”, disse a velha senhora e, puxando-a para si, beijou-a na cesta, no rosto e na boca.

Depois, apanhou uma bacia grande de prata e despejou nela um pouco de água, fez Irene sentar-se numa cadeira e lavou-lhe os pés. Feito isto, estava pronta para ir dormir. E oh, que cama deliciosa era aquela onde sua avó a deitou!

Difícilmente poderia ter dito que estava deitada sobre alguma coisa; nada sentia, a não ser a maciez. A velha senhora despiu-se e deitou-se ao lado de Irene.

“Por que a senhora não apaga sua lua?”, perguntou a princesa.

“Aquela nunca se apaga, noite ou dia”, ela respondeu. “Na noite mais escura, se algum dos meus pombos tiver saído para levar uma mensagem, sempre verá minha lua e saberá para onde voar.”

“Mas se alguém além dos pombos a visse — alguém da casa, quero dizer — viria ver o que era e encontraria a senhora.”

“Tanto melhor para eles”, disse a senhora. “Mas não acontece mais do que cinco vezes em cem anos alguém vê-la. A maior parte daqueles que a vêem toma-a por um meteoro, pisca os olhos e a esquece novamente. Além disso, ninguém poderia encontrar o quarto, exceto se eu quiser. Novamente, além disso — vou contar-lhe um segredo —, se essa luz se apagasse, você se imaginaria deitada num sótão vazio, sobre um monte de palha velha e não veria uma das coisas mais agradáveis que está ao seu redor o tempo todo.”

“Desejo que nunca se apague”, disse a princesa.

“Eu também. Mas é tempo de dormir. Quer vir aqui entre meus braços?”

A princesinha aninhou-se junto da avó, que a envolveu com ambos os braços junto do seu coração.

“Oh, meu Deus! Isto é tão gostoso!”, disse a princesa. “Eu não sabia que no mundo pudesse ter algo tão bom. Eu gostaria de permanecer aqui para sempre.”

“Você pode, se quiser”, disse a senhora. “Mas devo submetê-la a uma prova — não muito difícil, espero. Daqui a uma semana, a contar desta noite, você deve voltar para mim. Do contrário, não sei quando poderá me encontrar novamente, e em breve você precisará muito de mim.”

“Oh! por favor, não permita que eu esqueça.”

“Você não esquecerá. A única questão é se você acredita que estou em todo lugar - se você acredita que eu existo e que não sou um sonho. Você pode estar certa de que farei tudo o que puder para ajudá-la a vir. Mas, apesar de tudo, dependerá de você. Na noite da próxima sexta-feira, você deverá vir para mim. Lembre-se, pois.”

“Eu tentarei”, disse a princesa.

“Então, boa noite”, disse a velha senhora, e beijou-lhe a testa encostada a seu peito.

Logo depois, a princesinha estava no meio do mais lindo dos sonhos - de mares de verão, luar, de fontes musgosas, grandes árvores murmurantes e canteiros de flores silvestres, tão perfumadas como ela jamais sentira. Mas, apesar de tudo, nenhum sonho poderia ser mais lindo do que aquele que ela deixou para trás quando adormeceu.

Pela manhã, ela se encontrou em sua própria cama. Não havia lenço ou

qualquer outra coisa na sua mão, somente um aroma doce pairava sobre ela. O inchaço tinha desaparecido, a picada do broche sumira - de fato, sua mão estava perfeitamente bem.

CAPÍTULO 12

UM CAPÍTULO CURTO SOBRE CURDIE

Curdie passou muitas noites na mina. Seu pai e ele confiaram à Sra. Peterson o segredo, pois estavam certos de que a mãe sabia segurar a língua, o que é mais do que pode ser dito de todas as esposas dos mineiros. Mas Curdie não contou a ela que parte do que ganharia nas noites passadas na mina destinava-se a comprar-lhe uma nova saia vermelha.

A Sra. Peterson era uma mãe tão boa e simpática! Todas as mães são boas e simpáticas, mais ou menos. Mas a Sra. Peterson era boa, muito mais e não menos. Ela fez e manteve um pequeno paraíso naquela modesta moradia no alto de uma das encostas do morro para que seu marido e filho chegassem em um lar depois de deixarem aquele subterrâneo um tanto sombrio onde trabalhavam. Tenho minhas dúvidas se a princesa era muito mais feliz nos braços de sua grande avó do que Peter e Curdie eram nos braços da Sra. Peterson. E verdade que as mãos dela eram grandes, calejadas e ásperas, mas era pelo trabalho por eles; e por isso, na visão dos anjos, suas mãos eram muito mais bonitas. E se Curdie trabalhava duro para lhe conseguir uma saia, ela trabalhava duro todos os dias para dar-lhe conforto, cuja falta ele sentiria muito mais do que ela sentiria a falta de uma saia nova, mesmo no inverno. Não é que ela e Curdie jamais pensassem sobre quanto trabalhavam um pelo outro; isso teria estragado tudo.

Quando ficava sozinho na mina, Curdie sempre trabalhava ainda por uma ou duas horas, no início seguindo o filão que, de acordo com Glump, conduziria finalmente para dentro da habitação desocupada. Depois disso, ele partia numa expedição de reconhecimento. Para que pudesse fazer isso, ou melhor, voltar mais facilmente do que da primeira vez, ele comprara um enorme rolo de barbante fino, tendo aprendido o truque do “Salto-do-meu-Polegar”, cuja história sua mãe lhe contara muitas vezes. Não que “Salto-do-meu-Polegar” tivesse jamais usado um rolo de barbante — eu lamentaria muito se me considerassem tão afastado dos meus clássicos — mas o princípio era o mesmo daquele dos seixos. A extremidade desse barbante ficava presa na sua picareta, que servia de âncora, e então, com o rolo na mão, saía desenrolando-o à medida que prosseguia na escuridão pelas passagens naturais do território dos goblins. Na primeira noite, ou na segunda, nada encontrou que valesse a pena lembrar; viu apenas um pouco da vida doméstica dos goblins nas várias cavernas que eles chamavam de casas; nada conseguiu encontrar que lhe desse uma luz a respeito da intenção de manter a inundação em segundo plano. Mas, finalmente, penso que na terceira ou quarta noite ele achou, guiado em parte pelo ruído dos utensílios deles, um grupo, sem dúvida, dos seus melhores sapadores e mineiros trabalhando ativamente. O que estariam fazendo? Não poderia ser a inundação, visto que nesse ínterim tinha sido adiada. O que era então? Curdie espreitava e

observava de vez em quando, com o maior risco de ser descoberto, mas inutilmente. Ele teve várias vezes de bater em retirada apressadamente, uma providência tornada mais difícil, pois precisava juntar seu barbante à medida que retornava. Não é que ele tivesse medo dos goblins; o seu receio era de que descobrissem que estavam sendo vigiados, o que poderia impedi-lo de descobrir o que pretendia. Algumas vezes, sua pressa era tanta que, ao chegar em casa quase de manhã, seu barbante, por falta de tempo para enrolá-lo, parecia irremediavelmente embaraçado; mas depois de um bom sono, embora curto, ele sempre constatava que sua mãe o deixara em ordem. Lá estava, muito bem enrolado numa bola, pronto para ser usado no momento que ele desejasse!

“Não sei como você consegue isso, mãe”, ele dizia.

“Eu acompanho o fio”, ela respondia, “exatamente como você faz na mina.” Ela nunca tinha mais a dizer sobre o assunto, porém quanto menos hábil era com as palavras, tanto mais talentosa ela era com as mãos, e quanto menos sua mãe falava, mais Curdie acreditava no que ela dizia.

Mas continuava sem descobrir qual era a intenção dos goblins mineiros.

CAPÍTULO 13

AS CRIATURAS DOS GOBLINS



Nessa ocasião, os cavaleiros que o rei tinha deixado para sentinelas da princesa tiveram, cada um deles, a oportunidade de duvidar do que seus próprios olhos testemunharam, pois as coisas que viram eram mais do que estranhas. Eram de um tipo — criaturas — mas tão grotescas e deformadas que pareciam mais desenhos de uma criança sobre sua lousa do que algo natural. Os guardas os viam somente à noite enquanto vigiavam a casa. O primeiro homem que viu um deles testemunhou que, enquanto ele andava vagarosamente ao redor da casa, ainda escura, viu à luz da lua uma criatura de pé sobre as pernas traseiras, tinha os pés da frente na borda de uma janela e olhava para dentro. Seu corpo poderia ser o de um cão ou lobo, ele pensou, mas declarou, por sua honra, que a cabeça era o dobro do tamanho que deveria ser para o tamanho do seu corpo: e redonda

como uma bola, ao passo que o rosto, virado para o guarda enquanto fugia, parecia, mais do que com qualquer outra coisa que ele pudesse imaginar, uma abóbora que os meninos modelam para dentro colocarem uma vela. A coisa correu para o jardim. O guarda atirou-lhe uma flecha, e pensou tê-la atingido, pois deu um urro sobrenatural, e ele não pôde encontrar nem sua flecha nem o animal, embora tivesse procurado em todas as partes do lugar onde tinha desaparecido. Seus colegas riram dele até ele ser obrigado a segurar sua língua e dizer que devia ter tomado um trago longo demais do jarro de cerveja. Porém, antes de se passarem duas noites, ele teve um companheiro do seu lado, pois este também tinha visto algo estranho, só que bem diferente daquele relatado pelo outro. A descrição que o segundo homem fez da criatura que tinha visto era ainda mais grotesca e improvável. Os demais guardas riram deles; mas noite após noite, um outro passava para o lado dos primeiros, até que, finalmente, restou só um para caçoar de todos os companheiros. Mais duas noites se passaram, e ele nada viu; mas na terceira noite, ele veio correndo do jardim em direção aos outros dois, numa tal agitação que eles declararam — era a vez deles agora — que o aro de seu capacete estava-se partindo sob o seu queixo porque seus cabelos tinham ficado em pé dentro dele.

Foram com ele àquela parte do jardim que já descrevi e viram um grupo de criaturas. A nenhuma delas poderiam dar nome algum. Também nem uma se parecia com a outra, todas igualmente horrorosas e ridículas e davam cambalhotas no gramado à luz da lua. A feiúra sobrenatural, ou melhor, anti-natural, do rosto, o comprimento das pernas e pescoço em alguns, a aparente ausência de ambos ou de um desses membros em outros, tudo isso mostrou aos espectadores, apesar de ainda duvidosos, que era evidente o que seus olhos viam e o que escutavam seus ouvidos; os ruídos que faziam, apesar de não barulhentos, eram tão desagradáveis e variados quanto suas formas, e não se podia descrevê-los como grunhidos, ou guinchos, ou uivos ou latidos, ou gritos, ou berros ou grasnados, ou miados ou outro som agudo, mas somente como uma mistura dissonante e horrível de tudo isso. Mantendo-se na sombra, os espectadores tiveram alguns momentos para se recompor antes que aquela medonha assembléia suspeitasse de sua presença; porém, repentinamente, como se fosse por consentimento mútuo, eles galoparam na direção de um enorme rochedo e desapareceram antes que os homens se recuperassem suficientemente para pensar em segui-los.

Meus leitores já adivinharam o que eram esses seres, mas lhes darei agora informações completas sobre eles. Naturalmente, eram os animais domésticos dos goblins. As raças originais dessas horríveis criaturas eram os mesmos animais que hoje podem ser vistos nas fazendas e casas rurais, com exceção de alguns deles, que tinham sido criaturas selvagens, como raposas, lobos e pequenos ursos. Os goblins, com sua propensão para criar animais, tinham-nos apanhado ainda filhotes e amansado. Mas, com o passar do tempo, todos passaram por mudanças maiores do que os seus donos. As várias partes do corpo adquiriram, de modo aparentemente arbitrário e impositivo, as formas mais anormais. Os traços distintivos da espécie prevaleceram muito pouco nesses

resultados desconcertantes, de tal modo que neles você poderia apenas adivinhar o animal original, e mesmo então, essa semelhança seria mais de uma expressão muito geral e não uma conformação definível. Mas o que aumentava dez vezes a sua horribilidade era a constante convivência doméstica ou, mais propriamente, a associação com os goblins fizera a fisionomia deles assemelhar-se de modo grotesco com a humana. Não há ninguém que lide com animais que não perceba, ainda que obscuramente ou com pouca clareza, que cada um deles, mesmo os peixes, reflete um pouco o homem; no caso dessas criaturas, a semelhança humana tinha aumentado consideravelmente; aquelas criaturas tinham-se elevado ao nível de seus donos, ao passo que estes tinham decaído ao nível delas. Mesmo assim, sendo as condições de vida subterrânea igualmente adversas para ambos, embora os goblins fossem piores, essas criaturas não tinham progredido com essa aproximação, e para o mais ardente amante da natureza animal o resultado pareceria muito mais ridículo do que consola-dor. Mas agora explicarei como foi que justamente aqueles animais começaram então a aparecer nos arredores da casa de campo do rei.

Como Curdie descobriu, os goblins continuaram a mineirar. Trabalhavam em grupos dia e noite acelerando o plano, que ele, sempre à espreita, esperava descobrir. Durante a escavação de um túnel, os goblins romperam o canal de um pequeno regato, mas, tendo esse rompimento atingido o ponto final do seu curso, a vazão da água não interferiu no trabalho que faziam. Algumas das criaturas, pairando como de costume ao redor de seus donos, tinham encontrado a fenda. Começaram a explorar o canal com uma curiosidade que, em razão das restrições de sua natureza anormal, chegava ao furor. O riacho era o mesmo que fluía perto do banco no qual Irene e seu papai-rei tinham sentado, como contei, e as criaturas dos goblins acharam muito divertido sair para uma folia no gramado macio, uma coisa que eles nunca tinham visto em suas pobres e miseráveis vidas. Mas, embora partilhassem bastante da natureza de seus donos e sentissem prazer em aborrecer e alarmar toda pessoa que encontrassem na montanha, eram incapazes de, por índole própria ou intencionalmente, praticar esses atos da mesma forma que seus donos.

Depois que os guardas finalmente concordaram entre si que de fato tinham recebido a visita de algumas criaturas horríveis, corpóreas ou espectrais, isso eles ainda não podiam saber ao certo, depois disso vigiaram com especial atenção durante várias noites a parte do jardim onde eles apareceram aquela noite. Talvez por isso tenham dado muito pouca atenção à casa. Mas o fato é que aquelas criaturas eram muito astutas para se deixarem apanhar facilmente, nem os vigilantes eram bastante espertos para ver a cabeça e os olhos aguçados que, por sua vez, os vigiavam da abertura de onde o regato fluía, prontos para no momento em que os guardas fossem embora informar aos outros que o gramado estava livre.

CAPÍTULO 14

A SEMANA DAQUELA NOITE



Irene esteve pensando durante a semana toda e a todo momento na promessa feita à velha senhora, embora não estivesse ainda inteiramente certa de que não sonhara aquilo tudo. Seria realmente possível que uma velha senhora vivesse lá em cima no topo da casa com pombos, uma roca e uma lâmpada que nunca se apagava? Mesmo assim, ela estava determinada a subir na sexta-feira seguinte as três escadas, seguir pelas passagens com as inúmeras portas e tentar encontrar a torre onde ela tinha visto sua avó, ou sonhado com ela.

Sua aia não conseguia deixar de indagar sobre o que acontecia com a menina. Ela permanecia sentada tão pensativa e silenciosa. Mesmo no meio de um jogo com ela, ficava de repente distraída e sonhadora. Mas Irene tomava

cuidado para que nada transparecesse, fossem quais fossem os esforços que Lootie fizesse para chegar aos seus pensamentos. E Lootie dizia para si mesma: “Que criança esquisita ela é!”, e desistia.

Finalmente, aquela tão esperada sexta-feira chegou. E para que Lootie não se sentisse inclinada a vigiá-la, Irene se esforçou para manter-se o mais quieta possível. Durante a tarde, pediu sua casa de bonecas, e prosseguiu arrumando e tornando a arrumar os diversos quartos e suas habitantes por uma hora inteira. Então deu um suspiro e recostou-se em sua cadeira. Uma das bonecas não queria ficar sentada, uma outra não ficava em pé e estavam todas muito enfadonhas. Houve até uma que não permanecia deitada, o que era bem desagradável. Mas estava então escurecendo, e quanto mais escurecia, mais excitada Irene se tornava, e mais necessidade ela sentia de permanecer calma.

“Vejo que você quer tomar seu chá, princesa”, disse a aia. “Vou buscá-lo. O quarto está abafado, abrirei a janela um pouco. A noite está suave, não lhe fará mal.”

“Não se preocupe, Lootie”, disse Irene, desejando que a aia deixasse o chá para mais tarde até que estivesse mais escuro, quando ela poderia fazer sua tentativa com mais vantagem.

Imagino que Lootie levou mais tempo para voltar do que tinha pretendido, pois quando Irene, que estivera imersa em seus pensamentos, olhou para fora, percebeu que estava quase escuro, e no mesmo instante avistou um par de olhos brilhando com uma luz verde e olhando-a furiosamente através da janela aberta. Nesse instante, algo pulou para dentro do quarto. Parecia um gato, de pernas tão compridas como as de um cavalo, disse Irene, mas o corpo não era maior nem as pernas mais grossas do que as de um gato. Ela ficou assustada demais para gritar, mas não tão assustada para impedi-la de pular da cadeira e sair correndo do quarto.

É bastante simples para cada um de meus leitores imaginar o que ela devia fazer — e na verdade a própria Irene tinha pensado nisso; mas quando ela chegou ao pé da velha escada, justamente do lado de fora da porta de seu quarto, Irene imaginou aquela criatura correndo por aquelas longas subidas atrás dela e perseguindo-a pelas passagens escuras — as quais, no final de contas, poderiam conduzir não para a torre! Esse pensamento era demais. Seu coração fraquejou e, dando as costas para a escada, atravessou o longo salão, de onde, encontrando a porta da frente aberta, arremessou-se para o pátio, perseguida - pelo menos ela pensou - por aquela criatura. Não aconteceu que alguém a visse, e ela prosseguiu na corrida, incapaz de pensar de tanto medo, e disposta a correr para qualquer lugar a fim de escapar da horrível criatura pernalta. Sem ousar olhar para trás, ela correu diretamente para fora do portão e montanha acima. Foi mesmo uma grande bobagem correr para mais e mais longe de todos que poderiam ajudá-la, como se ela estivesse procurando um lugar adequado para a criatura dos goblins comê-la bem à vontade; mas essa é a reação que o medo produz: fica sempre do lado daquilo que nos amedronta.

A princesa logo ficou sem fôlego com a corrida montanha acima, mas

continuou a correr, imaginando aquela horrível criatura bem no seu encaço e esquecendo-se de que, se estivesse atrás dela, com tão longas pernas, já a teria alcançado há muito tempo. Finalmente, não pôde mais correr e caiu na beira do caminho, incapaz até de gritar. Permaneceu deitada ali por algum tempo meio morta de terror. Sua respiração voltava ao normal e, verificando que nada a tinha agarrado, arriscou-se finalmente a se levantar um pouco e espiar ansiosamente ao redor. Estava já tão escuro que ela nada via. Nem uma única estrela aparecera. Nem mesmo sabia dizer em que direção a casa ficava, e entre ela e a casa imaginava a horrível criatura espreitando, pronta a lançar-se sobre ela. Agora ela via que deveria ter corrido imediatamente pelas escadas acima. Foi bom ela não ter gritado, pois apesar de poucos goblins terem saído durante semanas, um ou dois preguiçosos vagueando por ali poderiam tê-la ouvido. Irene sentou-se sobre uma pedra, e ninguém, a não ser alguém que tivesse feito algo de muito errado, poderia sentir-se mais infeliz. Ela esquecera completamente da promessa de visitar a avó. Uma gota de chuva caiu no seu rosto. Olhou para cima, e por um momento seu terror transformou-se em perplexidade. A princípio, pensou que a lua saíra do lugar e se aproximara para ver o que acontecera com a menina pequena sentada ali sozinha, sem chapéu ou capa, na montanha escura e nua. Logo percebeu que estava enganada, pois não havia luz no chão a seus pés, nem sombra em parte alguma. Mas um grande globo prateado pendia no ar, e sua coragem renasceu quando olhou para aquela coisa linda. Se ela estivesse dentro de casa novamente, nada temeria, nem mesmo a horrível criatura de longas pernas! Mas como encontraria seu caminho de volta? Que luz poderia ser aquela? Poderia ser...?

Não, não poderia. Mas, e se fosse... sim, devia ser... a lâmpada de sua tetralva que guiava os pombos para casa na noite mais escura! A menina deu um salto para cima; ela só tinha de manter aquela luz à vista, que ela encontraria a casa.

Seu coração fortaleceu-se. Rápida, porém silenciosamente, desceu o morro, esperando passar despercebida pela criatura que espreitava. A despeito da escuridão, havia pouco risco agora de escolher o caminho errado. E - o que era muito estranho - a luz que enchia seus olhos, vinda da lâmpada, em vez de cegá-los momentaneamente para o objeto que olhava, permitia-lhe vê-lo a despeito da escuridão. Olhando para a lâmpada e depois baixando os olhos, ela enxergava o caminho a um ou dois metros adiante, e isto a salvou de muitas quedas, pois a estrada era muito acidentada. Mas, repentinamente, para seu desalento, a luz sumiu, e o terror pela fera, esse terror que a tinha deixado no momento em que ela começou a retornar, apossou-se novamente de seu coração. Mas, no mesmo instante, ela avistou a luz da janela e soube exatamente onde estava. Estava muito escuro para correr, mas ela se apressou o mais que pôde, e chegou ao portão em segurança. Encontrou a porta da casa ainda aberta, atravessou o salão correndo e, sem nem mesmo olhar para o seu quarto, saltou diretamente escada acima, e a seguinte e a seguinte; então, voltando-se para a direita, correu pela longa passagem de quartos silenciosos e achou imediatamente o caminho para a porta ao pé da escada da torre.

Quando a aia, a princípio, deu pela falta de Irene, imaginou que ela lhe estivesse pregando uma peça, e por algum tempo não se preocupou com ela; Mas, por fim, ficou receosa e começou a procurá-la. No momento em que ela tinha entrado e subido as escadas, todo o pessoal vasculhava a casa toda à sua procura. Logo depois que ela alcançou a escada da torre, a criadagem toda já a procurava nos quartos abandonados, lugares que nunca teriam pensado em entrar se já não tivessem examinado em vão todos os outros em que poderiam pensar. Nessa altura, porém, Irene estava batendo à porta da velha senhora.

CAPÍTULO 15

TECIDO E FIADO



“Entre, Irene”, disse a voz argêntea de sua avó.

A princesa abriu a porta e espiou dentro. O quarto estava inteiramente às escuras, e não havia som da roca. Ela ficou assustada mais uma vez, pensando que, embora o quarto estivesse ali, a velha senhora pudesse ser um sonho, apesar de tudo. Toda menina pequena sabe como é terrível encontrar um quarto vazio onde ela pensava haver alguém, mas Irene imaginou por um momento que a pessoa que tinha vindo encontrar não estava em parte alguma. Contudo lembrou-se que à noite ela só fiava à luz do luar. Era por isso que não tinha escutado o som, concluiu. A velha senhora podia estar em qualquer lugar na escuridão. Antes que pudesse ter outro pensamento, ouviu a voz dela novamente dizendo

como sempre:

“Entre, Irene.”

Pela direção de onde vinha o som, ela viu que sua avó não estava no quarto ao lado. Talvez estivesse no quarto de dormir. Voltou-se para o lado oposto tateando seu caminho para a outra porta. Quando sua mão sentiu o trinco, novamente a velha senhora falou:

“Feche a outra porta, Irene. Sempre fecho a porta do quarto onde trabalho quando venho para meu dormitório.”

Irene surpreendeu-se ao ouvir a voz de sua avó tão claramente do outro lado da porta; fechou a outra, abriu esta última e entrou. Oh, a que lindo refúgio chegou depois de ter atravessado a escuridão e o medo dos caminhos de onde viera! A luz suave fez que se sentisse entrando no coração da pérola mais leitosa; e as paredes azuis com suas estrelas de prata lhe causaram um aturdimento momentâneo, pois teve a impressão de que realmente fossem o céu que ela tinha deixado lá fora um minuto antes, coberto de nuvens carregadas.

“Acendi o fogo para você, Irene; você está molhada e com frio”, disse a avó.

Irene olhou então, e viu que aquilo que imaginara ser um enorme buquê de rosas vermelhas era de fato fogo aceso; tinha a forma das mais lindas rosas vermelhas e faiscava esplendidamente entre a cabeça e as asas de dois querubins de prata brilhante. E quando ela se aproximou, verificou que o perfume das rosas que enchia o quarto vinha das rosas de fogo na lareira. Sua avó estava vestida no mais lindo tom de veludo azul-pálido, e o cabelo dela não mais era branco, mas de uma rica cor dourada. Caía como uma catarata, ora em massas foscas, ora em torrentes macias e brilhantes. E quanto mais ela olhava, o cabelo parecia despejar-se de sua cabeça e desaparecer numa névoa dourada antes de alcançar o chão. Fluía das bordas de um diadema de prata brilhante cravejado alternadamente de pérolas e opalas. Não havia ornamento algum no seu vestido, nem anel em seus dedos, ou colar ou corrente no pescoço. Mas seus chinelos brilhavam como a luz da Via Láctea, pois estavam cobertos com minúsculas pérolas e opalas. Seu rosto era o de uma jovem de 23 anos.

A princesa estava tão confusa de espanto e admiração que mal pôde lhe agradecer, e aproximou-se timidamente sentindo-se suja e desconfortável. A senhora estava sentada em uma cadeira baixa ao lado do fogo e tinha as mãos estendidas para abraçá-la, mas a princesa retraiu-se com um sorriso perturbado.

“Ora, o que aconteceu?”, perguntou sua avó. “Você não esteve fazendo nada de errado - sei disso pelo seu rosto, embora esteja um pouco infeliz. O que aconteceu, meu bem?”

E ela continuou a estender seus braços.

“Querida vovó”, disse Irene, “não tenho tanta certeza de não ter feito algo errado. Eu devia ter corrido para cá ao seu encontro na mesma hora quando aquele gato de pernas compridas entrou pela janela, e não sair correndo para a

montanha e levar tanto susto.”

“Você foi apanhada pela surpresa, meu bem, e é pouco provável que faça isso novamente. Só quando as pessoas agem de maneira errada de propósito é que há mais possibilidade de que voltem a fazê-lo. Venha.” E continuava com seus braços estendidos.

“Mas vovó, você é tão linda e majestosa com sua coroa! E eu estou tão suja de lama e chuva! Vou estragar completamente seu lindo vestido azul.”

Com uma risadinha alegre a senhora pulou de sua cadeira com muito mais leveza do que a própria Irene o faria, trouxe a menina para junto de seu peito e, beijando repetidamente o seu rosto manchado de lágrimas, sentou-se com ela no colo.

“Oh, vovó, a senhora vai ficar toda em desordem!”, gritou Irene agarrada a ela.

“Oh, minha querida! Você acha que me importo mais com o meu vestido do que com minha pequena menina? Além disso, olhe aqui.”

Enquanto falava, a senhora a pôs no chão, e Irene viu, para seu constrangimento, que o lindo vestido estava coberto de lama. Mas a senhora se abaixou, pegou pela haste uma das rosas flamejantes e passou-a uma vez, duas e uma terceira vez na frente do vestido; e quando Irene olhou, não se podia perceber uma única mancha.

“Pronto!”, disse a avó, “você se incomodará em vir para mim agora?”

Irene, porém, permaneceu retraída olhando a rosa flamejante que a senhora tinha em sua mão.

“Você não tem receio da rosa, não é?”, ela disse, fazendo menção de jogá-la novamente na lareira.

“Oh! não jogue, por favor”, gritou Irene.

“A senhora não quer passá-la no meu vestido, minhas mãos e meu rosto? E receio que meus pés e meus joelhos também precisem!”

“Não”, respondeu sua avó, sorrindo um pouco tristemente ao jogar a rosa; “ainda está muito quente para você. Poderia tornar seu vestido numa chama. Além disso, não quero deixar você limpa esta noite. Quero que sua aia e os demais vejam como você está, pois terá de dizer-lhes como fugiu de medo daquele gato pernalta. Gostaria de lavá-la, mas então não acreditariam em você. Está vendo aquela banheira atrás de você?”

A princesa viu uma grande banheira oval de prata, brilhantemente lustrosa sob a luz da maravilhosa lâmpada.

“Vá e olhe nela”, disse a senhora.

Irene foi e voltou em silêncio com os olhos brilhando.

“O que você viu?”, perguntou a avó.

“O céu, a lua e as estrelas”, ela respondeu. “Parecia como se não tivesse

fundo.”

A senhora sorriu satisfeita e ficou silenciosa por alguns momentos. Era seguida disse:

“Venha aqui sempre que você quiser tomar um banho. Eu sei que você toma banho todas as manhãs, mas algumas vezes você poderá querer um à noite também.”

“Muito obrigada, vovó, eu virei, virei mesmo”, respondeu Irene, e ficou novamente silenciosa por alguns momentos pensando. Então, ela disse:

“Como foi, vovó, que vi sua linda lâmpada, não só a luz mas a grande lâmpada redonda e prateada suspensa sozinha no céu aberto lá em cima? Foi sua lâmpada que eu vi, não foi?”

“Sim, meu bem, foi minha lâmpada.”

“Então, como foi isso? Não estou vendo janela alguma por aqui.”

“Quando estou com vontade, faço minha lâmpada iluminar através das paredes, brilhar tão intensamente, que faz com que as paredes desapareçam da vista, e ela se mostra como você a viu. Mas, como lhe disse, não são todas as pessoas que podem enxergá-la.”

“Então como é que eu posso? Estou certa de que não sei.”

“É um dom que você tem, de nascença. E um dia, espero que todas as pessoas o terão.”

“Mas como a senhora faz com que ela brilhe através das paredes?”

“Ah! Isso você não compreenderia, por mais que eu tentasse explicar-lhe — ainda não — ainda não. Mas”, acrescentou a senhora levantando-se, “você deve sentar em minha cadeira enquanto vou buscar o presente que estive preparando para você. Eu lhe contei que estava fiando para você. Já está pronto e vou apanhá-lo. Eu o mantive aquecido sob uma de minhas pombas no choco.”

Irene sentou-se na cadeira baixa, e sua avó a deixou fechando a porta atrás de si. A menina ficou olhando ora para o fogo de rosas, ora para as paredes cheias de estrelas, ora para a luz prateada; e uma grande tranquilidade surgiu em seu coração. Se todos os gatos pernaltas do mundo tivessem vindo atacá-la, ela não teria medo deles nem por um momento. Não saberia dizer como isso acontecera, só sabia que nada lhe dava medo e que tudo estava tão certo e seguro, que ela nada temia.

Ficou olhando para a linda lâmpada fixamente por alguns minutos; voltando o olhar, viu que a parede tinha desaparecido, pois ela estava vendo somente a noite escura e nublada. Porém, embora ouvisse o vento soprar, nada soprava sobre ela. Mais um momento, as nuvens se abriram, ou melhor, desapareceram como a parede, e ela olhou diretamente para uma multidão de estrelas luzindo gloriosamente no azul escuro. Foi apenas por um momento. As nuvens novamente se agruparam e cobriram as estrelas, a parede outra vez se juntou e fechou-se para as nuvens; e lá estava a senhora ao lado de Irene com o

sorriso mais radiante no rosto. Trazia uma bola brilhante na mão, mais ou menos do tamanho de um ovo de pomba.

“Aqui está, Irene; é o meu trabalho para você!”, ela disse estendendo a bola para a princesa.

Irene apanhou-a na mão e examinou-a minuciosamente. F piscava um pouco e brilhava aqui e acolá, mas não muito. Era de um tipo de brancura cinzenta, algo como vidro fiado.

“Essa é toda sua fição, vovó?”, ela perguntou.

“Toda, desde que você veio para cá. Há aí mais do que você imagina.”

“Como é bonita! Por favor, o que devo fazer com isso?”

“E o que vou explicar-lhe agora”, respondeu a senhora deixando-a e indo para seu armário.

Voltou segurando um anelzinho na mão. Tomou então a bola de Irene, e fez alguma coisa com os dois. Irene não sabia o quê.

“Dê-me sua mão”, ela disse.

Irene deu-lhe a mão direita.

“Sim, é essa a mão que quero”, disse a senhora e colocou o anel no dedo indicador da menina.

“Que lindo anel!”, exclamou Irene. “Como se chama esta pedra?”

“É uma opala de fogo.”

“Posso ficar com ele, por favor?”

“Sempre.”

“Oh, obrigada, vovó! É mais bonito do que qualquer outra coisa que já vi, exceto aquela... de todas as cores... em sua... por favor, é aquela sua coroa?”

“Sim, é minha coroa. A pedra no seu anel é do mesmo tipo, mas não tão boa. Só tem vermelho, mas a minha tem todas as cores, como vê.”

“Sim, vovó. Vou tomar o maior cuidado com este anel! Mas...”, ela acrescentou hesitante.

“Mas o quê?”, perguntou sua avó

“O que devo dizer quando Lootie me perguntar onde o consegui?”

“Você perguntará a ela onde você o conseguiu”, respondeu sorrindo a senhora.

“Não vejo como poderei fazer isso.”

“Mas você verá.”

“Certamente eu verei, se a senhora assim o diz. Mas a senhora sabe. Não posso fingir que não sei.”

“Naturalmente que não. Mas não se incomode com isso. Quando chegar o momento, você verá.”

Assim dizendo, a senhora se virou e jogou a pequena bola no fogo de rosas.

“Oh, vovó!”, exclamou Irene; “pensei que a tinha fiado para mim.”

“Foi o que fiz, meu bem. E você a tem.”

“Não, ela queimou no fogo!”

A senhora levou sua mão ao fogo, retirou a bola, luzente como antes, e a manteve na direção da menina. Irene estendeu as mãos para apanhá-la, mas a senhora voltou-se e, indo ao seu armário, abriu uma gaveta e ali guardou a bola.

“Fiz alguma coisa que a aborrecesse, vovó?”, disse Irene lamentosamente.

“Não, meu amor. Mas você deve compreender que ninguém dá alguma coisa a uma outra pessoa corretamente e realmente sem guardá-la. Aquela bola é sua.”

“Oh! Eu não devo levá-la comigo! A senhora vai guardá-la para mim!”

“Você deve levá-la consigo. Amarrei-a por um fio ao anel no seu dedo.”

Irene olhou para o anel.

“Não posso vê-lo, vovó”, ela disse.

Procure senti-lo - um pouquinho afastado do anel — em direção do armário”, disse a senhora.

“Oh! estou sentindo!”, exclamou a princesa. Mas não posso vê-lo”, acrescentou olhando bem de perto para sua mão estendida.

“Não. O fio é fino demais para que você possa enxergá-lo. Você só pode senti-lo. Agora você pode imaginar a quantidade de fiação que foi necessária, embora pareça mesmo uma bola pequena.”

“Mas o que posso fazer com ela se está em seu armário?”

“É isso que vou lhe explicar. Não adiantaria nada para você, não seria sua de modo algum se não ficasse no meu armário. Agora preste atenção. Se estiver em algum perigo, por exemplo, como você esteve nesta noite, você deve tirar o anel e colocá-lo em baixo do travesseiro de sua cama. Depois você deve pôr o dedo indicador, o mesmo onde esteve o anel, sobre o fio e segui-lo, seja qual for a direção para onde ele a conduzir.”

“Oh, que delicioso! Vai conduzir-me para a senhora, vovó, eu sei.”

“Sim, mas lembre-se, poderá parecer a você um caminho muito cheio de desvios, e você não deve duvidar do fio. Pode ter certeza de uma coisa, que enquanto você o segura, eu também o seguro.”

“É muito maravilhoso!”, disse Irene pensativamente. Então, percebendo algo, deu um pulo de repente e exclamou: “Oh, vovó! Aqui estou eu sentada o tempo todo em sua cadeira e a senhora em pé! Por favor, me perdoe.”

A senhora tocou o ombro da menina, e disse:

“Sente-se novamente, Irene. Nada me dá maior prazer do que ver uma

pessoa sentada em minha cadeira. Me agrada ficar em pé enquanto alguém está sentado nela.”

“Quanta bondade a sua!”, disse a princesa, e sentou-se novamente.

“Fico feliz com isso”, disse a senhora.

“Mas”, disse Irene, ainda intrigada, “com uma ponta amarrada ao seu armário e a outra no meu anel o fio não se arreventará quando se intrometer no caminho de outra pessoa?”

“Você verificará que tudo se arrumará por si. Acho que está na hora de você ir.”

“Eu não poderia ficar aqui e dormir com a senhora esta noite, vovó?”

“Não, não esta noite. Se eu quisesse que você ficasse aqui esta noite, eu lhe teria dado um banho, mas você sabe que todos na casa estão aflitos por sua causa, e seria cruel mantê-los assim toda a noite. Você precisa descer.”

“Estou tão contente, vovó, que a senhora não disse: ‘Vá para casa’, pois esta é minha casa. Posso chamar esta de minha casa?”

“Você pode, meu bem. E espero que você sempre pensará que é sua casa. Agora venha. Devo levá-la de volta sem que ninguém a veja.”

“Por favor, quero fazer-lhe só mais uma pergunta”, disse Irene. “É porque a senhora está usando sua coroa que parece tão jovem?”

“Não, minha filha”, respondeu; “é porque me senti tão jovem esta noite que coloquei minha coroa. E imaginei que você gostaria de ver sua velha avó bem arrumada.”

“Por que a senhora se chama de velha? A senhora não é velha, vovó.”

“Na verdade, sou muito velha. É uma bobagem das pessoas — não me refiro a você, que é ainda tão pequena, e não seria capaz de saber - mas é uma tolice as pessoas imaginarem que velhice significa deformidade e fraqueza e debilidade, e bengala e óculos, e reumatismo e falta de memória! E tanta bobagem. Velhice nada tem a ver com isso tudo. A verdadeira velhice significa força, beleza, alegria e coragem, olhos límpidos, membros fortes e sem dor. Eu sou mais velha do que você é capaz de calcular e...”

“E é só olhar para a senhora, vovó!”, gritou Irene pulando e enlaçando os braços no pescoço de sua avó. “Nunca mais serei tão boba, prometo-lhe. Pelo menos - tenho um pouco de receio de prometer, mas se eu for boba, prometo-lhe que me arrependerei - prometo. Eu queria ser tão velha como a senhora, vovó. Acho que a senhora não tem medo de coisa alguma.”

“Não por muito tempo, pelo menos, minha filha. Talvez, quando eu tiver dois mil anos de idade, não tenha mesmo medo de coisa alguma. Mas confesso que às vezes receio por meus filhos - algumas vezes por você, Irene.”

“Oh, sinto muito vovó! Esta noite, imagino, é o que a senhora quer dizer.”

“Sim, um pouco esta noite, mas bastante quando você esteve quase

resolvida que eu era um sonho, e não a tetravó de verdade. Você não deve pensar que a estou culpando por isso. Eu imagino que você não pôde evitá-lo.”

“Não sei, vovó”, disse a princesa começando a chorar. “Não é sempre que posso agir como gostaria. E não é sempre que tento. Sinto muito, de qualquer maneira.”

A senhora levantou-a nos braços e sentou-se com ela na cadeira segurando-a bem perto do peito. Em alguns minutos, a princesa parou de soluçar e adormeceu. Não sei quanto tempo ela dormiu. Ao despertar, estava sentada à mesa de seu quarto, em sua cadeira alta, com a casa de bonecas diante dela.

CAPÍTULO 16

O ANEL

No mesmo momento, sua aia entrou no quarto soluçando. Quando ela a viu sentada ali, sobressaltou-se, dando um grito agudo de espanto e alegria. Correu para ela, tomou-a nos braços e a cobriu de beijos.

“Minha preciosa, amada princesa! Onde você esteve? O que lhe aconteceu? Todos nós choramos muito, e procuramos por você pela casa toda, de alto a baixo.”

“Não bem desde o alto”, pensou Irene, e ela poderia ter acrescentado, “não bem até lá embaixo”, talvez, se conhecesse tudo. Mas a primeira ela não queria dizer, e a outra não poderia.

“Oh, Lootie! tive uma aventura tão horrível!”, ela respondeu, e contou-lhe tudo sobre o gato de pernas longas, como ela tinha saído correndo para a montanha e depois voltado. Mas nada disse sobre sua avó nem sobre sua lâmpada.

“E nós procurando você pela casa toda por mais de uma hora e meia!”, exclamou a aia. “Mas isto não tem importância, agora que você está aqui! Só que eu preciso dizer-lhe, princesa”, ela acrescentou, mudando seu jeito, “o que você deveria ter feito era ter chamado sua Lootie para ajudá-la, em vez de sair correndo da casa, subir a montanha dessa maneira louca e, devo dizer, boba.”

“Bem, Lootie”, disse Irene baixinho, “talvez se você fosse atacada por um gato enorme, todo ele só pernas, você não poderia saber exatamente qual era a coisa mais sensata a fazer naquele momento.”

“Seja como for, eu não teria corrido para a montanha”, respondeu Lootie.

“Não se você tivesse tido tempo de pensar. Mas, quando aquelas criaturas vieram para atacá-la aquela noite na montanha, você ficou tão assustada que perdeu o caminho de casa.”

Isto fez com que Lootie parasse de censurá-la. Ela esteve a ponto de dizer que o gato pernalta devia ter sido uma fantasia da princesa, ao escurecer, mas a lembrança dos horrores daquela noite e a repreensão do rei a impediram de dizer o que, no fim de contas, mostraria que ela não acreditava nisso nem um pouco — tinha uma forte suspeita de que o gato era um goblin, pois ela nada sabia da diferença entre os goblins e suas criaturas; ela os considerava a todos apenas goblins.

Sem mais uma palavra, ela saiu e foi buscar um pouco de chá e pão com manteiga para a princesa. Antes que retornasse, todas as pessoas da casa, tendo à frente a governanta, irromperam no quarto festejando a sua princesa. Os guardas vieram em seguida, e inteiramente dispostos a acreditar em tudo o que a princesa

lhes contou sobre o gato de pernas longas. Na verdade, embora bastante sensatos para nada dizerem a respeito, eles se lembraram, com horror, de uma criatura justamente assim entre aquelas que surpreenderam em cambalhotas no gramado. No fundo, eles se culpavam por não terem vigiado melhor. E o capitão deu-lhes ordens de que, a partir daquela noite, a porta da frente e todas as janelas no pavimento térreo fossem trancadas imediatamente ao pôr-do-sol, e que não fossem abertas sob qualquer pretexto. Os guardas redobram a vigilância, e por algum tempo não houve mais motivo de alarme.

Ao acordar na manhã seguinte, Irene viu sua aia curvada sobre ela.

“Como brilha seu anel esta manhã, princesa! -igual a uma rosa flamejante!”, ela disse.

“É mesmo, Lootie?”, respondeu Irene. “Quem me deu o anel, Lootie? Eu sei que o tenho há muito tempo, mas onde o consegui? Não posso me lembrar.”

“Eu penso que deve ter sido sua mãe que lhe deu, princesa; mas realmente não me lembro, durante todo o tempo que você o tem usado, de ter ouvido alguém falar disso”, respondeu a aia.

“Vou perguntar ao meu papai-rei na próxima vez que ele vier”, disse Irene.

CAPITULO 17

PRIMAVERA



A primavera, tão querida para todas as criaturas, jovens e velhas, chegara finalmente, e já nos primeiros dias, o rei veio a cavalo pelos vales florescentes para ver sua filhinha. Ele estivera numa parte distante de seus domínios durante todo o inverno, pois não tinha o hábito de parar em uma grande cidade, ou de visitar somente suas casas de campo favoritas, mas movimentava-se de um lugar para outro a fim de que todo o seu povo pudesse conhecê-lo. Aonde quer que suas jornadas o levassem, estava sempre de olho para descobrir os melhores homens e os mais capazes de exercerem cargos, e sempre que acontecia enganar-se dispensava imediatamente aqueles que eram incapazes ou injustos. Daí, você vê que era sua preocupação com o povo que o impedia de ver sua princesinha com a frequência que ele desejava. Você pode imaginar porque ele

não a levava consigo. Havia várias razões para isso, e eu tenho minhas suspeitas de que a tetravó teve uma influência importante nesse impedimento.

Mais uma vez, Irene ouviu o toque do clarim, e mais uma vez ela estava no portão para receber o pai, que vinha cavalgando no seu grande cavalo branco.

Depois de algum tempo a sós, ela resolveu perguntar-lhe sobre o anel:

“Por favor, papai-rei, você quer me contar onde arranjei este anel bonito? Não consigo me lembrar.”

O rei olhou para o anel. Um belo e estranho sorriso espalhou-se como a luz do sol pelo seu rosto, um sorriso de resposta. Mas, ao mesmo tempo, um sorriso indagador cobriu como a luz do luar o rosto de Irene.

“Pertenceu antigamente à sua mãe-rainha”, ele disse.

“E por que agora não é mais dela?”, perguntou Irene.

“Ela já não o quer”, disse o rei com gravidade.

“Por que ela não o quer mais?”

“Porque ela foi para onde todos aqueles anéis são feitos.”

“E quando a verei?”, perguntou a princesa.

“Ainda levará algum tempo”, respondeu o rei, e lágrimas marejaram seus olhos.

Irene não se lembrava de sua mãe, e não sabia por que seu pai ficou assim e a causa das lágrimas em seus olhos, mas ela enlaçou seu pescoço, beijou-o e não fez mais perguntas.

O rei ficou muito perturbado ao ouvir o relato dos guardas sobre as criaturas que tinham visto, e eu suponho que ele teria levado Irene consigo no mesmo dia, se não fosse a tranquilidade que a presença do anel no dedo da menina lhe dava. Cerca de uma hora antes de o rei partir, Irene o viu subir a velha escada, e ele não tornou a descer até que estivessem prestes a partir; ela deduziu que ele fora lá em cima para ver a velha senhora. Ao partir, o rei deixou na casa outros seis cavalheiros para que sempre pudessem ficar seis deles de guarda.

E agora, na deliciosa estação da primavera, Irene passava fora, na montanha, a maior parte do dia. Nas cavidades mais quentes, havia lindas primulas, não tantas a ponto de fazê-la cansar-se delas. Batia palmas de alegria toda vez que via uma nova desabrochando como um raio de luz na terra escura e, diferentemente de algumas crianças que conheço, em vez de arrancá-la, tocava-a com muita ternura, como se fosse um bebê recém-nascido, e tendo-se ambas conhecido, deixava-a tão feliz como a tinha encontrado. Ela tratava as plantas floridas como ninhos de passarinhos; cada nova flor era como um novo passarinho. Visitava todos os ninhos de flores que conhecia, e lembrava-se de cada uma. Ajoelhava-se ao lado de uma e dizia: “Bom dia! Vocês estão todas

perfumadas esta manhã? Adeus!” Em seguida ia para outro ninho e dizia o mesmo. Era o divertimento favorito dela. Havia muitas flores, e ela as amava todas, mas as prímulas eram suas favoritas.

“Elas não são muito tímidas, nem um pouquinho ousadas”, dizia para Lootie.

Também havia cabras por ali, e, quando os cabritinhos apareciam, ela ficava tão contente com eles quanto com as flores. A maior parte das cabras pertencia aos mineiros, e algumas delas eram da mãe de Curdie, mas havia uma boa quantidade de cabras selvagens que pareciam não pertencer a ninguém. Estas, os goblins consideravam suas, e em parte viviam delas. Armavam armadilhas e cavavam buracos para elas, e não tinham escrúpulos em se apossar das mansas que, por acaso, apanhavam, mas não tentavam roubá-las por outros meios. É que receavam os cães que os mineiros mantinham para vigiá-las, pois os sábidos cães sempre tentavam morder os pés dos goblins. Estes, porém, tinham uma espécie de carneiros deles próprios — criaturas bem esquisitas, que eles levavam à noite para pastar, e as outras criaturas dos goblins eram suficientemente inteligentes para guardá-los bem, pois sabiam que ganhariam seus ossos mais tarde.

CAPÍTULO 18

A PISTA DE CURDIE



Curdie continuava tão vigilante como sempre, mas estava quase se sentindo cansado de seu insucesso. Uma noite sim, uma noite não, ele acompanhava os goblins enquanto cavavam e furavam; aproximava-se deles o máximo que podia, vigiava-os por trás das pedras e rochedos, mas mesmo assim não parecia estar mais perto de descobrir o que eles tinham em vista. Como fizera no início, sempre segurava a extremidade do barbante amarrado à sua picareta, que continuava a servir-lhe de âncora lá na mina pela qual ele entrava no território dos goblins. Eles, nada mais ouvindo naquele local, tinham cessado de rezear uma invasão imediata e deixaram de se manter vigilantes.

Certa noite, após mover-se para um lado e para outro, e prestando atenção

até quase cair adormecido de cansaço, começou a enrolar sua bola de barbante, pois decidira ir para casa e dormir. Entretanto, não demorou muito e ele começou a sentir-se confuso. Uma após outra, ele passou pelas casas dos goblins, isto é, cavernas ocupadas por famílias goblins, e então teve certeza de que elas eram bem mais numerosas do que da outra vez quando por ali passara. Precisou tomar muito cuidado para não ser visto — elas ficavam tão juntas! Será que seu barbante o conduzira pelo caminho errado? Curdie continuou a enrolá-lo e o barbante continuava a levá-lo para locais mais densamente povoados, até que ele se tornou bem inquieto e realmente apreensivo, pois, embora não tivesse medo das criaturas, receava não encontrar o caminho de saída. Mas o que poderia fazer? De nada adiantaria sentar-se e esperar pela manhã - a manhã não fazia diferença ali. Estava escuro e sempre escuro, e se seu barbante falhasse, ficaria desamparado. Poderia até mesmo estar a um metro da mina e não sabê-lo. Já que não podia fazer algo melhor, pelo menos encontraria a extremidade do seu barbante e, se possível, veria como aconteceu que lhe pregasse uma tal peça. Quando, pelo tamanho da bola, viu que estava bem perto do final, começou a sentir um puxão e um arranco do barbante. O que isto queria dizer? Depois de virar uma curva fechada, pensou ter ouvido sons indistintos. A medida que prosseguia, transformavam-se num ruído de arrasta-pés, rosados e guinchos; o barulho aumentava, até que por fim, virando uma segunda curva, viu-se no meio daquilo tudo, ao mesmo tempo tropeçando em uma multidão de chafurdeiros, que, ele sabia, devia ser uma choldra de criaturas dos goblins. Antes de poder recuperar o equilíbrio, levava alguns grandes arranhões no rosto e várias mordidas agudas nas pernas e braços. Ao arrastar-se para se levantar, sua mão caiu sobre a picareta, e antes que aqueles horríveis animais o machucassem seriamente, desfechou a picareta para a direita e esquerda no escuro. Os gritos medonhos que se seguiram deram-lhe a satisfação de saber que tinha castigado alguns deles bem severamente, e pela fuga que empreenderam e os berros que já iam longe, percebeu que os tinha posto em corrida desabalada. Permaneceu ali um momento, sentindo o peso da picareta na mão, como se fosse o mais precioso pedaço de metal, mas realmente nenhum pedaço de ouro teria sido tão precioso nessa ocasião como essa ferramenta comum. Em seguida, desamarrou o barbante da picareta, colocou a bola no bolso e ainda ficou ali pensando.

Estava claro que as criaturas dos goblins tinham encontrado e levado a sua picareta, e foi assim que ele fora levado para onde ele não sabia. Apesar de tanto refletir, não sabia o que fazer, até que percebeu repentinamente um brilho de luz ao longe. Sem hesitar um momento, seguiu na sua direção, tão depressa quanto o caminho desconhecido e áspero permitia. Conduzido pela luz fraca, virou uma curva e viu algo inteiramente novo para seu conhecimento das regiões subterrâneas: a forma pequena e irregular de alguma coisa brilhando. Aproximou-se e descobriu que era um pedaço de mica, chamada prata-de-carneiro na Escócia, e a luz bruxuleava como se houvesse uma chama atrás. Depois de tentar em vão por algum tempo descobrir uma entrada para o lugar onde estava ardendo, chegou finalmente a uma pequena câmara, na qual uma abertura no alto da parede revelou um clarão mais além. Conseguiu subir até a

abertura e então viu uma cena estranha.

Em baixo, um pequeno grupo de goblins sentava-se ao redor de uma fogueira, cuja fumaça se esvaía na escuridão. Os lados da caverna estavam cheios de minerais brilhantes, como aqueles do salão do palácio, e aquele grupo era evidentemente de uma ordem superior, pois cada um usava na cabeça, nos braços ou na cintura, pedras que brilhavam em cores esplêndidas à luz do fogo. Curdie logo reconheceu o rei, e descobriu que ele tinha entrado na câmara interior da família real. Nunca tivera tão boa oportunidade de ouvir alguma coisa! Esgueirou-se pelo buraco o mais silenciosamente que pôde, arrastou-se um bom pedaço pela parede abaixo e prestou atenção. O rei, evidentemente a rainha, e provavelmente o príncipe herdeiro e o primeiro-ministro estavam reunidos conversando. Curdie teve certeza de que era a rainha por causa dos sapatos, pois, como ela estava aquecendo os pés ao fogo, ele os viu claramente.

“Isto será divertido!”, disse aquele que Curdie tomou pelo príncipe herdeiro.

Foi a primeira frase inteira que ouviu.

“Não vejo por que você deveria achar isto um acontecimento tão grandioso!”, disse sua madrastra jogando a cabeça para trás.

“Você deve lembrar-se, minha esposa”, interrompeu Sua Majestade, como a desculpar-se pelo filho, “ele tem o mesmo sangue. A mãe dele...”

“Não me fale da mãe dele! Você positivamente encoraja sua imaginação extravagante. Seja o que for que pertença àquela mãe, deve ser extirpado dele”.

“Você esquece de si mesma, minha querida!”, disse o rei.

“Eu não”, disse a rainha, “nem você também. Se você espera que eu aprove gostos tão grosseiros, verá que está enganado. Eu não uso sapatos a toa.”

“Mas você deve reconhecer”, disse o rei suspirando, “que isso, pelo menos, não é um capricho do Lábio Leporino, mas um assunto de política do Estado. Você está bem ciente de que a satisfação dele vem simplesmente do prazer de se sacrificar pelo bem público. Não é, Lábio Leporino?”

“Sim, pai, certamente que é. Só que será” agradável fazê-la chorar. Ordenarei que a pele entre seus dedos do pé seja retirada, depois amarrados até que se colem. Então, os pés dela ficarão como os dos outros, e ela não terá a possibilidade de usar sapatos.”

“Você está insinuando que eu tenho dedos nos pés, seu patife desnaturado?”, gritou a rainha, e ela se moveu zangada na direção de Lábio Leporino. Porém, o conselheiro, que estava entre os dois, inclinou-se para impedi-la de tocá-lo, mas, como se pretendesse apenas se dirigir ao príncipe, falou:

“Vossa Alteza Real, possivelmente precisa ser lembrado de que o senhor próprio tem três dedos nos pés — um num pé e dois no outro.”

“Há! há! há!” , bradou a rainha de modo triunfante.

O conselheiro, encorajado por essa demonstração de reconhecimento, prosseguiu.

“Parece-me que Vossa Alteza Real se tornaria muito mais benquisto do vosso futuro povo se provasse que não é inferior a nenhum deles por ter tido a infelicidade de nascer de uma mãe-do-sol, se se submetesse à operação que, comparada àquela que imaginou para sua futura princesa, é insignificante.”

“Há! há! há!” Riu a rainha ainda mais ruidosamente do que antes, e o rei e o ministro a acompanharam no riso. Lábio Leporino resmungou, e por alguns momentos mais os outros continuaram a se divertir com o desapontamento dele.

A rainha era a única que Curdie não podia ver distintamente. Ela estava sentada de lado e a luz do fogo brilhava em cheio sobre o rosto dela. Não havia jeito de achá-la bonita. O nariz era extremamente comprido e muito mais largo na ponta; os olhos, em vez de horizontais, pareciam dois ovos perpendiculares, um na parte larga, o outro na extremidade menor. A boca não era maior do que uma pequena casa de botão, até ela rir, quando se dilatava até as orelhas - só que, com certeza, as orelhas ficavam bem perto do centro de suas bochechas.

Na sua ânsia de ouvir tudo o que poderiam dizer, Curdie se aventurou em deslizar-se por uma parte lisa do rochedo bem abaixo dele para uma saliência inferior, sobre a qual ele pensou se apoiar. Mas, ou não foi bastante cuidadoso, ou a saliência cedeu, e ele veio abaixo com ímpeto, levando consigo, com grande estrondo, uma chuva de pedras.

Os goblins pularam de seus assentos, mais com raiva do que temor, pois até então nunca tinham visto qualquer coisa no palácio que lhes desse motivo de receio. Porém, quando viram Curdie com sua picareta na mão, a raiva deles se misturou com o medo, pois tomaram-no pelo primeiro de uma invasão de mineiros que se seguiria depois. O rei pôs de pé toda a sua altura de um metro e vinte centímetros, esticou toda sua largura de um metro e cinco centímetros - ele era o mais bonito e bem proporcionado de todos os goblins - e, empertigando-se, dirigiu-se a Curdie, plantou-se com os pés estendidos diante dele e falou com dignidade:

“Tenha a bondade de me dizer que direito tem de invadir meu palácio?”

“O direito da necessidade, Vossa Majestade”, respondeu Curdie. “Perdi meu caminho e não sabia para onde estava vagueando.”

“Como é que você entrou?”

“Por um buraco na montanha.”

“Mas você é um mineiro! Veja sua picareta!”

Curdie olhou para a picareta e respondeu:

“Eu a encontrei jogada no chão, não muito longe daqui. Tropecei em umas feras selvagens que estavam brincando com a picareta. Olhe, Vossa

Majestade”. E Curdie mostrou-lhe como tinha sido arranhado e mordido.

O rei, baseado no que seu povo lhe contara a respeito dos mineiros, ficou satisfeito de achar seu comportamento mais educado do que esperava, o que ele atribuiu ao poder de sua própria presença, e, nem por isso, se fez amigável com o intruso.

“Você me fará o obséquio de sair imediatamente de meus domínios”, ele disse, sabendo muito bem da zombaria que havia nas palavras.

“Com prazer, se Vossa Majestade me fornecer um guia”, disse Curdie.

“Dar-lhe-ei mil guias”, disse o rei com um ar de escárnio em suas palavras de generosidade magnífica.

“Um só será bem suficiente”, respondeu Curdie.

O rei, porém, proferiu um berro estranho, meio saudação, meio rugido, e os goblins acorreram todos, até a caverna fervilhar. Ele disse alguma coisa ao primeiro deles, que Curdie não conseguiu ouvir, o que foi passado de um para outro até que o mais afastado na multidão tivesse ouvido e compreendido. Começaram então a juntar-se ao redor de Curdie de uma maneira que ele não gostou, o que o fez refugiar-se junto à parede. Os goblins o comprimiram.

“Para trás”, disse Curdie, agarrando sua picareta com mais firmeza à altura do joelho.

Eles riram e o apertaram mais cerradamente. Curdie refletiu e começou a rimar:

Dez, vinte, trinta...
Vocês todos tão borrinta!
Vinte, trinta, quarenta...
Vocês todos venta sebenta!

Trinta, quarenta, cinquenta...
Vocês todos tão bolenta e pancenta
Quarenta, cinquenta, sessenta!...
Fera e homem uma só ementa!

Cinquenta, sessenta, setenta...
Misturenta, massenta, fermenta!
Sessenta, setenta, oitenta...
A bochecha toda tão ripenta!

Setenta, oitenta, noventa,
A mão toda tão pedrenta!
Oitenta, noventa, cem,
Em tanta demência não há quem!

Os goblins recuaram um pouco logo que Curdie começou, e faziam

caretas horríveis enquanto ele recitava, como se estivessem comendo algo que, de tão repugnante, fizesse cerrar os dentes e provocar arrepios, mas fosse porque muitas das palavras que rimavam não eram no fim das contas propriamente palavras pois, sendo uma rima nova a mais eficaz, Curdie as fizera no impulso do momento, ou fosse porque a presença do rei e rainha lhes desse coragem, não sei dizer, o fato é que, assim que terminou a rima, os goblins se amontoaram novamente em torno dele e uma centena de braços com uma multidão de dedos grossos e sem unhas irrompeu para apanhá-lo.

Curdie levantou a picareta. Mas, sendo tão delicado quanto corajoso e não desejando matar nenhum deles, virou a extremidade que era plana e cega como um martelo, e foi assim que desferiu um grande golpe na cabeça do goblin mais próximo. Apesar de terem a cabeça muito dura, Curdie achou que ele devia ter sentido a pancada. E, sem dúvida, foi o que aconteceu, mas o goblin apenas deu um grito horrível e pulou no pescoço de Curdie. Ele recuou a tempo, e justamente nesse momento crítico lembrou-se da parte vulnerável do corpo dos goblins. Investiu repentinamente contra o rei e pisou com toda força nos pés de Sua Majestade. Ele deu um rugido bem indigno de um rei e quase caiu na fogueira. Então Curdie avançou contra a multidão pisando à direita e à esquerda. Os goblins recuaram uivando a cada vez que Curdie se aproximava, mas estavam tão amontoados que poucos daqueles que ele atacou puderam escapar de sua pisada.

A gritaria e os uivos que enchiam a caverna teriam amedrontado Curdie, não fosse a grande esperança que isso lhe deu. Os goblins, ansiosos de fugirem da caverna, despencavam aos montes uns sobre os outros, quando um novo assaltante repentinamente o encarou - a rainha, com olhos flamejantes e narinas dilatadas, o cabelo meio em pé, avançou contra ele. Ela confiava em seus sapatos: eram de granito escavado como tamancos franceses. Curdie teria preferido suportar muito mais a ferir uma mulher, mesmo uma goblin, mas aqui era um caso de vida e morte; esquecendo os sapatos que ela usava, deu uma violenta pisada nos pés dela. Mas instantaneamente ela fez o mesmo e o resultado foi muito diferente. Curdie sentiu uma dor terrível e ela quase o aleijou. Sua única chance seria atacar os sapatos de granito com a picareta. Mas, antes que ele pudesse pensar nisso, ela o apanhou nos braços e o arrastou pela caverna.

Arremessou-o num buraco da parede com uma força que quase o atordoou. Apesar de não poder se mover, Curdie não estava tão mal que não pudesse ouvir o grito descomunal da rainha e a correria da turba de pés moles, seguida dos sons de alguma coisa que se erguia contra o rochedo, após o que uma chuvarada de fagulhas de pedras caía perto dele. Ainda caíam, quando ele se sentiu muito fraco, pois sua cabeça tinha sofrido um corte profundo, e finalmente perdeu os sentidos.

Ao voltar a si, o silêncio era total ao seu redor e a escuridão completa, apenas um vislumbre mínimo em um minúsculo ponto. Arrastou-se para lá e viu que eles tinham levantado uma laje na boca do buraco, nas bordas da qual aparecia um minúsculo brilho que vinha do fogo. Curdie não tinha condições de

mover um milímetro dela, pois os goblins tinham empilhado um monte enorme de pedras contra a laje. Arrastou-se de volta para o lugar onde estivera deitado, com pouca esperança de encontrar sua picareta. Após uma busca vã, foi finalmente obrigado a reconhecer que estava em apuros. Sentou-se e tentou pensar, mas logo adormeceu profundamente.

CAPÍTULO 19

DELIBERAÇÕES DOS GOBLINS

Curdie deve ter dormido por longo tempo, pois, quando despertou, sentiu-se maravilhosamente refeito - na verdade, quase bem - e com muita fome. Havia vozes na caverna externa.

Então, mais uma vez, era noite; pois os goblins dormiam durante o dia e cuidavam de seus afazeres à noite.

Na escuridão universal e constante de sua morada, eles não tinham motivo para preferir a outra alternativa. A aversão que tinham pelo povo-do-sol os fez escolher cuidar de suas ocupações nas horas em que não havia a menor chance de que fossem encontrados pelos mineiros enquanto escavavam lá em baixo, ou pelos pastores da montanha enquanto alimentavam suas ovelhas ou apanhavam suas cabras lá em cima. E, na verdade, era somente quando o sol desaparecia que o exterior da montanha tornava-se suficientemente igual aos seus domínios sombrios, e, por assim, suportável à sua visão imperfeita, tão inteiramente tinham eles se desacostumado de qualquer luz além daquela de suas fogueiras e tochas.

Curdie prestou atenção, e logo verificou que estavam falando dele.

“Quanto tempo vai levar?”, perguntou Lábio Leporino.

“Não muitos dias, acredito”, respondeu o rei.

“São pobres, fracas criaturas, aquele povo-do-sol, e estão sempre querendo comer. Nós podemos passar uma semana sem alimento, e até nós sentimos melhor com isso, mas eu soube que eles comem duas ou três vezes ao dia! Você acredita? Devem ser bemocos por dentro — de jeito algum como nós, nove décimos de volume em carne e ossos sólidos. Sim, acredito que uma semana passando fome será suficiente para ele.”

“Se me permitem uma palavra”, interrompeu a rainha, “e eu creio que devo ter alguma opinião sobre o assunto “

“O patife está inteiramente ao seu dispor, minha esposa”, interrompeu o rei. “Ele é sua propriedade. Você própria o apanhou. Nós nunca teríamos conseguido.”

A rainha riu. Ela estava de melhor humor do que na noite passada.

“Eu ia dizer”, ela continuou, “que parece uma pena desperdiçar tanta carne fresca.”

“No que você está pensando, meu amor?”, perguntou o rei. “A idéia de fazê-lo morrer de fome significa que não lhe daremos carne alguma, salgada ou fresca.”

“Não sou estúpida a tal ponto”, respondeu a rainha, “o que quero dizer é

que quando ele morrer, será bem difícil sobrar alguma coisa sobre os seus ossos.”

O rei deu uma grande gargalhada.

“Bem, minha esposa, você pode ficar com ele quando quiser”, disse o rei. “De minha parte, ele não me agrada. Tenho certeza de que deve ser muito duro para comer.”

“Isso significaria honrá-lo, em vez de puni-lo por sua insolência”, respondeu a rainha. “E por que privar nossas pobres criaturas de tanto alimento? Nossos cachorrinhos, gatos, porcos e ursinhos se regalariam muitíssimo com ele.”

“Você é a melhor das donas-de-casa, minha encantadora rainha!”, disse o marido. “Que assim seja, certamente. Vamos chamar nosso povo, tirá-lo de lá e matá-lo imediatamente. É o que ele merece. O mal que ele poderia ter-nos causado, agora que ele penetrou em nossa cidadela mais escondida, é incalculável. Melhor, vamos amarrá-lo pelas mãos e pés e ter a satisfação de vê-lo dilacerado à luz de todas as tochas acesas no grande salão.”

“Está ficando cada vez melhor!”, gritaram juntos a rainha e o príncipe, ambos batendo palmas. E o príncipe fez um ruído horrendo com seu lábio leporino, exatamente como se pretendesse ser um dos participantes da festa.

“Mas”, acrescentou a rainha refletindo, “ele é tão desagradável. Embora pobres criaturas, há alguma coisa com esse povo-do-sol que é muito incômodo. Não posso imaginar como, tendo nós tal força superior, habilidade e compreensão, permitimos afinal que eles existam. Por que não os destruímos completamente e usamos o gado e as pastagens deles como bem o quisermos? Naturalmente, não queremos viver no horroroso país deles! Tem clareza demais para nossos hábitos mais sossegados e refinados. Mas poderíamos aproveitá-lo como um tipo de dependência agregada, vocês sabem. Até os olhos de nossas criaturas poderiam se acostumar com isso, e se ficarem cegas, não terá importância, pois, em compensação, vão engordar. Poderíamos até ficar com suas grandes vacas e outras criaturas, e então teríamos um pouco mais de fatura, como creme e queijo, que atualmente só experimentamos ocasionalmente, quando nossos bravos homens conseguem levar alguns animais das fazendas deles.”

“Vale a pena pensar nisso”, disse o rei, “e não sei por que tinha de ser você a primeira a sugerir esse plano, exceto pelo fato de que você positivamente tem talento para a conquista. Mas, como você diz, há algo muito incômodo neles. E seria melhor, se eu entendo o que você sugere, fazê-lo passar fome por um ou dois dias primeiro para que não esteja em condições de lutar quando o tirarmos de lá.”

Era uma vez um goblin
Num oco ele morava,
E a remendar ele estava
Um sapato sem solin.

Uma ave eis que veio:
“O que está fazendo Goblin?”
“Conserto o alteio
De um sapato de courin”

“Que serventia isso tem, senhor?”
Eis o que a ave diz
“Ora, muito isso me condiz
Claro é e nada mais dizer requer, senhor

Onde tudo é oco só, senhor,
Nunca ocos contém.
Deve os sapatos seus ter solas, senhor,
Se alma eles não têm?”

“O que é esse barulho horrível?”, gritou a rainha estremecendo da cabeça
de pote de metal aos seus sapatos de granito.

“Asseguro”, disse o rei com indignação solene, “é essa criatura-do-sol no
buraco!”

“Pare com esse barulho repugnante!”, gritou o príncipe herdeiro
valentemente, levantando-se e ficando em frente do monte de pedras com o
rosto virado para a prisão de Curdie. “Pare já, ou quebrarei sua cabeça.”

“Quebre, então”, gritou Curdie, e começou a cantar novamente.

Era uma vez um goblin
Num oco ele morava,

“Eu não posso suportar isso de jeito algum”, disse a rainha. “Se eu pudesse
pelo menos atingir seu pé com meus chinelos!”

“Acho melhor ir para a cama”, disse o rei.

“Ainda não está na hora de ir para a cama”, disse a rainha.

“Eu iria, se fosse você”, disse Curdie.

“Safado insolente”, disse a rainha com o maior desprezo.

“Um se impossível”, disse Sua Majestade, o rei, com dignidade.

“É bem isso”, retrucou Curdie, e começou a cantar novamente.

Vai para a cama.
Vai, Goblin.
Ajuda a rainha
Tirar o sapatim.

Se isso fizer,
Ver você vai
Horríveis dedos

Brotando nos pés.

“Que mentira!”, rugiu a rainha furiosa.

“A propósito, isso me faz lembrar”, disse o rei, “que nunca vi seus pés durante todo o tempo que estamos casados. Acho que você poderia tirar seus sapatos quando vai para a cama! Positivamente, eles me machucam algumas vezes.”

“Farei o que quero”, respondeu a rainha mal humorada.

“Você deveria fazer o que o seu maridinho deseja”, disse o rei.

“Não farei”, disse a rainha.

“Se é assim, eu insisto”, disse o rei.

Aparentemente, Sua Majestade aproximou-se da rainha com o propósito de seguir o conselho de Curdie, pois este ouviu uma briga, e depois um forte rugido do rei.

“Quer ficar quieto, então?”, disse a rainha maldosamente.

“Sim, sim, rainha. Minha intenção era somente lisonjeá-la”.

“Tire as mãos!”, gritou a rainha triunfante. “Vou para a cama. Você pode vir, se quiser. Mas enquanto eu for rainha, dormirei com meus sapatos. É meu privilégio real. Lábio Leporino, vá dormir.”

“Estou indo”, disse Lábio Leporino sonolentemente.

“Eu também”, disse o rei.

“Venha então”, disse a rainha, “e cuide-se para se comportar, ou eu...”

“Oh, não, não, não!”, gritou o rei no mais suplicante tom de voz.

Curdie ouviu somente um resmungo distante como resposta, e depois a caverna ficou completamente silenciosa.

Eles tinham deixado o fogo aceso, e a luz que chegava do outro lado era mais brilhante do que antes. Curdie pensou que era tempo de ver novamente se podia fazer alguma coisa. Mas constatou que não podia colocar nem mesmo um dedo pela fresta. Deu um forte empurrão com o ombro contra a laje, mas esta, como se fosse parte do rochedo, nem se moveu. Tudo o que podia fazer era sentar e pensar novamente.

Decidiu fingir que estava morrendo, na esperança de que eles o tirassem dali antes de ficar exausto demais para ter uma chance. Se ele ao menos pudesse encontrar sua picareta, nada temeria, e se não fosse pelos horrorosos sapatos da rainha, não teria medo algum.

Nesse meio tempo, até que voltassem à noite, ele nada tinha a fazer, a não ser inventar novas rimas, agora suas únicas armas. Não tinha naturalmente a intenção de usá-las naquele momento, mas era bom ter uma reserva, pois poderia estar vivo para precisar delas, e a criação das rimas o ajudaria a passar o tempo.

CAPÍTULO 20

A PISTA DE IRENE



Nessa mesma manhã, logo cedo, a princesa despertou com um terrível susto. Havia um barulho medonho no seu quarto - de criaturas rosnando, sibilando e batendo, como se estivessem lutando. Assim que ela se recuperou, lembrou-se de alguma coisa em que não tinha mais pensado — o que sua avó lhe dissera para fazer quando estivesse com medo. Tirou na mesma hora o anel do dedo e o colocou sob o travesseiro. Enquanto fazia isso, pareceu-lhe sentir que dedos pegavam suavemente o anel da palma de sua mão. “Deve ser minha avó!”, pensou consigo, e esse pensamento deu-lhe tanta coragem, que ela ainda se deteve para calçar seus chinelos antes de sair correndo do quarto. Nesse momento, viu uma longa capa azul-celeste jogada sobre uma cadeira ao lado da

cama. Ela nunca a tinha visto, mas era evidente que essa capa estava esperando por ela. Vestiu-a, e depois, tateando com o dedo da mão direita, logo encontrou o fio e imediatamente o seguiu. Esperava que ele a levasse diretamente para a velha escada, mas, quando chegou à porta, viu que ia para baixo e corria rente ao piso, de modo que ela fio obrigada a quase se arrastar para segurá-lo. Então, para sua surpresa e um pouco para seu espanto, viu que, em vez de levá-la para a escada, ia para uma direção totalmente oposta. Levava-a por passagens estreitas e ia na direção da cozinha. Antes de alcançá-la, mudou de direção e a conduziu a uma porta que se comunicava com um pequeno jardim no fundo. Algumas criadas já tinham levantado, e essa porta estava aberta. O fio atravessou o jardim ainda rente ao chão e a levou para uma porta na parede, que se abria para a encosta da montanha. Depois de passar pela porta o fio levantou-se cerca da metade de sua altura, e ela pôde segurá-lo com facilidade à medida que andava. Conduziu-a diretamente montanha acima.

A causa de seu sobressalto era menos alarmante do que supunha. O gato preto da cozinha, perseguido pelo cão terrier da governanta, tinha-se atirado contra a porta do seu quarto, que não fora bem fechada, e ambos, cão e gato, invadiram juntos o aposento e começaram uma batalha ferrenha. Era um mistério que a aia tenha conseguido permanecer adormecida, mas suponho que a velha senhora teve alguma coisa a ver com isso.

A manhã estava clara e quente. O vento soprava deliciosamente sobre a encosta da montanha. Aqui e ali ela via uma primula tardia, mas não parou para falar com elas. O céu estava manchado de pequenas nuvens. O sol ainda não aparecera, mas algumas das bordas macias das nuvens tinham apanhado sua luz, e franjas douradas pendiam no ar. O orvalho pairava em gotas redondas e flutuava como minúsculos brincos de diamante nas folhas que cobriam o caminho.

“Que beleza aquele fio de teia de aranha!”, pensou a princesa, olhando para uma longa linha ondulante que brilhava a alguma distância dela no alto da montanha. Todavia, não era tempo de teias de aranha, e Irene logo descobriu que era seu próprio fio que ela via brilhando à luz da manhã. Ela não sabia para onde o fio a estava levando; mas nunca em sua vida ela tinha estado fora antes do nascer do sol, e tudo era tão fresco, delicioso e cheio de vida e de algo pairando no ar, que ela se sentiu feliz demais para recear alguma coisa.

Depois de a conduzir para cima uma boa distância, o fio virou para a esquerda e desceu o caminho onde ela e Lottie tinham encontrado Curdie. Mas ela nem lembrou disso; à luz da manhã e diante da vista ampla do campo, nenhum caminho podia ser mais aberto, arejado e animador. Ela podia ver a estrada quase até o horizonte, ao longo da qual, tantas vezes, via seu papai-rei e sua tropa chegar reluzente ao toque do clarim rasgando o ar diante deles, e esse toque era como um companheiro para ela.

O caminho descia, subia, descia e subia de novo, tornava-se cada vez mais áspero; o fio prateado seguia ao longo do caminho e o dedo de Irene seguia ao longo do fio. Nesse compasso, ela chegou a um pequeno regato que tagarelava e

cantava colina abaixo; e ambos, caminho e fio, continuavam subindo ao lado do regato. Cada vez mais íngreme o caminho, e a montanha mais e mais agreste, e Irene começou a achar que ela tinha se afastado muito de casa; então ela olhou para trás, viu que a planície tinha desaparecido e a montanha nua e áspera se fechara ao seu redor. Porém, o fio continuava a seguir em frente, e continuava a seguir também a princesa. Tudo ao redor tornava-se mais e mais brilhante com o sol que se aproximava, até que, finalmente, seus primeiros raios iluminaram de uma só vez o topo de um rochedo diante dela como uma criatura dourada e viva vinda do céu. Viu então que o regato saía de uma abertura no rochedo, que o caminho terminava ali e que o fio a conduzia diretamente àquela abertura. Um arrepio a percorreu da cabeça aos pés quando descobriu que o fio a levava mesmo para dentro da abertura de onde vinha o regato. Ela tinha de entrar.

A princesa não hesitou. Entrou na abertura, que era bastante alta para deixá-la passar sem se curvar. Nesse primeiro trecho do caminho havia um brilho amarronzado, que desapareceu na primeira volta, e já aos primeiros passos, ela ficou em completa escuridão. Começou a ficar assustada de verdade. Ela ficou tateando o fio atrás e na frente e, quanto mais avançava na escuridão oca da montanha, mais e mais ela pensava em sua avó e em tudo que ela lhe dissera, quão bondosa tinha sido, como era linda e tudo que viu no seu quarto encantador, o fogo de rosas e a grande lâmpada cuja luz atravessava paredes de pedra. E ia tendo mais e mais certeza de que o fio não poderia ter ido para lá por si próprio, e que sua avó devia tê-lo enviado. Mas foi uma terrível provação quando o caminho desceu muito íngreme, e especialmente quando chegou a um lugar em que precisava descer degraus toscos, e algumas vezes até uma escada. O fio a guiou por passagens estreitas, sobre rochedos protuberantes, areia e barro, até que chegou a um pequeno túnel, pelo qual ela teve de se arrastar. Viu que do outro lado era igual. “Será que tenho de voltar?”, ela repetia sempre para si, e estranhava não estar dez vezes mais assustada, sentindo-se como se estivesse apenas andando na história de um sonho. Algumas vezes, ouvia o ruído da água, um murmúrio fraco dentro do rochedo. Depois ouvia sons de golpes que chegavam cada vez mais perto, mas novamente enfraqueciam e quase se extinguíam.

Teve de fazer centenas de voltas para seguir o fio que a guiava. Por fim, avistou um brilho rubro e opaco. Alcançou uma janela de mica, e dali pôde ver tudo ao redor, precisamente o interior de uma caverna onde ardiam os tições em brasa de uma fogueira. Aqui o fio começou a subir. Chegou à altura de sua cabeça e ainda mais alto. O que faria se perdesse o contato com o fio? Ela o puxava para baixo! Podia rompê-lo! Conseguia vê-lo lá em cima brilhando tão vermelho como sua opala de fogo à luz dos tições.

Ela chegou logo a um enorme monte de pedras empilhadas em declive contra a parede da caverna. Subiu pelas pedras e logo recuperou o nível do fio - apenas para em seguida ver que ele tinha desaparecido entre o monte de pedras e que a deixara ali diante de uma parede rochosa. Por um momento terrível, ela sentiu que sua avó a tinha abandonado. O fio das aranhas, tecido longe além dos mares, que sua avó, sentada à luz do luar, tinha fiado novamente para ela,

temperado no fogo de rosas e amarrado ao seu anel de opala, a tinha deixado — tinha ido para onde ela não poderia mais segui-lo - ele a trouxera para uma caverna horrível e a deixara ali abandonada! Ela estava mesmo desamparada!

“Quando despertarei?” Disse aflita para si mesma, mas ao mesmo tempo sabia que não era sonho. Atirou-se sobre o monte de pedras e começou a chorar. Ainda bem que ela não sabia que tipo de criaturas, uma delas com sapatos de pedra nos pés, estavam na caverna próxima. Mas também não sabia quem estava do outro lado da laje.

Por fim, bateu-lhe o pensamento de que podia pelo menos seguir o fio de volta, sair da montanha e ir para casa. Levantou-se imediatamente e encontrou o fio. Mas, ao tentar tocá-lo pelo lado da volta, viu que tinha desaparecido. O fio a conduzia para frente e para cima do monte de pedras, e para trás parecia que a lugar algum. Nem ela podia enxergá-lo como antes, à luz do fogo. Debulhou-se num grito de lamentação e novamente se atirou sobre as pedras.

CAPÍTULO 21

A FUGA



Deitada ali e soluçando, a princesa continuou a tatear maquinalmente o fio acompanhando-o várias vezes até o alto das pedras onde tinha desaparecido. Depois, começou, ainda maquinalmente, a remexer entre as pedras em busca do fio. Repentinamente, chegou à conclusão de que podia remover algumas pedras e ver onde ele tinha entrado. Quase rindo de si mesma por não ter pensado nisso antes, pôs-se em pé, num pulo. O medo que sentia desapareceu, e mais uma vez teve certeza de que o fio de sua avó não a teria levado ali só para deixá-la naquele lugar; e começou a remover as pedras do topo tão depressa quanto podia, algumas vezes duas ou três num punhado, outras com ambas as mãos para levantar uma delas. Depois de remover um tanto de pedras, viu que o fio virava e

ia diretamente para baixo. Como o monte formava um declive e, portanto, era mais largo na base, ela teve de remover uma grande quantidade de pedras para seguir o fio. Isso não bastou, pois ela logo viu que o fio, depois de seguir para baixo por um trecho, entrava em uma direção, depois em outra, então ia para um lado e para outro e desaparecia dentro do monte de pedras. Temerosa, viu que para desembaraçar o fio tinha de remover todo aquele enorme ajuntamento. Ficou desanimada com essa idéia, mas começou sem perda de tempo a trabalhar com ânimo; mesmo com as costas doloridas, dedos e mãos esfolados, continuou a trabalhar, sustentada pelo prazer de ver o monte diminuir lentamente e começar a aparecer do lado oposto da fogueira. Outra coisa que a ajudou a manter a coragem foi ver que, cada vez que descobria uma volta do fio, ele se mantinha esticado em vez de frouxo. Isto lhe deu a certeza de que sua avó estava na outra extremidade em algum lugar.

Já tinha desobstruído metade do caminho quando estremeceu e quase caiu de susto. Rente aos ouvidos, como lhe pareceu, uma voz irrompeu cantando:

Pairaria, vozeria, estalido
Terás tudo isso num estampido
Vozeria, estalido, pairaria
Terás o pior da zurraria
Estalido, pairaria, vozeria...

Aqui Curdie parou, ou porque não conseguia achar outra rima para “vozeria”, ou porque lembrou-se, com o ruído do trabalho de Irene, de que seu plano era fazer os goblins pensarem que estava ficando fraco. Mas revelara o bastante para que Irene soubesse quem ele era.

“É Curdie!”, ela gritou alegremente.

“Silêncio! Silêncio!”, veio novamente a voz de Curdie de algum lugar. “Fale baixinho.”

“Ora, você estava cantando alto!”, disse Irene.

“Sim. Mas eles sabem que estou aqui e não sabem de você. Quem é você?”

“Sou Irene”, respondeu a princesa. “Sei muito bem quem você é. Você é Curdie.”

“Ora, como foi que você chegou aqui, Irene?”

“Minha tetravó me mandou, e eu penso que descobri por que. Suponho que você não consegue sair.”

“Não, não consigo. O que você está fazendo?”

“Removendo um monte enorme de pedras.”

“Isso é que é uma princesa!”, exclamou Curdie num tom prazeroso, mas ainda falando pouco mais alto do que um cochicho. “Mas não posso imaginar como você chegou aqui.”

“Minha avó enviou-me para seguir o fio dela.”

“Não sei o que você quer dizer”, retrucou Curdie, “mas já que você está aí isso não tem muita importância.”

“Oh, sim, tem!”, respondeu Irene. “Eu nunca teria vindo aqui se não fosse por ela.”

“Você pode me contar tudo quando sairmos. Não há tempo a perder agora”, disse Curdie.

E Irene começou a trabalhar, tão disposta como quando começara. “Tem tantas pedras aqui!”, ela disse. “Vou precisar de muito tempo para tirá-las todas.”

“Até onde você chegou?”, perguntou Curdie.

“Tirei mais ou menos a metade, mas a outra metade é muito maior.”

“Acho que você não precisará remover toda a outra metade. Você está vendo uma laje colocada contra a parede?”

Irene olhou, apalpou com as mãos e logo percebeu os contornos da laje.

“Sim, estou vendo.”

“Então eu penso”, replicou Curdie, “que se você remover até a metade da laje, ou um pouco mais, eu poderei empurrá-la.”

“Devo seguir meu fio”, respondeu a princesa, “em tudo o que eu fizer.”

“O que está dizendo?”

Você saberá quando estivermos fora daqui”, respondeu a princesa, e continuou seu trabalho com mais decisão ainda.

Mas ela logo viu que o fio queria a mesma coisa, pois, acompanhando o seu percurso, percebeu que removera as pedras que estavam na frente da laje, e que ele penetrara um pouco abaixo da metade dela na fenda e tomara a direção do lugar onde Curdie estava confinado, e já não mais podia segui-lo. Logo que ela percebeu tudo, sussurrou alegremente:

“Agora, Curdie, penso que a laje cairá se você der um empurrão bem forte.”

“Fique então bem longe dela”, disse Curdie, “e me diga quando estiver pronta.”

Irene desceu do monte de pedras e permaneceu de lado.

“Agora, Curdie!”, ela gritou.

Curdie deu um forte empurrão com o ombro contra a laje. Ela desabou sobre o monte de pedras e Curdie se arrastou para fora.

“Você salvou minha vida, Irene!”, ele murmurou.

“Oh, Curdie, estou tão contente! Vamos sair deste lugar horrível o mais depressa possível.”

“Isso é mais fácil dizer do que fazer”, respondeu ele.

“Oh, não! É bem fácil”, disse Irene. “Só precisamos seguir meu fio. Tenho certeza de que nos levará agora para fora.”

Ela já começava a segui-lo de cima da laje caída enquanto Curdie procurava sua picareta no chão da caverna.

“Aqui está ela!”, ele gritou. “Não, não é!”, acrescentou desapontado. “O que poderá ser isto então? Veja só, é uma tocha. Isto é extraordinário! Chega a ser melhor do que minha picareta. Muito melhor se não fossem aqueles sapatos de pedra!”, ele dizia enquanto acendia a tocha soprando as últimas brasas do fogo que se extinguia.

Quando olhou para cima com a tocha iluminando a escuridão da caverna, viu Irene desaparecendo na abertura de onde ele acabara de sair.

“Onde você está indo?”, ele gritou. “Esse não é o caminho para a saída. Pois é daí que eu não podia sair.”

“Sei disso”, cochichou Irene. “Mas esse é o caminho para onde meu fio vai, e eu devo segui-lo.”

“Que bobagem essa menina está dizendo!”, disse Curdie para si mesmo. “Preciso segui-la então e cuidar para que nada de mal lhe aconteça. Logo verá que não pode sair por ali e então virá comigo.”

Assim, ele se arrastou mais uma vez sobre a laje e entrou com a tocha na mão. Mas, quando olhou ao redor, não a viu em parte alguma. E então descobriu que, embora o antro fosse estreito, era muito mais comprido do que imaginara; viu que o teto era muito baixo noutro lado e ali continuava por uma passagem estreita de que não se podia ver o fim. A princesa certamente entrara ali se arrastando. Ele a seguiu levando a tocha em uma das mãos. O túnel era cheio de curvas, tão baixo em algumas partes, que ele dificilmente conseguia passar; em outras tão alto que não conseguia ver o teto, mas todo estreito ao longo dele — estreito demais para um goblin atravessar, e então suponho que nunca pensaram que Curdie pudesse. Já começava a ficar preocupado com a princesa, quando ouviu a voz dela quase perto do seu ouvido:

“Você não vem, Curdie?”

E quando transpôs a próxima curva, lá estava ela esperando por ele.

“Eu sabia que você não erraria naquela passagem estreita, mas agora você deve ficar comigo, pois aqui é um lugar grande e amplo”, ela disse.

“Não consigo entender isso”, disse Curdie, meio para si mesmo, meio para Irene.

“Não tem importância”, ela respondeu. “Espere até sairmos.”

Curdie, completamente surpreendido por ela já estar tão longe e por um caminho que ele nunca soube que existia, achou melhor deixá-la fazer o que quisesse.

“Seja como for”, ele disse outra vez para si próprio, “eu nada sei sobre o caminho, mesmo sendo eu um mineiro, e ela parece achar que realmente o

conhece de algum modo, embora isto esteja além de minha compreensão. Então, poderá tanto como eu achar seu caminho e, como ela insiste em tomar a dianteira, devo segui-la. Seja como for, nossa situação não ficará pior do que já está.”

Assim refletindo, Curdie a seguiu alguns passos e saiu em outra grande caverna, que Irene atravessou em linha reta, tão segura de si como se ela conhecesse cada passo do caminho. Curdie seguiu-a, iluminando em torno com a tocha e tentando ver o que ali havia. De repente, ele recuou um passo quando a luz caiu sobre alguma coisa próxima à qual Irene passava. Era uma plataforma do rochedo elevada a alguns metros do chão e coberta com peles de carneiro, sobre a qual duas figuras horríveis dormiam. Curdie logo reconheceu o rei e a rainha dos goblins. Abaixou a tocha rápido para que a luz não os despertasse. Ao fazer isso, viu sua picareta ao lado da rainha com a mão dela próxima do cabo.

“Pare um momento”, ele cochichou. Segure minha tocha, e não deixe a luz bater no rosto deles.”

Irene estremeceu ao ver aquelas criaturas assustadoras, pelas quais tinha passado sem notá-las, e ficando de costas, segurou a tocha para baixo. Curdie puxou a picareta cuidadosamente, e, ao fazê-lo, enxergou um dos pés da rainha que aparecia fora das peles. O grande e desajeitado sapato de granito, assim à sua mão, era uma tentação irresistível. Segurou-o, e, com esforços cautelosos, retirou-o do pé dela. E, para seu espanto, viu que aquilo que sem saber cantara para irritar a rainha, era realmente verdade: ela tinha seis horríveis dedos no pé. Num arroubo de alegria pelo êxito que teve e, vendo onde estava o outro pé pelo grande cocuruto que se formava sob as peles, ele foi adiante; se conseguisse levar o outro sapato, ele temeria tanto os goblins quanto um enxame de moscas. Levantou cautelosamente a pele. Porém, ao puxar o segundo sapato, a rainha deu um rugido e sentou-se na cama. O rei também acordou e sentou ao lado dela.

“Corra, Irene!”, gritou Curdie, pois, embora ele não estivesse de modo algum receoso por si próprio, ele o estava pela princesa.

Irene olhou de volta, viu as terríveis criaturas acordadas, e inteligente como era, bateu a tocha no chão e a apagou:

“Aqui, Curdie, segure minha mão”, gritou.

Curdie, levando o sapato da rainha e a picareta, correu e pegou a mão da princesa, que corria destemida para onde seu fio a guiava. Ambos ouviram a rainha dar um grande urro, porém eles ganhariam uma boa dianteira até que pudessem acender suas tochas e persegui-los. Justamente como tinham pensado, viram um brilho atrás deles, mas o fio os conduziu para uma abertura muito estreita. Irene se arrastou por ela facilmente, mas Curdie com dificuldade.

“Agora”, disse Curdie, “penso que estaremos salvos.”

“Claro que estaremos”, respondeu Irene.

“Por que tem tanta certeza?”, perguntou Curdie.

“Porque minha avó está cuidando de nós.”

“Que bobagem!” , disse Curdie. “Não sei o que você quer dizer.”

“Então se você não sabe o que quero dizer, que direito tem de chamar isto de bobagem?” , perguntou a princesa um pouco ofendida.

“Perdoe-me, Irene” , disse Curdie; “não tive intenção de ofendê-la.”

“Claro que não” , respondeu a princesa. “Mas por que você acha que estaremos seguros?”

“Porque o rei e a rainha são gordos demais para atravessar aquele túnel.”

“Pode haver um outro caminho” , disse a princesa.

“E certo que pode; ainda não estamos fora daqui” , concordou Curdie.

“Mas o que você quer dizer por rei e rainha?” , perguntou a princesa. “Eu nunca chamaria criaturas como aquelas de rei e rainha.”

“Mas o povo deles chama” , respondeu Curdie.

A princesa fez mais perguntas, e Curdie, enquanto avançavam sossegadamente, deu-lhe um relato completo, não só do caráter e hábitos dos goblins, tanto quanto os conhecia, mas de suas próprias aventuras com eles, desde a noite depois daquela em que ele a tinha encontrado com Lootie na montanha. Depois, pediu que Irene lhe contasse como foi que ela chegou para salvá-lo. Irene também teve de contar a Curdie uma longa história, o que ela fez de modo um tanto vago, interrompida por muitas perguntas sobre coisas que ela não explicara. Mas o relato dela, como ele não acreditou em quase nada dele, deixou tudo tão mal explicado quanto antes, e a ele em grande perturbação, sem saber o que pensar da princesa. Ele não podia acreditar que ela estivesse inventando histórias por inventar, e a única conclusão a que pôde chegar foi que Lootie usara truques com a menina, inventara mentiras sem-fim para assustá-la com algum propósito.

“Mas como Lootie permitiu que você fosse sozinha para as montanhas?” , ele perguntou.

“Lootie não sabe nada sobre isso. Deixei-a dormindo profundamente - pelo menos é o que acho. Espero que minha avó não a deixe cair em apuros, pois não foi culpa dela, de jeito nenhum, como minha avó sabe muito bem.”

“Mas como você pôde achar o caminho e chegar aonde eu estava?” , persistiu Curdie.

“Já lhe contei” , respondeu Irene, “mantendo meu dedo sobre o fio de minha avó, como estou fazendo agora.”

“Você não está querendo dizer que você tem o fio aí?”

“Claro que sim. Já lhe disse isso dez vezes. Eu quase não tirei meu dedo do fio - a não ser enquanto estive removendo as pedras. Veja!” , ela acrescentou, guiando a mão de Curdie para o fio, “sinta-o você mesmo. Está sentindo, não?”

“Não sinto coisa alguma” , respondeu Curdie.

“Então o que há com seu dedo? Eu o sinto perfeitamente. E verdade que

ele é muito fino, e à luz do sol parece o fio de uma teia de aranha, embora tenha sido feito com muitos fios torcidos juntos; apesar disso, não posso imaginar por que você não o sente como eu.”

Curdie era muito educado para dizer que não acreditava em fio algum ali.

“Bem, não posso entender nada disso”, foi o que disse.

“Mas eu posso, e você deve ficar contente, pois servirá para nós ambos.”

“Ainda não saímos daqui”, disse Curdie.

“Logo sairemos”, respondeu Irene com segurança. E agora o fio descia levando a mão de Irene para uma abertura no chão da caverna, de onde vinha um som de água corrente, que, por algum tempo, eles escutaram.

“Agora ele está indo para dentro do chão, Curdie”, ela disse, e parou.

Ele estava prestando atenção em outro som, que seu ouvido experiente já tinha percebido há algum tempo e que tornara-se mais alto. Era o ruído dos mineiros-goblins em seu trabalho, e parecia agora não estar longe. Irene ouviu-o no instante em que parou.

“Que barulho é esse?”, ela perguntou. “Você sabe o que é, Curdie?”

“Sim. São os goblins cavando e cavoucando”, ele respondeu.

“E você não sabe para que fazem isso?”

“Não, não tenho a menor idéia. Você gostaria de vê-los?”, ele perguntou, desejando tentar mais uma vez saber o segredo deles.

“Se meu fio me levar lá, não me incomodaria, mas não desejo vê-los, e não posso abandonar meu fio. Ele me leva para baixo e será melhor irmos imediatamente.”

“Muito bem. Devo ir primeiro?”, disse Curdie.

“Não, é melhor não ir. Você não pode sentir o fio”, ela respondeu, e começou a descer por uma abertura estreita no chão da caverna.

“Oh!”, ela exclamou, “estou na água. É uma correnteza forte, mas não é profunda, e há espaço apenas para andar. Vem depressa, Curdie.”

Ele tentou, mas a abertura era muito pequena para ele.

“Ande um pouquinho mais”, ele disse, colocando a picareta no ombro.

Em pouco tempo abriu um espaço maior e a seguiu; Foram cada vez mais para baixo entre a água corrente. Curdie sentia-se temeroso de que estivessem sendo conduzidos para algum golfo terrível no coração da montanha. Em um ou dois lugares, ele precisou quebrar o rochedo para abrir espaço, mesmo para Irene, pelo menos para que ela pudesse passar sem se machucar. Mas, finalmente, avistaram uma luz fraca e um minuto depois tiveram os olhos ofuscados pela luz brilhante do sol. Levou algum tempo para que a princesa pudesse enxergar bem e descobrir que estavam no jardim, perto do banco no qual ela e seu papai-rei estiveram sentados naquela tarde. Tinham saído pelo canal do pequeno regato. Ela dançou e bateu palmas com alegria.

“Agora, Curdie!”, ela gritou, “você vai acreditar no que lhe contei sobre minha avó e o fio dela?”

Pois ela havia percebido, todo o tempo, que Curdie não tinha acreditado em nada do que ela lhe contara.

“Olhe! você não o vê brilhando diante de nós?”, ela acrescentou.

“Não vejo coisa alguma”, persistiu Curdie.

“Então você deve acreditar sem ver”, disse a princesa, “pois você não pode negar que o fio nos levou para fora da montanha.”

“Não posso negar que estamos fora da montanha, e eu seria realmente muito ingrato se negasse que foi você que me trouxe para fora dela.”

“Eu não poderia ter feito isso se não fosse o fio”, persistiu Irene.

“E essa parte que não entendo.”

“Bem, vamos, e Lootie lhe dará alguma coisa para comer. Tenho certeza de que você precisa muito comer.”

“Preciso mesmo. Mas meu pai e minha mãe devem estar muito preocupados comigo e devo me apressar, primeiro, vou subir para falar com minha mãe e depois vou à mina novamente para contar tudo a meu pai.”

“Muito bem, Curdie, mas você não pode ir sem passar por este caminho, e vou levá-lo por dentro da casa, pois é mais perto.”

Não encontraram ninguém no caminho, pois, certamente, como antes, as pessoas estavam aqui e ali e em toda a parte procurando a princesa. Quando entraram, Irene viu que o fio, como ela mais ou menos esperava, subia a velha escada, e um novo pensamento lhe ocorreu. Voltou-se para Curdie e disse:

“Minha avó me chama. Por favor, venha comigo e você a verá. Então ficará sabendo que só lhe contei a verdade. Venha, para me agradecer, Curdie. Não posso suportar você pensar que o que lhe disse não é verdadeiro.”

“Nunca duvidei de que você acreditava no que me disse”, respondeu Curdie. “Eu somente pensava que você tinha alguma fantasia na cabeça que não estava correta.”

“Mas venha, caro Curdie.”

O pequeno mineiro não podia opor-se a esse apelo, e apesar de sentir-se tímido diante do que lhe pareceu uma enorme casa majestosa, ele cedeu e seguiu-a escada acima.

CAPÍTULO 22

A VELHA SENHORA E CURDIE

Subiram a escada, a seguinte e a seguinte, seguiram pela longa fileira de quartos vazios, depois pegaram a pequena escada da torre. Irene cada vez mais feliz à medida que subia. Não houve resposta quando ela, finalmente, bateu à porta do quarto de trabalho, nem ouviu ruído algum da roca, e mais uma vez seu coração palpitou, mas somente por um momento, pois voltou-se e bateu na outra porta..

“Entre”, respondeu a voz doce de sua avó. E Irene abriu a porta e entrou, seguida por Curdie.

“Você, meu bem!”, exclamou a senhora, que estava sentada junto ao fogo de rosas vermelhas misturadas com brancas. “Estava esperando por você, e deveras já estava um pouco ansiosa começando a pensar se não seria melhor eu mesma ir buscá-la.”

Enquanto falava, tomou a princesa nos braços e sentou-a no seu colo. Estava vestida de branco, e, se isso era possível, ainda mais linda do que nunca.

“Eu trouxe Curdie, vovó. Ele não queria acreditar no que lhe contei e então eu o trouxe.”

“Sim, eu o vejo. Ele é um bom menino, e corajoso. Você não está contente de tê-lo libertado?”

“Sim, vovó. Mas não foi muito delicado da parte dele não acreditar em mim quando eu estava lhe contando a verdade.”

“As pessoas só acreditam no que podem, e aquelas que acreditam mais não devem ser severas com as que acreditam menos. Duvido que você teria acreditado em tudo isso, você mesma, se não tivesse visto.”

“Ah! Suponho que não, vovó. Estou certa de que você tem razão. Mas agora ele acreditará.”

“Não sei”, respondeu sua avó.

“Não vai, Curdie?”, perguntou Irene olhando para ele.

Ele estava em pé no meio do aposento, olhava fixamente e parecia estranhamente confuso. Isso, pensou a princesa, é por causa da sua admiração pela beleza da senhora.

“Cumprimente minha avó, Curdie”, ela disse.

“Não vejo nenhuma avó”, respondeu Curdie um tanto asperamente.

“Não está vendo minha avó comigo sentada no colo dela?”, exclamou a princesa.

“Não, não estou”, reiterou Curdie, num tom ofendido.

“Você não está vendo o lindo fogo de rosas, com algumas brancas no meio delas desta vez?”, perguntou Irene, quase tão confusa como ele.

“Não, não vejo”, respondeu meio zangado Curdie.

“Nem a cama azul? Nem a colcha cor-de-rosa? Nem a linda lâmpada, como a lua, pendendo do teto?”

“Vossa Alteza Real está caçoando de mim, e depois do que passamos juntos neste dia não acho gentil de sua parte”, disse Curdie sentindo-se muito ofendido.

“Então o que é que você vê?”, perguntou Irene, que percebeu imediatamente que não acreditar nele era desagradável para ela tanto quanto era para ele não acreditar nela.

“Eu vejo um quarto no sótão, grande e vazio, como aquele na casa de minha mãe, só que bastante grande para caber a própria casa e ainda sobrar um bom espaço em torno”, respondeu Curdie.

“E o que mais você vê?”

“Vejo uma banheira e um monte de palha mofada, uma maçã murcha e um raio de sol entrando por uma abertura no meio do telhado e brilhando sobre sua cabeça e fazendo todo esse lugar parecer de uma cor marrom esquisita e sombria. Penso que seria melhor para você, princesa, desistir disso e descer para o seu quarto como uma boa menina.”

“Mas você não ouve minha avó falando comigo?”, perguntou Irene quase chorando.

“Não, eu ouço o arrulhar de uma porção de pombos. Se você não quiser descer, irei sem você. Penso que será melhor de qualquer forma, pois tenho certeza de que ninguém acreditaria numa só palavra nossa. Pensarão que inventamos tudo isso. Não espero que alguém acredite em mim, a não ser meu pai e minha mãe. Eles sabem que eu nunca contaria uma mentira.”

“E, apesar disso, você não acredita em mim, Curdie?”, repreendeu a princesa, agora chorando muito de desgosto e tristeza pelo abismo que havia entre ela e Curdie.

“Não, eu não posso, e não consigo evitá-lo”, disse Curdie, virando-se para sair do quarto.

“O que farei, vovó?”, soluçou a princesa, voltando o rosto para o peito da senhora e tremendo com os soluços reprimidos.

“Você precisa dar-lhe tempo”, disse-lhe a avó, “e deve contentar-se com o fato de ele não acreditar em você por ora. E muito difícil suportar, mas eu tive de suportá-lo e terei de suportar isso muitas vezes ainda. Vou cuidar de ver o que Curdie pensa de você afinal. Você deve deixá-lo ir agora.”

“Você não vem, não é?”, perguntou Curdie.

“Não, Curdie, minha avó diz que devo deixar você ir. Vire à direita depois de descer todas as escadas e chegará ao salão onde fica a porta grande.”

“Oh! não duvido que encontrarei meu caminho - sem você, princesa, sem o fio de sua avó também”. Disse Curdie bem asperamente.

“Oh! Curdie! Curdie!”

“Querida ter ido direto para casa. Sou-lhe muito agradecido, Irene, por tirar-me daquele antro, mas desejaria que você não me tivesse feito de bobo depois.”

Ele disse isso enquanto abria a porta, que deixou aberta, e sem mais palavra desceu a escada. Irene ouviu angustiada seus passos. Voltou-se então novamente para a senhora.

“O que significa tudo isso, vovó?”, ela soluçou, e debulhou-se em lágrimas.

“Significa, meu amor, que eu não tive a intenção de me mostrar. Curdie ainda não tem capacidade de acreditar em algumas coisas. Ver não é acreditar - é apenas ver. Você se lembra que eu lhe contei que, se Lootie me visse, ela esfregaria os olhos, esqueceria metade do que viu e chamaria a outra metade de bobagem?”

“Sim, mas eu pensava que Curdie...”

“Você tem razão. Curdie é bem mais adiantado do que Lootie, e você verá qual vai ser o resultado. Mas, nesse meio tempo você deve se contentar, me escute, em não ser compreendida por enquanto. Somos todos muito ansiosos de ser compreendidos, e é muito difícil quando isso não acontece. Mas há algo muito mais necessário.

“O que é, vovó?”

Compreender outras pessoas.”

“Sim, vovó, devo ser justa, pois, se não for justa com outras pessoas, não serei digna de que me compreendam. Estou entendendo. Então, se Curdie não pode evitá-lo, não ficarei aborrecida com ele, apenas esperarei.”

“Essa é a minha querida criança”, disse a avó, e apertou-a mais fortemente em seu peito.

“Por que a senhora não estava em seu quarto de trabalho quando subimos, vovó?”, perguntou Irene após alguns minutos de silêncio.

“Se eu estivesse lá, Curdie me teria visto muito bem. Mas por que eu estaria lá e não no meu lindo quarto?”

“Pensei que a senhora estava fiando.”

“No momento, não tenho ninguém para quem fiar. Nunca trabalho sem saber para quem estou fiando.”

“Isto me faz lembrar - há uma coisa que está me intrigando”, disse a princesa, “como a senhora vai fazer paia retirar o fio da montanha? Certamente, a senhora não terá de fazer outro para mim. Seria tanto trabalho!”

A senhora colocou-a no chão, levantou-se e foi até o fogo. Levou a mão ao fogo e quando a retirou segurava a bola luminosa entre o indicador e o polegar.

“Está aqui agora, veja”, ela disse, voltando-se para a princesa, “prontinho para você, quando precisar”, e, dirigindo-se ao armário, guardou-a na mesma gaveta de antes.

“E aqui está seu anel”, ela acrescentou, tirando-o do dedo mínimo da mão esquerda e colocando-o no dedo indicador da mão direita de Irene.

“Oh, vovó, muito obrigada! Sinto-me tão segura agora!”

“Você está muito cansada, meu bem”, a senhora continuou. Suas mãos estão machucadas pelas pedras, e eu já contei nove ferimentos. Veja só sua aparência.”

Ela segurou na frente de Irene um pequeno espelho que trouxera do armário. A princesa deu uma risada alegre ao olhar-se. Estava tão enlameada e tão suja com o rastejamento pelo riacho e lugares estreitos, que se tivesse visto o reflexo sem saber que era um reflexo, pensaria que era uma criança cigana que lavava o rosto e penteava o cabelo somente uma vez por mês. A senhora riu-se também e, levantando a menina sobre seus joelhos, tirou-lhe a capa e a camisola de dormir. Carregou-a em seguida para a lateral do quarto. Irene ficou imaginando o que sua avó faria com ela, mas não fez perguntas - só estremeceu um pouco quando viu que sua avó ia colocá-la na grande banheira de prata, pois quando ela olhou para dentro dela, não viu o fundo, mas as estrelas brilhando a quilômetros de distância, como lhe pareceu, num grande golfo azul. Suas mãos apertaram involuntariamente os lindos braços que a seguravam. E foi só isso.

A senhora apertou-a mais uma vez contra o peito, e disse:

“Não tenha receio, meu bem.”

“Não vovó”, respondeu a princesa com um pequeno suspiro, e no instante seguinte, imergiu na água fresca e cristalina.

Ao abrir os olhos, nada viu além de um lindo e estranho azul em cima, embaixo e ao redor. A senhora e o quarto encantador tinham desaparecido de sua visão, e ela parecia estar absolutamente sozinha. Porém, em vez de ter medo, sentiu-se mais do que feliz — completamente bem-aventurada. E de algum lugar, ouviu a voz da senhora entoando uma doce e estranha canção, cujas palavras ela distinguia claramente, mas só tinha uma intuição do significado. Nem conseguia lembrar-se de uma única linha depois que terminou. Desapareceram, como a poesia num sonho, tão depressa como surgiram. Anos depois, contudo, ela algumas vezes imaginaria que os fragmentos musicais que lhe vinham repentinamente à memória deveriam ser pequenos trechos da melodia daquela canção; e a própria fantasia a tornaria mais feliz e mais capaz de cumprir seu dever.

Quanto tempo permaneceu na água, ela não soube. Parecia um longo tempo — não cansativo, mas prazeroso. Porém, finalmente, sentiu que as belas

mãos a tiravam da água gorgolejante e a levavam para o lindo quarto. A senhora a levou para junto do fogo, sentou-se com ela no colo e enxugou-a delicadamente com a toalha mais macia. Era tão diferente do que Lottie fazia. Quando a senhora terminou, curvou-se para o fogo e retirou de lá a camisola da menina, alva como a neve.

“Que delícia!”, exclamou a princesa. “Tem o perfume de todas as rosas do mundo, eu acho.”

Quando se pôs em pé, sentiu-se totalmente refeita. Cada ferimento e todo o cansaço tinham desaparecido e suas mãos estavam macias e sãs como sempre.

“Agora vou levar você para a cama, e um bom sono”, disse sua avó.

“Mas o que Lottie estará pensando? E o que direi a ela quando ela me perguntar onde estive?”

“Não se preocupe com isso. Você verá que tudo vai dar certo”, disse-lhe a avó. Deitou-a na cama azul e a cobriu com a colcha cor-de-rosa.

“Só há mais uma coisa”, disse Irene. “Estou um pouco preocupada com Curdie. Como eu o trouxe para dentro, eu deveria tê-lo acompanhado e vê-lo tomar sem problemas o caminho de casa.”

“Cuidei de tudo isso”, respondeu a senhora. “Eu disse a você para deixá-lo ir, e portanto era minha obrigação tomar conta dele. Ninguém o viu, e ele agora está tomando uma boa refeição em casa lá no alto da montanha.”

“Então, vou dormir”, disse Irene, e em poucos minutos dormia profundamente.

CAPÍTULO 23

CURDIE E SUA MÃE

Curdie subiu a montanha, sem assobiar nem cantar. Estava aborrecido com Irene, pois, assim ele pensava, ela tinha caçoado dele. Também estava aborrecido consigo próprio por ter falado com ela de modo tão zangado. Sua mãe gritou de alegria ao vê-lo, e imediatamente começou a preparar-lhe alguma coisa para comer. Fazia -lhe perguntas o tempo todo, que ele respondia sem a animação habitual. Quando a refeição ficou pronta, ela o deixou comendo e foi à mina para dar a nova ao pai de que ele estava são e salvo. Encontrou-o na cama dela em sono profundo quando voltou; ele só acordou quando seu pai chegou à noite.

“Agora, Curdie”, disse sua mãe quando sentaram para o jantar, “contenós toda a história, do começo ao fim, justamente como tudo aconteceu.”

Curdie obedeceu e contou-lhes tudo que aconteceu até a parte em que saíram no gramado do jardim da casa do rei.

“E o que aconteceu depois disso?”, perguntou-lhe a mãe. “Você não nos contou tudo. Deveria sentir-se muito feliz por ter escapado daqueles demônios, e, ao invés disso, nunca vi você tão carrancudo. Deve haver mais alguma coisa. Além disso, você não fala daquela linda menina do modo como eu gostaria de ouvir. Ela salvou sua vida arriscando a dela própria, e, apesar disso, você parece não dar muita importância.”

“Ela disse tantas bobagens!”, respondeu Curdie, “e me contou um monte de lorotas que não eram nada verdade, e eu não posso me conformar com isso.”

“Que bobagens eram essas?”, perguntou o pai. “Acho que sua mãe poderá explicá-las.”

Curdie, então, contou tudo abertamente.

Todos ficaram silenciosos algum tempo refletindo sobre a estranha história.

Finalmente, a mãe de Curdie falou:

“Você confessa, meu filho”, ela disse, “que há alguma coisa nesse caso todo que você não compreende?”

“Sim, decerto, mamãe”, ele respondeu. “Não consigo entender como uma menina que nada conhece sobre a montanha, nem que eu estava preso ali, pôde vir por todo aquele caminho sozinha, direto onde eu estava, e ainda depois de me tirar daquela câmara, me conduzir para fora da montanha por passagens que eu sequer conhecia um passo e como se estivesse tão claro quanto ao ar livre.”

“Então, você não tem o direito de dizer que aquilo que ela lhe contou não é

verdade. Ela tirou você de lá e devia ter alguma coisa que a guiava; por que não um fio, uma corda, ou qualquer outra coisa? Há nisso algo que você não pode explicar, e a explicação dela pode ser a verdadeira.”

“Não é explicação, mãe, e eu não posso acreditar.”

“Isso lhe parece assim apenas porque você não compreende. Se compreendesse, talvez veria que era uma explicação e acreditaria inteiramente. Eu não culpo você por não conseguir acreditar, mas culpo, sim, por pensar que essa menina tentaria enganá-lo. Por que ela faria isso? Pode confiar, ela lhe contou tudo que sabia. Até encontrar um melhor meio de explicar tudo isso, você poderia pelo menos ser mais indulgente em seu julgamento.”

“É justamente alguma coisa dentro de mim que vem dizendo isso o tempo todo”, disse Curdie abaixando a cabeça. “Mas o que acham da avó? E com isso que não posso me conformar. Levar-me para um velho sótão e tentar me convencer, apesar do que meus próprios olhos viam, de que era um lindo quarto, de paredes azuis com estrelas prateadas e uma infinidade de coisas quando não havia nada lá, a não ser uma banheira velha e uma maçã murcha, um monte de palha e um raio de sol! E era tão feio lá! Ela poderia ter ali alguma velha pelo menos que se fizesse passar pela preciosa avó dela!”

“Ela não falou como se ela visse aquelas outras coisas, ela mesma, Curdie?”

“Sim. E isso que me intriga. Podia se pensar que ela realmente acreditava que via cada uma das coisas de que falava. E nenhuma delas ali! Digo-lhes que foi muito desagradável.”

“Talvez algumas pessoas consigam enxergar coisas que outras não podem ver, Curdie”, disse sua mãe gravemente. “Estou pensando em contar-lhe alguma coisa que eu própria vi uma vez, só que talvez você não acredite em mim também!”

“Oh, mamãe, mamãe!”, gritou Curdie debulhando-se em lágrimas. “Com certeza, não mereço isso!”

“Mas o que vou dizer-lhe é muito estranho”, persistiu a mãe; “e se depois de me ouvir, você disser que eu devia estar sonhando, não estou certa de que eu terei algum direito de ficar aborrecida com você, embora eu saiba que eu não estava dormindo.”

“Conte-me, mamãe. Talvez isso me ajude a ter uma opinião melhor da princesa.”

“É por isso que me sinto tentada a contar-lhe”, respondeu a mãe. “Mas, primeiro, é melhor dizer que, de acordo com boatos antigos, há alguma coisa não muito comum na família do rei. A rainha e ele eram do mesmo sangue, pois eram primos num grau qualquer. Contavam-se casos estranhos sobre eles - todos boas histórias, mas estranhas, muito estranhas. O que eram, não sei dizer, pois só me lembro da fisionomia de minha avó e de minha mãe quando conversavam sobre isso. Havia espanto e reverência, não temor, nos olhos delas. E sempre

falavam baixo, nunca em voz alta. Mas o que eu própria vi foi isso: seu pai estava trabalhando na mina uma noite, e tui até lá levar-lhe o jantar. Foi logo depois que nos casamos e não muito antes de você nascer. Ele me acompanhou até a boca da mina e me deixou voltar sozinha para casa, pois eu conhecia o caminho tão bem como o chão da nossa casa. Estava muito escuro e mais escuro ainda nos trechos da estrada onde os rochedos se projetavam. Mas eu ia bem, nem pensava em medo, até alcançar um lugar que você conhece bem, Curdie, onde o caminho faz uma curva fechada e desemboca naquele ponto onde há um grande rochedo do lado esquerdo. Ao chegar ali, fui rodeada repentinamente por cerca de meia dúzia de goblins, os primeiros que vi na minha vida, embora ouvisse falar deles sempre. Um deles bloqueou o caminho, e todos começaram a me atormentar e a me provocar de uma maneira que ainda hoje, só de pensar, me causa arrepios.”

“Se ao menos eu estivesse com você!”, exclamaram pai e filho juntos.

A mãe sorriu divertida, e continuou:

“Algumas de suas horríveis criaturas estavam com eles também, e devo confessar que fiquei terrivelmente assustada. Eles rasgaram bastante minhas roupas; tive medo de que me fizessem em pedaços, mas repentinamente uma grande luz branca e suave iluminou-me. Olhei para o alto. Um raio largo de luz, como uma estrada brilhante, desceu de um grande globo de luz prateada, não muito alto, na verdade estava na altura da linha do horizonte, de modo que não poderia ser uma nova estrela, ou uma outra lua, ou qualquer coisa desse tipo. As criaturas pararam de me perseguir, pareciam tontas. Eu pensei que iam fugir, mas logo começaram novamente. No mesmo instante, porém, apareceu descendo pelo caminho do globo de luz um pássaro brilhante como prata ao sol. Bateu um pouco as asas, e depois, com elas completamente estendidas, disparou planando pela rampa de luz.”

“Pareceu-me exatamente uma pomba branca. Mas fosse o que fosse, quando os goblins o viram descer diretamente sobre eles, começaram a correr e se espalharam pela montanha. Deixaram-me sã e salva, somente muito assustada. Logo que os fez debandar, o pássaro subiu novamente para a luz, e no momento que a alcançou, o globo iluminado desapareceu exatamente como se a veneziana de uma janela se tivesse fechado, e não o avistei mais.”

“Mas não fui mais molestada pelos goblins naquela noite, nem depois.”

“Que estranho!”, exclamou Curdie.

“Sim, foi estranho, mas não posso deixar de acreditar nisso, quer você queira quer não”, disse a mãe.

“É exatamente como sua mãe me contou logo na manhã seguinte”, disse o pai.

“Não está pensando que duvido de minha mãe?”, gritou Curdie.

“Há outras pessoas no mundo tão perfeitamente dignas de crédito quanto sua mãe”, disse ela a Curdie. “Não sei se o fato de ser sua mãe me faz mais

digna de sua confiança, Sr. Curdie. Há mães que provavelmente sejam mais capazes de dizer mentiras do que essa menina, a quem vi conversando com as primulas algumas semanas atrás. Se ela fosse mentirosa, eu começaria a duvidar de minha própria palavra.”

“Mas princesas dizem mentiras, como também outras pessoas”, disse Curdie.

“Sim, mas não princesas como aquela criança. Tenho certeza de que ela é uma boa menina, e isto é mais do que ser uma princesa. Pode estar certo de que você se arrependeu de se ter comportado assim com ela, Curdie. Você deveria, pelo menos, ter seguido sua língua.”

“Estou muito arrependido agora”, respondeu Curdie.

“Você deveria procurá-la e dizer-lhe isso, então.”

“Não vejo como vou poder fazer isso. Não deixariam um garoto mineiro como eu falar com ela sozinha, e eu nada poderia dizer-lhe diante daquela aia dela. A aia faria tantas perguntas, e não sei quantas a princesa gostaria que eu respondesse. Ela me contou que Lootie não sabia nada de sua saída de casa para me tirar da montanha. A aia a teria impedido de algum jeito se soubesse, tenho certeza. Mas eu posso ter uma oportunidade que não vai demorar, e nesse meio tempo devo tentar fazer alguma coisa por ela. Acho, papai, que finalmente encontrei um jeito.”

“Você encontrou mesmo, meu filho?”, disse Peter. “Você merece ser bem-sucedido, tenho certeza, pois trabalhou duro por isso. O que você descobriu?”

“Você sabe, papai, que é difícil dentro da montanha, principalmente no escuro e sem saber que caminho tomar, conhecer a posição das coisas do lado de fora.”

“Impossível, meu filho, sem um mapa ou pelo menos uma bússola”, respondeu o pai.

“Penso que descobri a direção onde os goblins estão mineirando. Se eu estiver certo, sei de alguma coisa mais que posso acrescentar a essa, e então um mais um serão três.”

“Muitas vezes é, Curdie, e nós, mineiros, deveríamos estar bem cientes. Agora, diga-nos, meu filho, quais são as duas coisas, e veja se podemos adivinhar a terceira, como você.”

“Não vejo o que isso tem a ver com a princesa”, interveio a mãe.

“Logo verá que tem, mamãe. Talvez, você pode achar que sou bobo, mas até eu estar certo de que não é fantasia minha, estou mais decidido do que nunca a continuar com minhas pesquisas. Assim que chegamos ao canal por onde saímos, ouvi os goblins trabalhando em algum lugar próximo — penso que num ponto abaixo de nós. Desde que comecei a vigiá-los, eles escavaram uns bons oitocentos metros numa linha reta, e até onde sei eles não estão trabalhando em nenhum outro ponto da montanha. Mas nunca consegui saber em que direção

eles iam. E quando saímos no jardim do rei, pensei na mesma hora que era possível estarem cavando na direção da casa do rei, e o que quero fazer esta noite é ver se estão ou não. Levarei uma lâmpada comigo.”

“Oh, Curdie”, gritou a mãe, “então eles o verão.”

“Não tenho mais medo deles agora”, retorquiu, “agora que tenho este precioso sapato. Eles não conseguirão fazer outro igual tão depressa, e um pé descalço servirá para meu propósito. Apesar de ser uma mulher, não a pouparei da próxima vez. Mas terei cuidado com minha lâmpada, pois não quero que me vejam. Não a levarei na cabeça.

“Continue então e diga-nos o que pretende fazer.”

“Pretendo levar comigo um pedaço de papel e um lápis, e entrar pela boca do regato onde saímos. Marcarei no papel, o mais exatamente que puder, o ângulo de cada volta que eu fizer, até encontrar os goblins trabalhando, e então ter uma boa idéia da direção em que estão indo. Se for quase paralela ao regato, saberei que é na direção da casa do rei que estão trabalhando.”

“E se souber? Ficaré mais bem informado?”

“Espere um minuto, querida mamãe. Eu lhe disse que quando eu surpreendi a família real na caverna, estavam falando de casarem o príncipe deles - Lábio Leporino, eles o chamaram - com uma mulher do sol, isto quer dizer uma como nós — com dedos nos pés. Ora, num discurso que um deles fez aquela noite com todos reunidos, e do qual só ouvi uma parte, ele disse que a paz estaria assegurada por uma geração, no mínimo, pelo compromisso que o príncipe assumiria, em vista do bom comportamento dos parentes dela, foi isso o que ele disse, e ele devia estar se referindo à mulher do sol com quem o príncipe casaria. Tenho plena certeza de que o rei é orgulhoso demais para desejar que seu filho se case com outra que não uma princesa, e astuto demais para perceber que seria de pouca vantagem para eles o filho ter uma mulher camponesa por esposa.”

“Compreendo agora aonde você vai chegar”, disse a mãe.

“Mas”, disse o pai, “nosso rei arrasaria a montanha antes de permitir que sua princesa seja esposa de um goblin, mesmo que seja dez vezes um príncipe.”

“Sim, mas eles se têm em tão alta conta!”, disse a mãe. “Criaturas pequenas são sempre assim. O frangote é o galo mais orgulhoso no meu pequeno quintal.”

“E eu imagino”, disse Curdie, “se eles a apanharem, dirão ao rei que a matarão a menos que ele consinta no casamento.”

“Eles poderiam dizer isso”, replicou o pai, “mas não a matariam; eles a manteriam viva por causa do poder que lhes daria sobre nosso rei. Tudo quanto ele lhes fizesse, os goblins ameaçariam fazer o mesmo à princesa.”

“E seriam cruéis o bastante para atormentá-la só por divertimento. Eu sei disso”, falou a mãe.

“De qualquer modo, manterei vigilância e verei o que planejam”, disse Curdie. “É horrível demais pensar nisso. Não consigo nem imaginar uma coisa dessas. Mas eles não a terão, pelo menos se depender de mim. Assim, querida mamãe - minha pista está certa — me arranja um pedaço de papel, um lápis e um pouco de purê de ervilhas, e partirei imediatamente. Sei de um lugar onde posso pular o muro do jardim bem facilmente.”

“Tome cuidado e fique fora do caminho dos guardas”, disse a mãe.

“Farei isso. Não quero que eles saibam coisa alguma sobre esse assunto. Eles estragariam tudo. Os goblins então tentariam algum outro plano — são criaturas tão obstinadas! Vou tomar muito cuidado, mamãe. Eles não vão me matar nem me comer se me surpreenderem. Por isso, você não precisa se importar com eles.”

Sua mãe lhe arranjou o que ele pedira e Curdie partiu. Perto da porta por onde a princesa saía do jardim para a montanha havia um grande rochedo. Subindo por ali, Curdie pulou o muro. Amarrou seu fio a uma pedra dentro do regato e levou a picareta consigo. Não tinha ido longe, quando encontrou uma criatura horrorosa vindo em direção à saída do canal. O lugar era estreito demais para dois seja de que tamanho fosse, e, além disso, Curdie não queria deixar a criatura passar. Apesar de não poder usar a picareta, travou uma luta tremenda com o monstro, e somente depois de ter levado muitas mordidas, algumas delas severas, é que conseguiu matá-lo com seu canivete. Arrastou-o para fora e apressou-se antes de algum outro impedir-lhe a passagem.

Não é necessário segui-lo adiante em suas aventuras noturnas. Ele retornou para o café da manhã depois de confirmar que os goblins estavam cavando na direção do palácio — num nível tão baixo, que deviam ter a intenção, Curdie pensou, de cavar abaixo das paredes e sair dentro da casa a fim de, ele acreditava inteiramente, apanhar a princesa e levá-la como esposa do horrível Lábio Leporino.

CAPÍTULO 24

IRENE SE COMPORTA COMO UMA PRINCESA



Quando a princesa despertou do mais doce dos sonhos, viu sua aia debruçada sobre ela, a governanta olhando por cima do ombro da aia e a lavadeira olhando por cima do da governanta. O quarto estava cheio de criadas, e os guardas, seguidos de uma longa fileira de criados, estavam espiando ou tentando espiar dentro do quarto pela porta.

“Aqueles criaturas horrorosas se foram?”, perguntou a princesa, lembrando-se primeiro do que a tinha aterrorizado de manhã.

“Que princesa desobediente, desobediente!”, gritou Lottie.

O rosto dela estava muito pálido, com estrias vermelhas, e parecia que ela

ia sacudir a princesa, mas Irene nada disse, apenas esperou o que ouviria em seguida.

“Como você pôde ir para debaixo das cobertas desse jeito e nos fazer imaginar que você se tinha perdido! E ainda se manter assim o dia todo! Você é uma criança muito obstinada! Pode ser tudo, menos divertimento para nós, posso garantir-lhe!”

Era a única maneira que a aia tinha para explicar o desaparecimento da princesa.

“Eu não fiz isso, Lootie”, disse Irene bem baixinho.

“Não me conte mentiras!”, gritou a aia bem grosseiramente.

“Não lhe contarei nada”, disse Irene.

“Tanto pior”, respondeu a aia.

“E tão ruim não dizer nada quanto dizer mentiras?”, indagou a princesa. “Perguntarei ao meu papai sobre isso. Ele não dirá a mesma coisa. E eu não creio que ele goste que você diga isso.”

“Conte-me imediatamente o que você quer dizer com isso!”, gritou a aia meio desnorteadada de raiva da princesa e assustada com as possíveis consequências para si própria.

“Quando eu lhe digo a verdade, Lootie”, falou a princesa, que não estava absolutamente zangada, “você me diz ‘não diga mentiras’: parece que devo dizer mentiras para você acreditar em mim.”

“Você é muito mal-educada, princesa”, disse a aia.

“Você é tão grosseira, Lootie, que deixarei de falar com você até se arrepende. Por que eu deveria contar-lhe alguma coisa se sei que você não acreditará em mim?”, respondeu a princesa.

Pois ela sabia muito bem que se contasse a Lootie o que tinha acontecido, por mais que dissesse menos a aia acreditaria.

“Você é a criança mais irritante que já vi!”, gritou a aia. “Você merece ser bem castigada por seu mau comportamento.”

“Por favor, senhora governanta”, disse a princesa, “pode me levar para o seu quarto e me deixar ficar lá até meu papai-rei chegar? Vou pedir-lhe que venha logo que puder.”

Todos arregalaram os olhos quando ouviram essas palavras. Até então tinham-na considerado pouco mais do que um bebê.

Mas a governanta teve receio da aia e procurou emendar a situação:

“Estou certa, princesa, de que a aia não teve intenção de ser grosseira com você.”

“Não acho que meu papai deseje para mim uma aia que fale comigo como Lootie. Se ela pensa que digo mentiras, é melhor que conte isso ao meu papai ou então que vá embora. Sir Walter, pode fazer o favor de cuidar de

mim?”

“Cora o máximo prazer, princesa”, respondeu o capitão dos guardas entrando com passos largos no quarto. Os criados abriram-lhe caminho e ele se inclinou diante da cama da princesa. “Enviarei já meu criado no cavalo mais veloz do estábulo para dizer ao seu papai-rei que Vossa Alteza Real quer sua presença. Quando Vossa Alteza tiver escolhido um desses criados menores para atendê-la, ordenarei que deixem o quarto.”

“Muito obrigada, Sir Walter”, disse a princesa, e seus olhos pousaram em uma mocinha de faces coradas, que tinha vindo recentemente trabalhar na casa como lavadeira de pratos.

Mas quando Lootie viu os olhos de sua querida princesa procurando uma outra em vez dela, caiu de joelhos ao lado da cama e irrompeu em gritos de desespero.

“Penso, Sir Walter”, disse a princesa, “que mantereí Lootie. Mas coloque-me aos seus cuidados, e o senhor não precisa incomodar meu papai-rei até eu lhe falar novamente. Vocês todos podem fazer o favor de se retirar? Estou perfeitamente bem e sem problemas, e não me escondi para me divertir ou para preocupar meu povo. Lootie, peça-lhe o favor de me vestir.”

CAPÍTULO 25

CURDIE FRACASSA



Tudo esteve tranquilo por algum tempo. O rei ainda estava longe, numa parte distante de seus domínios. Os guardas continuavam a vigiar a casa. Eles tinham ficado muito espantados quando encontraram ao pé do rochedo no jardim o corpo da horrível criatura dos goblins que Curdie matara, mas chegaram à conclusão de que tinha sido atacada nas minas e se arrastara até lá pra morrer; e a não ser pela aparição ocasional de alguma criatura viva, nada viram que causasse alarme. Curdie continuou vigiando na montanha, e os goblins continuaram a cavar mais fundo na terra. Enquanto iam mais fundo, Curdie julgava não haver perigo imediato.

Para Irene, o verão era tão cheio de prazer como sempre, e por um longo tempo não viu sua avó, embora sempre pensasse nela durante o dia e sonhasse

com ela muitas vezes à noite. Os cabritinhos e as flores lhe davam como sempre muita alegria, e ela fez amizade com as crianças dos mineiros que encontrava na montanha, tantas quantas Lottie permitiria; mas Lottie tinha idéias muito tolas sobre a dignidade de uma princesa. Não compreendia que a princesa mais verdadeira é exatamente aquela que mais ama todos os seus irmãos e irmãs, e a que é mais capaz de fazer-lhes bem e ser humilde com eles. Ao mesmo tempo, Lottie mudara consideravelmente para melhor seu comportamento com a princesa. Ela não pôde deixar de ver que ela não era mais uma mera criança e que era mais sábia do que sua idade permitia. Mesmo assim, Lottie continuava a cochichar bobagens com os criados - algumas vezes dizia que a princesa não estava muito certa da cabeça, outras que ela era boa demais para essa vida e outras tolices do mesmo tipo.

Durante todo esse tempo, Curdie teve de lamentar-se sem uma oportunidade de confessar que ele tinha se comportado tão indelicadamente com a princesa. Isto talvez o tenha tornado mais diligente em seus empenhos de servi-la. Sua mãe e ele falavam sempre sobre o assunto. Ela o confortava e lhe dizia estar certa de que algum dia ele teria a oportunidade que tanto desejava.

Aqui, gostaria de observar, em consideração aos príncipes e princesas em geral, que é uma coisa baixa e desprezível recusar-se a confessar uma falta, ou até um erro. Se uma verdadeira princesa faz algo errado, ela se sente o tempo todo desassossegada até que tenha tido oportunidade de se livrar do erro dizendo: “Eu fiz isso; desejaria que não o tivesse feito; e lamento por tê-lo feito”. Portanto, você vê que há algum fundamento para supor que Curdie não era somente um mineiro, mas também um príncipe. Muitos exemplos semelhantes são conhecidos na história do mundo.

Por fim, ele começou a ver sinais de mudança no trabalho dos escavadores goblins: eles não estavam mais cavando para o fundo, tinham começado a avançar num nível horizontal; portanto, vigiava-os agora mais atentamente. Unia noite, chegando à rampa de um rochedo muito duro, eles começaram a subir por sua superfície. Alcançaram o topo e prosseguiram novamente na horizontal por uma ou duas noites, após o que começaram a subir de novo, e depois se mantiveram num ângulo bem íngreme. Curdie julgou que era tempo de transferir suas observações para um outro local, e na noite seguinte nem foi para a mina; deixou sua picareta e cordão em casa, levou somente suas porções costumeiras de pão e purê de ervilhas e desceu a montanha na direção da casa do rei. Pulou o muro e permaneceu no jardim a noite inteira arrastando-se de quatro de um lugar para o outro ou esticando-se com o ouvido no chão para escutar. Mas ele nada ouviu, exceto os passos dos guardas andando por ali, cujos olhares, estando a noite nublada e sem lua, ele não teve dificuldade para evitar. Por várias noites seguintes, ele continuou a frequentar o jardim e a escutar, mas sem êxito.

Por fim, no início de uma noite sua vigilância chegou repentinamente ao fim, ou porque tinha se descuidado de sua própria segurança, ou porque a luz da lua crescente tinha se tornado bastante clara para expô-lo. Curdie se rastejava

atrás do rochedo onde o regato desaguava, pois estava prestando atenção ao redor na esperança de ouvir alguma indicação do paradeiro dos goblins mineiros, quando, ao chegar ao gramado bem à luz do luar, um zumbido em seu ouvido e um golpe em sua perna o assustaram. No mesmo instante ele se agachou na esperança de se esquivar sem ser notado. Porém, quando ouviu o som de pés correndo, pulou para cima a fim de aproveitar a oportunidade de escapar. Caiu, porém, com uma dor aguda, pois uma flecha tinha atingido sua perna e o sangue escorria. Foi instantaneamente apanhado por dois ou três dos guardas. Era inútil lutar e ele se entregou em silêncio.

“É um menino!”, gritaram vários deles juntos com surpresa. “Pensei que fosse um daqueles demônios.”

“O que você está fazendo aqui?”

“Ao que parece, recebendo um pouco de maus-tratos”, disse Curdie rindo quando os homens o sacudiram.

“Insolência não lhe adiantará. Você nada tem a fazer aqui nos domínios do rei e se não der um relato verdadeiro de si próprio, terá o mesmo destino de um ladrão.”

“Ora, o que mais ele poderia ser?”, falou outro.

“Ele pode estar procurando um cabrito perdido, você sabe”, sugeriu um terceiro.

“Não acho nada proveitoso tentar desculpá-lo. Seja como for, ele nada tem a fazer aqui.”

“Por favor, deixem-me ir embora então”, disse Curdie.

“Mas nós não vamos fazer-lhe um favor, a menos que nos dê uma boa explicação.”

“Não estou bem certo se posso confiar nos senhores”, respondeu Curdie.

“Nós somos os guardas do rei”, respondeu o capitão amigavelmente, pois ficara bem impressionado com a aparência e coragem de Curdie.

“Bem, vou contar-lhes tudo se prometerem me ouvir e não agirem sem pensar.”

“Isso é o que eu chamo arrogância!”, disse rindo alguém do grupo. “Ele nos contará qual foi sua travessura se prometermos fazer o que lhe agradar.”

“Eu não estava fazendo travessuras”, disse Curdie.

Mas antes que pudesse dizer algo mais, sentiu-se fraco e caiu sem sentidos na grama. Foi então que descobriram que a flecha que dispararam contra ele o tinha ferido. Levaram-no para dentro da casa e o deitaram no salão. Espalhou-se a notícia de que tinham apanhado um ladrão e os criados se amontoaram ali para ver o vilão. Com os demais chegou a aia. Assim que ela o viu, exclamou indignada:

“É o mesmo jovem mineiro imprestável que foi grosseiro comigo e com a princesa na montanha. Ele verdadeiramente quis beijar a princesa. Eu fiquei de olho - o patife! E ele estava rondando por aqui, não estava? Bem próprio ao seu atrevimento!”

Estando a princesa profundamente adormecida, ela pôde deturpar os fatos à vontade.

Ao ouvir isso, o capitão, embora duvidasse bastante que fosse verdade, resolveu manter Curdie prisioneiro até poder averiguar o caso. Portanto, depois de fazê-lo melhorar um pouco e tratar-lhe o ferimento, que era um tanto profundo, eles o deitaram, ainda exausto pela perda de sangue, num colchão em um quarto que não era usado – um daqueles já bastante mencionados — trancaram a porta e o deixaram. Ele passou uma noite agitada e pela manhã o encontraram delirando. Ao anoitecer, ele se recuperou, mas sentia-se muito fraco e sua perna doía excessivamente. Tentou descobrir onde estava e, vendo um dos guardas no quarto, começou a fazer-lhe perguntas, e logo se lembrou dos acontecimentos da noite passada. Como não podia mais continuar vigiando, Curdie contou ao soldado tudo o que sabia sobre os goblins e pediu-lhe que informasse seus companheiros e os levasse a ficar de atalaia com uma vigilância dez vezes maior; mas, fosse pelo fato de não ter falado com coerência, ou porque a coisa toda parecia inacreditável, o homem concluiu que Curdie ainda estava delirando e tentou persuadi-lo a ficar quieto. Isto, naturalmente, deixou Curdie terrivelmente aborrecido, que, por sua vez, agora sentia o que era não ser levado a sério, e a consequência foi que a febre retornou, e na ocasião em que, por suas persistentes solicitações, o capitão foi chamado, não pôde haver dúvida de que ele estava delirando. Fizeram o que era possível por ele, prometeram-lhe tudo o que queria, mas sem intenção de cumprir. Por fim, ele adormeceu, e quando finalmente seu sono tornou-se profundo e sossegado, eles o deixaram, trancaram novamente a porta e se retiraram, pretendendo tornar a visitá-lo cedo pela manhã.

CAPÍTULO 26

OS MINEIROS-GOBLINS

Nessa mesma noite, vários dos empregados estavam conversando antes de ir deitar. “O que poderá ser aquele barulho?”, disse uma das criadas, que esteve ouvindo atenta por um ou dois momentos.

“Tenho ouvido alguma coisa nas últimas duas noites”, disse a cozinheira. “Eu pensaria que eram ratos se houvesse algum, mas meu Tom os mantém bem longe.”

“Mas eu tenho ouvido”, disse a lavadeira de pratos, “que os ratos andam em grandes bandos algumas vezes. Pode haver um exército deles nos invadindo. Ouvi ruídos ontem e hoje também.”

“Será muito divertido então para o meu Tom e o Bob da senhora governanta”, disse a cozinheira. “Eles serão amigos pelo menos uma vez na vida e lutarão do mesmo lado. Vou encarregar Tom e Bob de afugentar todos os ratos.”

“Parece-me”, disse a aia, “que os ruídos são altos demais para ser de ratos. Eu os ouvi o dia todo, e minha princesa me perguntou várias vezes o que poderia ser. Algumas vezes, soam como um trovão distante, e outras vezes como o barulho daqueles horríveis mineiros embaixo da terra nas montanhas.”

“Eu não me admiraria”, disse a cozinheira, “se no fim das contas fossem os mineiros. Eles devem ter chegado a algum túnel na montanha e através dele os ruídos nos alcançam. Vocês sabem, estão sempre furando, fazendo explosões e quebrando.”

Enquanto ela falava, ouviram um retumbante estrondo abaixo delas, e a casa estremeceu. Todos se sobressaltaram aterrorizados e, correndo para o salão, encontraram os guardas também atemorizados. Eles tinham mandado acordar o capitão, e, pela descrição que lhe fizeram ele disse que podia ser um terremoto, uma ocorrência que, embora muito rara no país, já tinha acontecido bem no início do século; e em seguida, por estranho que pareça, foram novamente para a cama e adormeceram profundamente. Sequer pensaram em Curdie ou associaram os ruídos que ouviram com o que ele lhes contara. Ele não acreditara em Curdie. Se tivesse acreditado, teria imediatamente pensado no que ele dissera e teria tomado precauções. Como nada mais ouviram, concluíram que Sir Walter estava com a razão e que o perigo tinha passado, talvez por outros cem anos. O fato, como se descobriu depois, era que os goblins, trabalhando uma segunda face da pedra, tinham chegado a um enorme bloco que ficava sob as adegas da casa bem na área da fundação. Era tão redondo que, quando conseguiram após árduo trabalho deslocá-lo, sem fazê-lo explodir, o bloco rolou ribombando e ricocheteando desabaladamente pelo declive abaixo, e isso sacudiu a fundação

da casa. Os goblins ficaram eles próprios atemorizados com o barulho, pois sabiam, por meio de observações e medidas cuidadosas, que deviam agora estar muito próximos da casa do rei se não estivessem já sob ela, e temiam provocar alarme. Por isso, permaneceram quietos por algum tempo e, quando reiniciaram o trabalho, se consideraram muito afortunados, pois tinham chegado a um veio de areia que enchia uma fissura tortuosa no rochedo, sobre o qual a casa fora construída. Depois de retirar a areia, saíram na adega de vinhos do rei.

Logo que viram onde estavam, voltaram apressadamente, como ratos para seus buracos e, correndo a toda para o palácio, anunciaram o sucesso ao rei e rainha com gritos triunfantes. A família real goblin e todo o povo goblin se puseram a caminho da casa do rei fervilhantes de pressa e ansiosos por ter uma parte na glória de arrebatá-la naquela mesma noite a princesa Irene.

A rainha seguia a passos pesados com um sapato de pedra e outro de couro. Isto não podia ser agradável, e meus leitores podem perguntar por que, com operários tão hábeis ao seu redor, ela ainda não tinha substituído o pé de sapato levado por Curdie. Entretanto, como o rei tinha mais do que um motivo para opor-se aos seus sapatos de pedra, ele sem dúvida, depois de descobrir os dedos em seus pés, tirou proveito disso e ameaçou expor essa deformidade se ela mandasse fazer outro. Eu suponho que ele insistiu para que ela se contentasse com sapatos de couro e permitiu-lhe usar o pé de sapato de granito nessa ocasião apenas porque ela estava indo para a guerra.

Logo chegaram à adega de vinho do rei e, indiferentes aos enormes recipientes de que eles desconheciam o uso, começaram sem demora, mas tão silenciosamente como podiam, a forçar a porta que conduzia para cima.

CAPÍTULO 27

OS GOBLINS NA CASA DO REI



Ao adormecer, Curdie começou imediatamente a sonhar. Ele pensava que estava subindo a encosta da montanha pelo lado da entrada da mina. Assobiava e cantava “toca, treme, bate!”, quando encontrou uma mulher e uma criança que tinham perdido o rumo, e a partir daí continuou a sonhar tudo o que lhe acontecera desde que havia encontrado a princesa e Lootie; como ele vigiara os goblins, como tinha sido apanhado por eles, como tinha sido salvo pela princesa; tudo mesmo, até ser capturado e aprisionado pelos guardas. E agora pensava estar completamente acordado onde eles o tinham deitado, quando repentinamente ouviu um som estrondoso.

“Os goblins estão chegando!”, ele disse. “Eles não acreditaram uma palavra do que eu lhes disse! Os goblins vão levar a princesa debaixo de seus

estúpidos narizes! Mas não vão, isso não vão, não!”

Deu um pulo enquanto pensava, e começou a vestir-se, mas para seu desalento, verificou que ainda estava deitado na cama.

“Agora vou!”, falou. “Aqui vou! Estou de pé agora!”

Mas novamente, achou-se aconchegado na cama. Vinte vezes ele tentou, e vinte vezes não conseguiu, pois de fato não estava acordado, apenas sonhando é que estava. Finalmente, numa agonia de desespero, imaginando ter ouvido os goblins pela casa toda, deu um forte grito. Ai vinham eles, como ele imaginava, uma mão no trinco de sua porta. A porta se abriu, e ao olhar, viu uma senhora de cabelos brancos entrar no quarto carregando uma caixa de prata na mão. Ela aproximou de sua cama, ele pensou, acariciou-lhe a cabeça e o rosto com mãos frescas e macias, tirou o curativo de sua perna, esfregou-a com alguma coisa que tinha o perfume de rosas, e depois fez três vezes um sinal com as mãos. Ao último sinal de suas mãos, tudo se desvaneceu e Curdie se sentiu mergulhar no mais profundo descanso e de nada mais se lembrava, até acordar de verdade.

A lua que estava se escondendo, lançava uma luz fraca entre os batentes da janela e um grande tumulto enchia a casa. Havia numerosos bater de pés, macios, pesados, um estrépito e clangor de armas, vozes de homens e gritos de mulheres, misturados com horríveis berros que soavam vitoriosos. Os goblins estavam na casa! Curdie pulou da cama, vestiu alguma roupa apressadamente, pegou seus sapatos reforçados com pregos, e então, vendo um velho facão de caça, ou espada curta, pendurado na parede, apanhou-o e se arrojou escada abaixo guiado pelos sons da luta cada vez mais altos.

Quando chegou ao pavimento térreo, encontrou o lugar fervilhando. Todos os goblins da montanha pareciam reunidos ali. Ele se lançou entre eles gritando:

Um, dois

Ataca e derruba

Três, quatro

Explode e fura

E a cada verso avançava esmagando com os pés a toda força, cortando ao mesmo tempo rostos e executando deveras uma dança de sabre da mais bárbara descrição. Os goblins se espalharam em todas as direções - foram para dentro de armários, subiram as escadas, foram para dentro de chaminés, subiram para as vigas e desceram para a adega. Curdie continuou golpeando com os pés, cortando e cantando, mas não viu ninguém da casa até chegar ao grande salão. Logo que ali entrou, explodiu um grande grito dos goblins. O último dos guardas, o próprio capitão, estava no chão debaixo de uma multidão de goblins chafurdeiros. Pois, enquanto cada cavaleiro defendia-se como podia, a rainha atacou-lhe as pernas e pés com seu horrendo sapato de granito, e ele logo caiu; mas o capitão estava com as costas para a parede e resistiu por mais tempo. Os goblins teriam feito todos em pedaços, mas o rei deu ordens para levá-los vivos, e sobre cada um deles, em doze grupos, permanecia uma aglomeração de goblins, mas todos que podiam encontrar espaço sentavam-se sobre o corpo prostrado de

suas vítimas.

Curdie irrompeu dançando, girando, batendo os pés e cantando como se fosse a pequena materialização de um furacão.

Onde tudo é oco senhor
Ocos nunca contém:
sapatos seus ter solas senhor
Se alma eles não têm?
Mas nos pés ela traz senhor
De granito um tal calçado
A mais forte bota de courim senhor
Num zaz ela teria rasgado

A rainha deu um berro de ódio e pavor, e antes que pudesse recuperar sua presença de espírito, Curdie, tendo começado com o grupo que estava mais próximo, conseguiu que onze dos cavaleiros ficassem novamente de pé.

“Pisem nos pés deles!”, ele gritou, quando cada homem se levantou, e em alguns minutos o salão ficou quase vazio. Os goblins fugiam o mais depressa que podiam, uivando, gritando e mancando. Abaixavam a todo momento para afagar seus pés feridos ou protegê-los das pavorosas pisadas dos guardas.

E agora Curdie se aproximava do grupo que, confiando na rainha e seu sapato, mantinham a guarda sobre o capitão prostrado. O rei sentava sobre a cabeça do capitão, mas a rainha permanecia na frente dele como um gato enfurecido, com seus olhos verdes relampejantes e o cabelo metade em pé na sua cabeça horrorosa. Mas o coração dela tremia e o pé com sapato de couro movia-se nervosamente. Quando Curdie chegou a poucos passos, ela se arremessou contra ele, deu uma tremenda socada no pé dele, que felizmente ele retirou a tempo, e apanhou-o pela cintura para arremessá-lo no piso de mármore. Mas assim que ela o apanhou, ele veio com todo o peso de seu calçado equipado de pregos contra o pé dela com sapato de couro, e com um pavoroso urro ela o deixou, sentou-se de cócoras no assoalho e segurou o pé com ambas as mãos. Nesse meio tempo, os soldados restantes se jogaram sobre o rei e seu guarda-costas e os fizeram voar, levantaram o capitão prostrado que estava quase morto de tão comprimido. Foram necessários alguns momentos para ele recuperar o fôlego e a consciência.

“Onde está a princesa?”, gritava Curdie constantemente.

Ninguém sabia, e todos irromperam à sua procura. Vasculharam cada quarto na casa, mas em lugar algum a encontraram. Nem se via nenhum dos criados. Curdie, porém, que tinha ficado na parte inferior da casa, agora bastante silenciosa, começou a ouvir um som confuso como o de um tumulto distante, e se pôs a procurar de onde vinha. O barulho crescia à medida que seus ouvidos apurados o guiavam para uma escada e daí à adega de vinho. Estava cheio de goblins, e o copeiro os enchia de vinho tão rapidamente quanto conseguia extrair dos barris.

Enquanto a rainha e seu grupo lutavam com os guardas, Lábio Leporino

com outros companheiros foram explorar a casa. Capturavam cada um que encontravam, e quando não conseguiram encontrar mais ninguém, apressaram-se a carregá-los para as cavernas subterrâneas. Mas quando o copeiro, que estava entre eles, descobriu que o caminho deles era a adega de vinho, ele resolveu persuadi-los a experimentar o vinho, e como esperava, assim que o provaram, estavam querendo mais. Os goblins desbaratados, em seu caminho para baixo, se juntaram a eles, e quando Curdie entrou, todos tinham as mãos estendidas com recipientes de todos os tipos, desde frigideiras até taças de prata. Comprimiam-se ao redor do copeiro, que, sentado junto a um imenso barril, enchia e enchia. Curdie olhou ao redor antes de começar seu ataque e viu no canto mais retirado um grupo aterrorizado de empregados, não eram vigiados, mas se escondiam sem coragem para tentar fugir. Entre eles, estava o rosto atemorizado de Lootie; mas em parte alguma ele conseguiu ver a princesa. Tomado de uma convicção terrível de que Lábio Leporino já tinha fugido com ela, Curdie avançou contra eles, incapacitado de cantar pela cólera, mas pisoteando-os e cortando-os mais furioso do que nunca.

“Esmaguem seus pés, esmaguem seus pés!”, ele gritava, e num instante os goblins foram desaparecendo pelo buraco no chão como ratos e camundongos.

Entretanto, eles não puderam sumir tão depressa. Mas muitos goblins tiveram de voltar mancando para os caminhos subterrâneos da montanha naquela manhã.

Porém, em breve vieram reforço de cima pelo rei e seus companheiros com a terrível rainha na frente. Encontrando Curdie novamente ocupado entre seus desventurados súditos, ela avançou contra ele mais uma vez, com a fúria do desespero, e desta feita causou-lhe uma forte contusão no pé. Então, uma verdadeira luta de pisa-pisa começou entre eles. Curdie com a ponta de sua faca de caça a impedia de agarrá-lo com seus poderosos braços, enquanto aguardava oportunidade de dar-lhe mais uma boa pisada no pé, naquele com sapato de couro. Mas a rainha estava mais cuidadosa e muito mais ágil do que até então.

Entrementes, os outros goblins, vendo o seu adversário assim engalfinhado na luta, pararam sua gana impetuosa e se voltaram para o grupo de mulheres trêmulas no canto. Como se estivesse determinado a imitar seu pai e conseguir uma mulher-do-sol, qualquer tipo que fosse, para partilhar seu futuro trono, Lábio Leporino atirou-se a elas, apanhou Lootie e correu com ela para o buraco. Ela deu um grito terrível. Curdie escutou e viu o apuro em que ela estava. Juntando toda a sua força, ele fez inesperadamente um corte ao longo do rosto da rainha, e, enquanto ela recuava assustada, desceu com todo o seu peso sobre o seu pé desguarnecido e pulou fora atrás de Lábio Leporino para salvar Lootie. O príncipe tinha dois pés sem defesa, e Curdie pisou em ambos bem no momento em que alcançava o buraco. Lábio Leporino deixou cair seu fardo e rolou gritando para dentro da terra. Curdie golpeou-o com a faca enquanto ele desaparecia, apanhou Lootie, que estava sem sentidos, levou-a de volta para o canto e ficou ali de guarda, preparando-se mais uma vez para enfrentar a rainha. Com o rosto todo ensanguentado e os olhos fuzilando como um relâmpago verde,

ela adiantou-se com a boca aberta e dentes arreganhados como os de um tigre. Vinha seguida do rei e seu guarda-costas, o mais largo dos goblins. Mas já o capitão e seus homens avançaram contra eles pisoteando-os furiosamente. Eles não se arriscaram a enfrentar um ataque desses. Retiraram-se correndo, a rainha na frente. Naturalmente, a coisa certa seria aprisionar o rei e a rainha e mantê-los como reféns para salvar a princesa, mas estavam tão ansiosos em encontrá-la que ninguém pensou em detê-los, até ser tarde demais.

Tendo então salvo os criados, começaram uma vez mais suas buscas pela casa. Nenhum deles podia dar a menor informação sobre a princesa. Lootie parecia quase uma imbecil, de tão aterrorizada, e embora mal pudesse andar, não saía do lado de Curdie por um único momento. Ele deixou os outros fazer novamente uma busca no resto da casa — onde, exceto por algum apavorado goblin, escondendo-se aqui e ali, não encontraram ninguém — e pediu a Lootie para levá-lo ao quarto da princesa. Ela estava tão submissa e obediente como se Curdie fosse o rei.

Ele encontrou as roupas de cama jogadas, a maioria delas no chão, e as roupas da princesa espalhadas pelo quarto todo, que estava na maior desordem. Era por demais evidente que os goblins tinham estado ali, e Curdie não teve mais nenhuma dúvida de que ela tinha sido levada por eles logo que começou a invasão.

Viu, com uma profunda dor de desespero, quanto estavam errados em não segurarem o rei, rainha e príncipe; mas estava determinado a encontrar e salvar a princesa, como ela o tinha encontrado e salvo, ou encontrar o pior destino, a que os goblins poderiam condená-lo.

CAPÍTULO 28

O GUIA DE CURDIE

Quando o consolo dessa resolução surgiu na mente de Curdie, e ele estava voltando para a adega a fim de seguir os goblins pelo caminho que ali abriram, algo tocou sua mão. Era um toque muito suave, e quando ele olhou nada viu. Tateando e perscrutando ao redor na madrugada cinzenta, seus dedos sentiram um fio esticado. Olhou de novo e minuciosamente, mas ainda não conseguiu enxergar coisa alguma. Veio-lhe um lampejo à mente de que devia ser o fio da princesa. Sem dizer palavra, pois sabia que ninguém acreditaria, do mesmo modo como ele não acreditara na princesa, seguiu o fio cora o dedo, conseguiu escapar de Lootie e logo estava fora da casa na encosta da montanha. E com espanto supôs que, se o fio era realmente um mensageiro da avó, ele podia ter levado a princesa para dentro da montanha, onde era certo que ela encontraria os goblins voltando furiosos pela derrota sofrida. Porém, Curdie se apressou na esperança de alcançá-la primeiro. Contudo, ao chegar ao local onde o caminho dava a volta para a mina, viu que o fio não fazia a volta, mas ia diretamente para cima da montanha. Seria possível que o fio o estava conduzindo para casa? Poderia a princesa estar lá? Subiu a montanha aos pulos, como uma de suas cabras, e antes do raiar do sol o fio o levou realmente para a porta de sua mãe. Lá, desapareceu de seus dedos, e ele não conseguiu encontrá-lo por mais que o procurasse.

A porta estava apenas fechada com o trinco. Abriu e lá estava sua mãe ao pé do fogo, e em seus braços a princesa profundamente adormecida.

“Quieto, Curdie!”, disse a mãe. “Não a desperte. Estou tão feliz que você chegou! Pensei que os goblins tivessem apanhado você novamente!”

Com o coração cheio de alegria, Curdie sentou a um canto da lareira, num banquinho oposto à cadeira de sua mãe, e olhou para a princesa, que dormia tão sossegada como se estivesse em sua própria cama. Nesse instante ela abriu os olhos e o fixou.

“Oh, Curdie! você chegou!”, ela disse baixinho. “Eu achei que você viria!”

Curdie levantou-se e ficou diante dela com os olhos no chão.

“Irene”, ele disse, “sinto muito não ter acreditado em você.”

“Oh, não tem importância, Curdie!”, respondeu a princesa. “Você não podia, você sabe. Agora você acredita em mim, não é?”

“Agora não posso evitá-lo. Eu deveria ter acreditado antes.”

“Por que você não pode evitá-lo agora?”

“Porque, justamente quando eu estava indo para a montanha à sua procura, eu apanhei seu fio e ele me trouxe para cá.”

“Então você está vindo de minha casa, não é?”

“Sim, estou.”

“Eu não sabia que você esteve lá.”

“Acho que estive lá dois ou três dias.”

“E eu não soube disso! Então talvez você possa me contar por que minha avó me trouxe para cá. Não posso imaginar. Alguma coisa me despertou, eu não sabia o quê, mas eu estava assustada e procurei sentir o fio, e lá estava ele! Fiquei mais assustada ainda quando me levou para a montanha, pois pensei que ia me conduzir para dentro dela novamente, e eu gosto bem mais do lado de fora. Pensei que você estivesse novamente em dificuldade e tivesse de tirar você para fora. Mas, ao invés, trouxe-me para cá, e oh Curdie! sua mãe tem sido tão bondosa comigo, tal como minha avó!”

Aqui, a mãe de Curdie deu um abraço na princesa, que voltou-se, deu-lhe um sorriso doce e levantou a boca para beijá-la.

“Então você não viu os goblins?”, perguntou Curdie.

“Não, eu não estive dentro da montanha, já lhe disse, Curdie.”

“Mas os goblins estiveram na sua casa, na casa toda, e no seu quarto e fizeram tamanha desordem!”

“O que eles queriam lá? Foi muito grosseiro da parte deles.”

“Eles queriam você, levar você para dentro da montanha como esposa do príncipe deles, Lábio Leporino.”

“Oh, que horror!”, gritou a princesa, estremecendo.

“Mas você não precisa ter receio, você sabe. Sua avó cuida de você.”

“Ah! Você acredita em minha avó então. Fico tão contente! Ela me fez pensar que algum dia você ia acreditar.”

De repente, Curdie lembrou-se do seu sonho e ficou silencioso pensando.

“Mas como aconteceu você estar em minha casa e eu não saber?”, perguntou a princesa.

Então Curdie teve de explicar tudo, como ele tinha vigiado os goblins por causa dela, como fora ferido e depois trancado pelos soldados, como ele tinha ouvido o barulho sem poder levantar, e como a linda velha senhora viera para ele, e tudo o mais que se seguiu.

“Pobre Curdie! Ficar deitado lá, ferido e doente, e eu sem saber de nada!”, exclamou a princesa acariciando sua mão calejada. “Eu teria cuidado de você se tivessem me contado.”

“Não vi você mancar”, disse a mãe.

“Não, mamãe? Oh, sim, suponho que devia estar mancando. Podem

acreditar, nunca pensei nisso desde que me levantei para descer e me deparar com os goblins!”

“Deixe-me ver seu ferimento”, disse a mãe.

Curdie puxou a meia para baixo - e, veja só, com exceção de uma grande cicatriz, sua perna estava perfeitamente sadia!

Curdie e sua mãe olharam nos olhos um do outro cheios de espanto, mas Irene falou:

“Foi o que pensei, Curdie. Eu tinha certeza de que não era um sonho e que minha avó esteve lá para vê-lo. Você não sentiu perfume de rosas? Foi minha avó que curou sua perna e enviou você para me ajudar.”

“Não, Princesa Irene”, disse Curdie; “eu não era digno de que me permitissem ajudá-la; eu não lhe dei crédito. Sua avó cuidou de você sem mim.”

“Ela enviou você para ajudar meu povo, seja como for. Desejaria que meu papai-rei viesse. Quero tanto contar a ele como você tem sido bom!”

“Mas”, disse a mãe, “estamos nos esquecendo de como o seu povo deve estar assustado. Você deve levar a princesa para casa imediatamente, Curdie, ou pelo menos dizer-lhes onde ela está.”

“Sim mamãe. Só que estou morrendo de fome. Por favor, deixe-me tomar meu café primeiro. Eles deviam ter prestado atenção ao que eu lhes disse, e então não teriam sido apanhados de surpresa como aconteceu.”

“Isso é verdade, Curdie, mas não cabe a você culpá-los tanto. Você se lembra?”

“Sim, mamãe, lembro-me. Só que realmente preciso comer alguma coisa.”

“Sim, meu filho, vou preparar algo o mais rápido que eu puder”, disse a mãe, erguendo-se e deixando a princesa na cadeira.

Mas antes de seu café ficar pronto, Curdie pulou tão subitamente, que espantou ambas.

“Mamãe, mamãe!”, ele gritou, “eu estava me esquecendo. Você mesma deverá levar a princesa para casa. Eu preciso acordar meu pai.”

Sem uma palavra de explicação, ele correu para acordar o pai. Despertou-o completamente com o que lhe contou e saiu correndo de casa.

CAPÍTULO 29

TRABALHO DE PEDREIRO

Imediatamente, Curdie se lembrou da resolução dos goblins de realizarem seu segundo plano se fracassado o primeiro. Sem dúvida, já estavam todos no trabalho, e a mina portanto estava no maior perigo de ser inundada e tornada inútil, sem falar das vidas dos mineiros.

Ao alcançar a boca da mina, depois de acordar todos os mineiros ao seu alcance, encontrou seu pai e outros mais já no trabalho. Todos se apressaram para a passagem, pela qual Curdie tinha encontrado um caminho para o reino dos goblins. Lá, por precaução, Peter já tinha reunido uma grande quantidade de blocos de pedra e cimento, prontos para vedar o ponto vulnerável, muito bem conhecido dos goblins. Embora não houvesse espaço para mais de dois fazer o trabalho e deixá-lo pronto imediatamente, eles se organizaram e, pondo todos os demais para preparar o cimento e passar as pedras, conseguiram terminar durante o dia um enorme contraforte que vedava todo o espaço da passagem e era sustentado no todo por rochedos firmes. Antes da hora em que geralmente paravam de trabalhar, convenceram-se de que a mina estava segura.

Eles ouviram os martelos e as picaretas dos goblins trabalhando o tempo todo, e por fim imaginaram perceber sons de água nunca ouvidos antes. Mas isso ficou esclarecido quando deixaram a mina; pois eles saíram em meio a uma tremenda tempestade que desabava sobre tudo. Os trovões ribombavam e os relâmpagos saíam de uma enorme nuvem negra sobre a montanha, e de suas extremidades e em toda a sua extensão pendia uma névoa espessa. Os relâmpagos irrompiam também da montanha e iam lampejar na nuvem. A julgar pelo estado dos regatos, agora intumescidos como torrentes enfurecidas, era evidente que o temporal fora violento o dia todo.

A ventania era tal, que parecia querer varrê-lo da montanha, mas, preocupado com sua mãe e a princesa, Curdie se lançou com ímpeto no meio da tempestade. Mesmo que elas não tivessem saído antes da tempestade, ele não as imaginava seguras, pois numa tal tormenta, até sua pobre, pequenina casa estava em perigo. Na verdade ele logo viu que teria sido varrida se não fosse o enorme rochedo contra o qual tinha sido construída, e que a protegia tanto dos ventos como das águas; pois as duas torrentes em que o rochedo dividia atrás dele o curso da água uniam-se novamente na frente da casa - dois regatos perigosos e estrondosos, que sua mãe e a princesa não poderiam atravessar. Foi com enorme dificuldade que ele abriu caminho através de um deles, e chegou à porta.

No momento que sua mão caiu sobre o trinco, veio em meio ao tumulto dos ventos e das águas o grito alegre da princesa:

“É Curdie! Curdie! Curdie!”

Ela estava sentada na cama embrulhada em cobertores, e sua mãe tentava acender pela centésima vez o fogo que se tinha apagado com a chuva que entrava pela chaminé. O chão de terra era uma massa de lama e todo o local tinha uma aparência desoladora. Mas o rosto de sua mãe e da princesa brilhava como se seus infortúnios as tornassem mais alegres. Curdie deu uma risada ao vê-las.

“Nunca me diverti tanto!” disse a princesa, os olhos luzindo e os belos dentes brilhando. “Como deve ser gostoso viver numa casa sobre a montanha!”

“Tudo depende de como sua casa é por dentro”, disse a mãe.

“Eu sei o que a senhora quer dizer”, falou Irene. “É o tipo da coisa que minha avó diz.”

Quando Peter voltou, a tempestade quase passara, mas os regatos estavam tão bravios e inchados, que não só estava fora de cogitação que a princesa descesse a montanha, mas muito perigoso até para Peter ou Curdie tentarem isso na escuridão que se aproximava.

“Eles vão ficar muito preocupados com você”, disse Peter para a princesa, “mas nada podemos fazer. Devemos esperar até amanhã.”

Com a ajuda de Curdie, o fogo finalmente foi aceso, e a mãe se pôs a preparar o jantar: e depois do jantar, todos contaram histórias para a princesa até ela ficar sonolenta. Então a mãe de Curdie deitou-a na cama dele, que ficava num minúsculo quartinho no sótão. Logo que se deitou, Irene viu pela pequena janela no telhado a lâmpada de sua avó brilhando longe lá em baixo, e ela ficou olhando para o lindo globo prateado até adormecer.

CAPÍTULO 30

O REI E O BEIJO



Na manhã seguinte, o sol nasceu tão brilhante que fez Irene dizer que a chuva tinha lavado seu rosto e deixado a luz tão pura. As torrentes ainda desciam rugindo a encosta da montanha, mas estavam muito mais reduzidas e não apresentavam perigo à luz do dia. Após o café da manhã logo cedo, Peter foi para seu trabalho e Curdie e sua mãe foram levar a princesa para casa. Tiveram dificuldade em impedir que se molhasse na travessia dos regatos e Curdie precisou carregá-la várias vezes, mas finalmente alcançaram a parte mais larga da estrada e desceram tranquilos para a casa do rei. E o que presenciaram ao virar a última curva não foi outra coisa senão o último soldado da tropa do rei atravessando o portão!

“Oh, Curdie!”, gritou Irene batendo palmas de alegria, “meu papai-rei chegou.”

Assim que Curdie ouviu isso, ele apanhou a princesa nos braços e rompeu a toda velocidade gritando:

“Venha, mamãe! O rei poderá ficar de coração partido se não souber que ela está salva.”

Irene agarrou-se ao pescoço de Curdie, e ele correu com ela com a rapidez de um cervo. Quando atravessava o portão para o pátio, lá estava o rei em seu cavalo com todos da casa ao redor chorando de cabeça baixa. O rei não chorava, mas seu rosto estava branco como se a vida o tivesse deixado. Os soldados que o acompanhavam tinham uma expressão de horror no rosto, mas os olhos faiscavam de ódio esperando somente pela palavra do rei para agir - eles não sabiam como, e ninguém sabia como.

No dia anterior, os soldados da casa, logo que se certificaram de que a princesa tinha sido levada, foram atrás dos goblins pela passagem, mas viram que eles já tinham bloqueado habilmente a parte mais estreita, não muitos metros abaixo da adega, e sem os mineiros e suas ferramentas nada podiam fazer. Nenhum deles sabia onde ficava a boca da mina, e os que saíram para tentar achá-la foram surpreendidos pela tempestade e sequer tinham retornado. O pobre Sir Walter estava especialmente cheio de vergonha, e já esperava que o rei ordenasse que lhe decepasse a cabeça, pois era insuportável imaginar aquele doce rostinho lá em baixo entre os goblins.

Quando Curdie entrou pelo portão com a princesa em seus braços, estavam todos tão absorvidos em sua própria angústia e amedrontados com a presença e tristeza do rei, que ninguém notou sua chegada. Foi direto ao rei.

“Papai, papai!”, gritou a princesa estendendo os braços para ele, “aqui estou!”

O rei estremeceu. A cor voltou-lhe ao rosto. Deu um grito estrangulado. Curdie levantou a princesa e o rei se inclinou para apanhá-la. Quando ele a apertou em seu peito, grandes lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. E um tal clamor veio de todos os presentes, que os cavalos empinavam e saltavam assustados, a armadura soava e retinia e os rochedos da montanha ecoavam todo esse rumor. A princesa cumprimentou todos aninhada no regaço do pai, e o rei não a deixou descer antes de contar tudo o que acontecera. Porém, ela tinha mais a revelar sobre Curdie do que sobre si própria, e o que ela contou sobre si ninguém pôde compreender, exceto o rei e Curdie, que permanecia perto do joelho do rei acariciando o pescoço do grande cavalo branco. E enquanto ela contava o que Curdie fizera, Sir Walter e os demais faziam coro ao que ela dizia, até Lootie participou dos elogios à sua coragem e força.

Curdie manteve-se quieto, olhando calmamente para o rei. E sua mãe permanecia fora da multidão ouvindo com satisfação, pois a façanha de seu filho era uma alegria aos seus ouvidos, até que a princesa a viu.

“E lá está a mãe dele, papai-rei”, ela disse. “Veja, ali. Ela é uma mãe tão

gentil e foi tão boa para mim!”

Todos abriram caminho quando o rei acenou-lhe para se aproximar. Ela obedeceu e o rei deu-lhe a mão, mas não pôde falar.

“E agora, papai-rei”, prosseguiu a princesa, “devo dizer-lhe mais uma coisa. Uma noite, já faz tempo, Curdie afugentou os goblins e nos trouxe salvas da montanha, Lootie e eu. Eu lhe prometi um beijo quando chegamos em casa, mas Lootie não me deixou beijá-lo. Não quero que você censure Lootie, mas quero que você lhe diga que uma princesa deve fazer o que prometeu.”

“Realmente deve, minha filha, exceto se for errado”, disse o rei. “Vamos, dê um beijo em Curdie.”

E enquanto falava, o rei segurou-a na direção de Curdie.

A princesa se abaixou, lançou seus braços ao redor do pescoço de Curdie e o beijou na boca dizendo:

“Pronto, Curdie! Eis o beijo que lhe prometi!”

Então, foram todos para dentro da casa e a cozinheira correu para a cozinha e os empregados para suas tarefas. Lootie vestiu Irene com suas roupas brilhantes, o rei tirou a armadura e vestiu-se de púrpura e ouro. Um mensageiro foi enviado para buscar Peter e todos os mineiros, e houve uma festa enorme e grandiosa, que continuou ainda por muito tempo depois que a princesa foi levada para a cama.

CAPÍTULO 31

AS ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

O harpista do rei, que sempre formava parte de sua comitiva, estava cantando uma balada que inventara enquanto tocava seu instrumento - sobre a princesa e os goblins e a proeza de Curdie - quando parou de repente com os olhos em unia das portas do salão. Imediatamente, os olhos do rei e seus convidados se voltaram também para aquela direção. No momento seguinte, a princesa Irene apareceu na porta. Foi diretamente até seu pai, com sua mão direita estendida um pouco de lado e seu dedo indicador, conforme seu pai e Curdie entenderam, tateando seu caminho ao longo do fio invisível. O rei sentou-a sobre seus joelhos e ela lhe disse ao ouvido:

“Papai-rei, você está ouvindo o barulho?”

“Não ouço nada”, disse o rei.

“Preste atenção”, ela disse, levantando seu dedo indicador.

O rei prestou atenção, e fez-se grande silêncio entre os convidados. Cada homem, vendo que o rei prestava atenção, também ficou atento e o harpista deixou a harpa entre os braços e pôs os dedos silenciosos nas cordas.

“Estou ouvindo um ruído”, disse o rei finalmente, “um ruído como o de um trovão distante. Está chegando cada vez mais perto. O que poderá ser?”

Todos ouviam agora, e cada um parecia pronto a se levantar enquanto ouvia. Contudo, todos ficaram sentados completamente quietos. O barulho chegava cada vez mais perto.

“O que poderá ser?”, perguntou o rei novamente.

“Penso que deve ser outra tempestade chegando na montanha”, respondeu Sir Walter.

Então Curdie, que às primeiras palavras do rei moveu-se silenciosamente de sua cadeira e escutou com o ouvido rente ao chão, levantou-se rapidamente e, aproximando-se do rei, falou muito depressa:

“Por favor, Vossa Majestade, eu penso que sei o que é. Não tenho tempo para explicar, pois poderia tornar-se tarde demais para alguns de nós. Poderia Vossa Majestade dar ordens para que todos deixem a casa o mais rapidamente possível e sigam para a montanha?”

O rei, que era o homem mais sábio do reino, sabia muito bem que há um momento em que as coisas devem ser feitas e as perguntas deixadas para depois. Ele confiava em Curdie, e levantou-se instantaneamente com Irene em seus braços.

Todos, homens e mulheres me sigam”, ele disse, e saiu para a escuridão.

Antes de chegar ao portão, o barulho tinha-se tornado um enorme rugido trovejante, o chão tremeu sob seus pés, e antes de o último deles atravessar o pátio, atrás deles veio da porta do grande salão uma enorme investida de água barrenta que quase os varreu. Mas escaparam ilesos saindo pelo portão e subindo a montanha enquanto a torrente foi rugindo pela estrada para o vale.

Curdie tinha deixado o rei e a princesa cuidarem de sua mãe, que ele e seu pai, um de cada lado, apanharam quando a torrente os alcançou.

Quando o rei desviou-se do caminho da água e subiu um pouco a montanha, parou com a princesa nos braços olhando para traz, espantado com a enxurrada que escoava e que luzia bravia e espumante na noite. Lá, Curdie se juntou a eles.

“Ora, Curdie”, disse o rei, “o que isto significa? Era isso o que você esperava?”

“Sim, Vossa Majestade”, respondeu Curdie, e começou a contar-lhe sobre o segundo plano dos goblins, os quais, supondo que os mineiros eram ao mundo superior mais importante do que eles, tinham resolvido, se fracassassem em arrebatá-la filha do rei, inundar a mina e afogar os mineiros. Explicou o que os mineiros tinham feito para evitar que isso acontecesse. Os goblins, para realizar seu plano, tinham soltado todos os reservatórios e correntes subterrâneas esperando que a água descesse para a mina localizada num ponto da montanha mais baixo que o deles, pois eles tinham, como imaginavam, ignorando a parede sólida imediatamente atrás, feito uma passagem para a inundar. Mas a saída encontrada pela água foi o túnel que tinham cavado sob a casa do rei. A possibilidade dessa catástrofe não ocorrera ao jovem mineiro até o momento em que ele colou o ouvido no piso do salão.

O que então deveria ser feito? A casa parecia em perigo de desabar, e a cada momento a correnteza aumentava.

“Devemos partir imediatamente”, disse o rei. Mas como chegar aos cavalos!”

“Posso ver se podemos controlar isso?”, disse Curdie.

“Pode”, respondeu o rei.

Curdie reuniu os soldados, conduziu-os por cima do muro do jardim e de lá para os estábulos. Encontraram seus cavalos aterrorizados; a água subia rapidamente ao redor dos animais, e estava na hora de tirá-los de lá. Mas não havia meios de fazer com que saíssem, a não ser cavalgando-os através da correnteza, que agora formava um aguaceiro saindo das janelas mais baixas e pela porta. Como era perfeitamente possível controlar um cavalo através de uma tal enxurrada, Curdie subiu no cavalo branco do rei e, conduzindo o caminho, levou-os todos em segurança para o terreno mais alto.

“Olhe, olhe, Curdie!”, gritou Irene no momento em que, tendo

desmontado, ele levava o cavalo para o rei.

Curdie olhou, e viu, alto no ar, em alguma parte sobre a casa do rei, um grande globo de luz brilhando como a prata mais pura.

“Oh!” gritou ele um pouco consternado, “aquela é a lâmpada de sua avó! Nós devemos levá-la para fora. Vou procurá-la. Vocês sabem, a casa pode desabar.”

“Minha avó não corre perigo”, disse Irene sorrindo.

“Aqui, Curdie, pegue a princesa enquanto eu monto meu cavalo”, disse o rei.

Curdie novamente apanhou a princesa e ambos olharam para o globo de luz. No mesmo instante, disparou dali um pássaro branco, que, descendo com as asas estendidas, fez um círculo ao redor do rei, de Curdie e da princesa e depois subiu novamente. A luz e a pomba desapareceram ao mesmo tempo.

“Agora, Curdie”, disse a princesa, enquanto ele a levantava para os braços do pai, “você vê que minha avó sabe tudo a respeito disso, e não está amedrontada. Acredito que ela pode andar na água e não se molhar nem um pouquinho.”

“Mas, minha filha”, disse o rei, “você se resfriará se não vestir um agasalho. Corra, Curdie, meu rapaz, e apanhe qualquer coisa que encontrar para aquecer a princesa. Temos uma longa viagem diante de nós.”

Curdie partiu na hora e logo voltou com uma rica peleça e com a notícia de que goblins mortos estavam sendo levados pela correnteza na direção da casa. Tinham sido apanhados em sua própria armadilha; em vez da mina, tinham inundado sua própria região; e dela estavam agora sendo varridos. Irene estremeceu, mas o rei a amparou em seu peito. Voltou-se então para Sir Walter e disse:

“Traga aqui o pai e a mãe de Curdie.”

“Desejo”, disse o rei, quando ambos estavam diante dele, “levar seu filho comigo. Ele fará parte de minha escolta imediatamente e aguardará uma futura promoção.”

Peter e sua esposa, emocionados, somente murmuraram agradecimentos quase inaudíveis. Mas Curdie falou alto.

“Por favor, Majestade”, ele disse, “eu não posso deixar meus pais.”

“Você está certo, Curdie!”, gritou a princesa. “Eu não deixaria se fosse você.”

O rei olhou para a princesa e depois para Curdie com um brilho de satisfação em seu rosto.

“Eu também penso que você tem razão, Curdie”, ele disse, “e não lhe pedirei novamente. Mas terei oportunidade de fazer alguma coisa por você

alguma vez.”

“Vossa Majestade já me permitiu servi-lo”, disse Curdie.

“Mas, Curdie”, disse sua mãe, “porque você não iria com o rei? Nós podemos nos arranjar muito bem sem você.”

“Mas eu não posso me arranjar muito bem sem vocês”, disse Curdie. “O rei é muito bondoso, mas eu não lhe seria tão útil como sou para vocês. Por favor, Majestade, o senhor não se incomodaria em dar à minha mãe uma saia vermelha! Eu teria conseguido uma para ela há muito tempo se não fossem os goblins.”

“Logo que chegarmos em casa”, disse o rei, Irene e eu procuraremos a mais quente e a enviaremos por um dos cavalheiros.”

“Sim, faremos isso, Curdie!”, disse a princesa. “E no próximo verão, voltaremos e encontraremos a senhora usando-a, mamãe de Curdie”, ela acrescentou. “Não é, papai-rei?”

“Sim, meu amor; assim espero”, disse o rei.

Voltando-se então para os mineiros, falou:

“Vocês poderiam ajudar meus criados esta noite? Espero que eles possam retornar para a casa amanhã.”

Os mineiros em uníssono prometeram sua hospitalidade.

Então o rei ordenou aos seus empregados que fizessem o que Curdie lhes dissesse, e depois de lhe apertar as mãos, de seu pai e de sua mãe, o rei com a princesa e toda a companhia partiram em meio a noite estrelada descendo pelo lado do novo rio, que já tinha devorado metade da estrada.

CAPÍTULO 32

ÚLTIMO CAPÍTULO

Todos subiram no monte, e separados em grupos para as casas dos mineiros. Curdie e seu pai e sua mãe tomou Lootie com eles. E todo o caminho uma luz, mais do que todos Lootie tinha entendido a origem, brilhava sobre seu caminho. Mas quando olharam em volta não puderam ver o globo prateado.

Durante dias e dias a água continuou a correr pelas portas e janelas da casa do rei, e alguns corpos goblins foram varridos para fora da estrada.

Curdie viu que algo devia ser feito. Ele falou com seu pai e o resto dos mineiros, e ao mesmo tempo passaram a fazer outra saída para as águas. Ao colocarem todas as mãos à obra, construindo túneis aqui e acolá, eles logo conseguiram, também fizeram um pequeno túnel de debaixo da casa do rei para escoar a água para fora, eles logo foram capazes de entrar na adega, onde encontraram uma multidão de goblins mortos – entre os restos da rainha, seu sapato de couro desaparecera, e o de pedra próximo ao tornozelo – a água tinha arrastado a barricada, o que impediu os soldados de seguirem os goblins, e tinha ampliado muito a passagem. Eles construíram o firmemente, e então voltaram para seus trabalhos na mina.

Uma boa parte dos goblins com suas criaturas escaparam da inundação indo para cima da montanha. Mas a maioria deles logo deixou essa parte do país, e a maior parte dos que permaneceram cresceram com caráter mais brando, e na verdade tornaram muito parecidos com os brownies escocêses. Seus crânios tornaram-se mais macios, bem como seus corações, seus pés cresceram mais, e aos poucos se tornaram amigos dos habitantes da montanha e até mesmo com os mineiros. Mas estes últimos eram impiedosos com quaisquer criaturas, que entrem no seu caminho, até que finalmente eles desapareceram.

O resto da história de A Princesa e o Curdie deve continuar em outro volume.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**